

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de ensino-aprendizagem de História e Geografia

Juliana Martins Pereira

M

2017



Juliana Martins Pereira

**A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de
ensino-aprendizagem de História e Geografia**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e Ensino Secundário

Orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Alves

Coorientado pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco

Orientadoras de Estágio, Dra. Alcina Ramos e Dra. Conceição Abreu

Supervisoras de Estágio, Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro e Professora Doutora
Felisbela Martins

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Novembro de 2017

A Banda Desenhada e o Cartoon no processo de ensino-aprendizagem de História e Geografia

Juliana Martins Pereira

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e Ensino Secundário

Orientada pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Coorientada pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco

Orientadoras de Estágio, Dra. Alcina Ramos e Dra. Conceição Abreu

Supervisoras de Estágio, Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro e Professora Doutora
Felisbela Martins

Membros do Júri

Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Doutora Cristiana Martinha Maia Oliveira da Fonseca Costa
Investigadora Doutorada do CITCEM

Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Agradecimentos.....	9
Resumo.....	10
Abstract.....	11
Índice de figuras.....	12
Índice de gráficos.....	13
Introdução.....	15
I – Enquadramento Científico.....	18
Capítulo 1 – A problematização da Banda Desenhada e do Cartoon.....	18
1.1. Definições e terminologia.....	18
1.2. Estrutura.....	27
1.2.1. A BD.....	27
1.2.1.1. Natureza icónica.....	28
1.2.1.2. Natureza textual.....	32
1.2.1.3. Natureza icónica e textual.....	33
1.2.2. O Cartoon.....	35
1.3. A importância da Banda Desenhada e do Cartoon na atualidade.....	36
1.4. A BD e o Cartoon no Ensino.....	41
II – Enquadramento Metodológico.....	48
Capítulo 1 – A BD e o Cartoon no Ensino da História e Geografia – Estudo de Caso.....	48
1.1. Caracterização da escola.....	48
1.2. Caracterização das turmas.....	51
1.3. Metodologia adotada.....	55
1.3.1. O primeiro inquérito por questionário.....	56
1.3.2. A BD e o Cartoon nas aulas de História.....	59
1.3.2.1. A Banda Desenhada.....	60
1.3.2.1.1. Motivação.....	60
1.3.2.1.2. Recurso sobre o tema.....	62
1.3.2.1.3. Consolidação.....	64
1.3.2.2. O Cartoon.....	65
1.3.2.2.1. Motivação.....	66
1.3.2.2.2. Recurso sobre o tema.....	67
1.3.2.2.3. Consolidação.....	68
1.3.3. A BD e o Cartoon nas aulas de Geografia.....	70
1.3.3.1. A Banda Desenhada.....	70
1.3.3.1.1. Motivação.....	70
1.3.3.1.2. Recurso sobre o tema.....	71

1.3.3.1.3. Consolidação.....	72
1.3.3.2. O Cartoon.....	73
1.3.3.2.1. Motivação.....	73
1.3.3.2.2. Recurso sobre o tema.....	74
1.3.3.2.3. Consolidação.....	75
1.3.4. Reflexão sobre a aplicação da BD e do Cartoon nas aulas de História e Geografia.....	77
1.3.5. O segundo inquérito por questionário.....	80
1.4. Análise dos resultados.....	80
Considerações Finais.....	96
Referências Bibliográficas.....	99
Anexos.....	103
Anexo 1 – Prancha de Banda Desenhada “Osíris”.....	103
Anexo 2 – Primeiro questionário.....	104
Anexo 3 – Prancha de Banda Desenhada exemplo.....	106
Anexo 4 – Cartoon exemplo.....	107
Anexo 5 – Primeira Banda Desenhada como Motivação – História.....	108
Anexo 6 – Segunda Banda Desenhada como Motivação – História.....	109
Anexo 7 – Terceira Banda Desenhada como Motivação – História.....	110
Anexo 8 – Primeira Banda Desenhada como recurso sobre o tema – História.....	111
Anexo 9 – Segunda Banda Desenhada como recurso sobre o tema – História.....	112
Anexo 10 – Terceira Banda Desenhada como recurso sobre o tema – História.....	113
Anexo 11 – Primeira Banda Desenhada utilizada como Consolidação – História.....	114
Anexo 12 – Segunda Banda Desenhada utilizada como Consolidação – História.....	115
Anexo 13 – Terceira Banda Desenhada utilizada como Consolidação – História.....	116
Anexo 14 – Primeiro Cartoon aplicado como Motivação – História.....	117
Anexo 15 – Segundo Cartoon aplicado como Motivação – História.....	118
Anexo 16 – Banda Desenhada aplicada como Motivação – História.....	118
Anexo 17 – Primeiro Cartoon aplicado como recurso sobre o tema – História.....	119
Anexo 18 – Segundo Cartoon aplicado como recurso sobre o tema – História.....	119
Anexo 19 – Terceiro Cartoon aplicado como recurso sobre o tema – História.....	120
Anexo 20 – Primeiro Cartoon utilizado como Consolidação – História.....	121
Anexo 21 – Segundo Cartoon utilizado como Consolidação – História.....	122
Anexo 22 – Terceiro Cartoon utilizado como Consolidação – História.....	123
Anexo 23 – Primeira Banda Desenhada como Motivação – Geografia.....	124
Anexo 24 – Segunda Banda Desenhada como Motivação – Geografia.....	125
Anexo 25 – Terceira Banda Desenhada como Motivação – Geografia.....	126
Anexo 26 – BD Climas Frios – Recurso sobre o tema – Geografia.....	127

Anexo 27 – BD Climas Temperados – Recurso sobre o tema – Geografia.....	128
Anexo 28 – BD Climas Quentes – Recurso sobre o tema – Geografia.....	129
Anexo 29 – BD Climas Quentes - Consolidação – Geografia.....	130
Anexo 30 – BD Climas Temperados - Consolidação – Geografia.....	130
Anexo 31 – BD Climas Frios - Consolidação – Geografia.....	131
Anexo 32 – Primeiro Cartoon aplicado como Motivação – Geografia.....	131
Anexo 33 – Segundo Cartoon aplicado como Motivação – Geografia.....	132
Anexo 34 – Terceiro Cartoon aplicado como Motivação – Geografia.....	132
Anexo 35 – Primeiro Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema – Geografia.....	133
Anexo 36 – Segundo Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema – Geografia.....	133
Anexo 37 – Terceiro Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema – Geografia.....	134
Anexo 38 – Primeiro Cartoon utilizado como Consolidação – Geografia.....	135
Anexo 39 – Segundo Cartoon utilizado como Consolidação – Geografia.....	136
Anexo 40 – Terceiro Cartoon utilizado como Consolidação – Geografia.....	137
Anexo 41 – Segundo questionário.....	138

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais por, ao longo desta jornada académica, me terem apoiado de forma incondicional e terem tentado que eu não esmorecesse em nenhum momento. Sei que foi bastante difícil, mas sem o vosso apoio não teria conseguido concluir esta etapa.

Agradeço também ao meu orientador, o Professor Doutor Luís Alves, pelos conselhos, apoio e, sobretudo, paciência que demonstrou ter perante as minhas fragilidades. Durante o Estágio, senti em determinadas situações algum desânimo, mas as suas palavras motivadoras renovavam as minhas energias. Agradeço-lhe também pelas críticas que me apontou ao longo deste Mestrado, pois estas contribuíram para o meu crescimento, tanto a nível pessoal como a nível profissional.

Deixo também uma palavra de agradecimento à minha coorientadora, a Professora Doutora Elsa Pacheco, pelos conselhos dados ao longo desta jornada.

Agradeço também às minhas orientadoras cooperantes, a Dra. Alcina Ramos e a Dra. Conceição Abreu, pelo profissionalismo, apoio e motivação demonstrados ao longo do ano de Estágio.

As minhas colegas de Estágio merecem também um agradecimento, por terem revelado um grande companheirismo e por me auxiliarem sempre que necessitei.

Agradeço ainda à Supervisora de Estágio, a Professora Doutora Cláudia Ribeiro, por me ter demonstrado, juntamente com o Professor Doutor Luís Alves, o que é a verdadeira paixão pelo ensino. Ambos são uma inspiração para mim.

Deixo ainda um agradecimento aos meus amigos pelo apoio, convivência e conselhos que me concederam ao longo destes anos.

A todos deixo um sincero obrigado! Foi uma etapa longa e difícil, mas sem a vossa ajuda, não conseguiria ultrapassá-la. E tal como refere Gregório Matos,

*“O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte”*

Resumo

A presente investigação foi realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia e centrou-se em dois recursos de aprendizagem: a Banda Desenhada e o Cartoon. Com este trabalho pretendemos perceber se estes dois recursos são bons para o desenvolvimento da aprendizagem e compreender se os mesmos resultam em todos os momentos didáticos. Pretendemos ainda refletir sobre o papel do Cartoon no desenvolvimento do espírito crítico e também perceber se os alunos conferem credibilidade a estes recursos enquanto fonte de informação.

Este trabalho apresenta duas componentes: a teórica e a prática. Em termos teóricos, definimos Banda Desenhada e Cartoon e esclarecemos quanto à terminologia a ser utilizada. Apresentamos ainda as características inerentes a estes dois recursos e refletimos sobre a importância dos mesmos para a atualidade. Para além disso, abordamos a utilização da Banda Desenhada e do Cartoon na arte de ensinar.

Em relação à parte prática, esta investigação decorreu durante a realização de um estágio profissional de docência em História e Geografia. Os dados obtidos através da aplicação de dois inquéritos por questionários, bem como da aplicação da Banda Desenhada e do Cartoon em diferentes momentos didáticos, revelam que os alunos consideram estes dois recursos bons para a aprendizagem. Para os alunos, a Banda Desenhada e o Cartoon facilitam a aprendizagem e deixam-nos mais motivados.

Palavras-Chave: Banda Desenhada; Cartoon; Educação Histórica; Educação Geográfica

Abstract

The current dissertation has been developed in regards of the History and Geography Teaching Master Degree and has been based in two learning resources: Comics and Cartoons. The main goal in this dissertation is to understand if these two leaning resources are viable to learning development and understand if those learning resources actually come through in all didactic moments. We also intend to indulge about the role of the Cartoon in regarding of the development of the critic spirit and understand if the students do see these resources as viable tools of information.

This dissertation has two components: the theoric side and the more practic side. In what concerns of the theoric terms, we establish definitions for both Comics and Cartoons and make a point to make clear what terminology we did use. We also present the main characteristics regarding these two resources and make a brief reflexion on its influence on the current days. It is also exploited the use of Comics and Cartoons in the teaching field.

In what concerns the practic side, this dissertation has taken place during a teaching internship in History and Geography. The data that is presented and that was the result of two inquiries, and also the use of Comics and Cartoons in various didactic moments reveals that the students do consider these resources as good learning tools. In the minds of the students, both Comics and Cartoons give them a little more motivation to work in the classroom and facilitate learning.

Keywords: Comics, Cartoons, Historical Education, Geographical Education.

Índice de figuras

Figura 1 – Banda Desenhada “Snoopy”.....	19
Figura 2 – Banda Desenhada “Disney Comix”.....	19
Figura 3 – Ilustração de Filipe Abranches.....	23
Figura 4 – Cartoon Humorístico “O Fotógrafo”.....	25
Figura 5 – Cartoon Satírico “O trouxa e os mestres-de-obras...” de José Vilhena.....	25
Figura 6 – Exemplo de uma tira cómica “Garfield”.....	29
Figura 7 – Vinheta, prancha e tira.....	30
Figura 8 – Signos Cinéticos “Astérix e Obélix”.....	32
Figura 9 – Legenda.....	32
Figura 10 – Cartucho.....	33
Figura 11 – Balão.....	34
Figura 12 – Onomatopeia.....	34
Figura 13 – Metáfora Visual	34
Figura 14 – Cartoon “Greve”.....	36
Figura 15 – Cartoon referente ao atentado de Bruxelas.....	40
Figura 16 – Cartoon referente a uma manifestação nazi.....	40
Figura 17 – Exercício com um Cartoon para a disciplina de Francês.....	46
Figura 18 – Exercício com um Cartoon para a disciplina de Português.....	47
Figura 19 – Projeto anterior da Escola Secundária Inês de Castro.....	50
Figura 20 – Projeto atual da Escola Secundária Inês de Castro.....	51
Figura 21 – Definições de Banda Desenhada e Cartoon entregues aos alunos.....	59

Índice de gráficos

Gráfico nº 1 – Número de alunos, por género, da turma do 7º T.....	52
Gráfico nº 2 – Número de alunos, por género, da turma do 7º S.....	54
Gráfico nº 3 – Utilização da Banda Desenhada em contexto de aprendizagem – 7º S...81	
Gráfico nº 4 – Utilização da Banda Desenhada em contexto de aprendizagem – 7º T...81	
Gráfico nº 5 – Disciplinas nas quais utilizaram Banda Desenhada – 7º S.....	82
Gráfico nº 6 – Disciplinas nas quais utilizaram Banda Desenhada – 7º T.....	82
Gráfico nº 7 – Finalidade do uso da Banda Desenhada – 7º S.....	83
Gráfico nº 8 – Finalidade do uso da Banda Desenhada – 7º T.....	83
Gráfico nº 9 – Leitura de Banda Desenhada – 7º S.....	83
Gráfico nº 10 – Leitura de Banda Desenhada – 7º T.....	83
Gráfico nº 11 – Frequência de Leitura de Banda Desenhada – 7º S.....	84
Gráfico nº 12 – Frequência de Leitura de Banda Desenhada – 7º T.....	84
Gráfico nº 13 – Utilização do Cartoon em contexto de aprendizagem – 7º S.....	85
Gráfico nº 14 – Utilização do Cartoon em contexto de aprendizagem – 7º T.....	85
Gráfico nº 15 – Disciplinas nas quais utilizaram o Cartoon – 7º S.....	85
Gráfico nº 16 – Disciplinas nas quais utilizaram o Cartoon – 7º T.....	85
Gráfico nº 17 – Finalidade do uso do Cartoon – 7º S.....	86
Gráfico nº 18 – Finalidade do uso do Cartoon – 7º T.....	86
Gráfico nº 19 – A atenção dos alunos em relação aos Cartoons nos diversos meios de comunicação – 7º S.....	87
Gráfico nº 20 – A atenção dos alunos em relação aos Cartoons nos diversos meios de comunicação – 7º T.....	87
Gráfico nº 21 – Meios de visualização dos Cartoons – 7º S.....	87
Gráfico nº 22 – Meios de visualização dos Cartoons – 7º T.....	87
Gráfico nº 23 – Os alunos consideram a BD e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º S.....	88
Gráfico nº 24 – Os alunos consideram a BD e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º T.....	88
Gráfico nº 25 – Recurso que possibilitou uma melhor aprendizagem – 7º S.....	91
Gráfico nº 26 – Recurso que possibilitou uma melhor aprendizagem – 7º T.....	91

Gráfico nº 27 – Disciplina com a qual mais gostaram de trabalhar com a Banda Desenhada e o Cartoon – 7º S.....	91
Gráfico nº 28 – Disciplina com a qual mais gostaram de trabalhar com a Banda Desenhada e o Cartoon – 7º T.....	91
Gráfico nº 29 – Maior leitura de Banda Desenhada – 7º S.....	92
Gráfico nº 30 – Maior leitura de Banda Desenhada – 7º T.....	92
Gráfico nº 31 – Maior atenção aos Cartoons – 7º S.....	93
Gráfico nº 32 – Maior atenção aos Cartoons – 7º T.....	93
Gráfico nº 33 – Banda Desenhada e Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º S.....	94
Gráfico nº 34 – Banda Desenhada e Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º T.....	94

Introdução

O presente Relatório de Estágio foi concebido no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional (IPP) e tem como objeto de estudo a Banda Desenhada e o Cartoon. Foram vários os motivos que me conduziram a esta escolha. O primeiro teve a ver com uma questão de gosto pessoal. Sempre apreciei Banda Desenhada, principalmente as histórias de “Astérix e Obélix”, e quando tive de escolher o tema para ser tratado neste Relatório, achei que era uma ótima oportunidade de transpor este gosto para a sala de aula. Em relação ao Cartoon, só comecei a ter mais interesse por este recurso na adolescência e sabendo que este difere da Banda Desenhada, considerei que iria obter resultados mais proveitosos se fossem aplicados os dois.

O segundo motivo esteve relacionado com o facto de, na altura em que escolhi o tema, não existirem muitos trabalhos, em Portugal, sobre estes recursos de aprendizagem, nas disciplinas de História e Geografia. Por isso, considerei que poderia juntar o útil ao agradável e dar um contributo para se saber um pouco mais sobre a aplicação da Banda Desenhada e do Cartoon nestas áreas disciplinares.

O terceiro motivo teve a ver com a minha curiosidade em saber como é que estes recursos resultariam em contexto de aprendizagem. Estes recursos são diferentes daqueles que os alunos usualmente trabalham em sala de aula (textos, gráficos, mapas...). Aliás durante o meu percurso escolar, foram muito poucas as vezes que pude trabalhar com eles em contexto de aprendizagem. Estes recursos parecem ser muito mais divertidos e leves do que os restantes e por isso considero que poderiam ter mais oportunidades em sala de aula.

Para orientar a minha investigação, formulei algumas questões de partida, que serão respondidas no final deste trabalho:

- Será que a Banda Desenhada e o Cartoon facilitam o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem?
- Em que momentos didáticos a Banda Desenhada e o Cartoon resultam melhor?
- Em que medida o Cartoon potencia o desenvolvimento do espírito crítico?
- Será que os alunos valorizam a Banda Desenhada e o Cartoon enquanto fonte de informação?

Estas questões estão intrinsecamente relacionadas com os seguintes objetivos definidos para esta investigação: identificar os momentos didáticos em que estes recursos resultaram melhor; enunciar as potencialidades e as limitações destes recursos, para o processo de ensino-aprendizagem; avaliar a valorização que os alunos conferem à Banda Desenhada e ao Cartoon enquanto fonte de informação; refletir sobre o papel do Cartoon no desenvolvimento do espírito crítico.

O presente trabalho foi estruturado em duas partes: o enquadramento científico e o enquadramento metodológico. No enquadramento científico, procurei aceder a um conjunto de informações essenciais para o estudo destes recursos. Para isso consultei uma extensa bibliografia, na qual estavam incluídas obras nacionais, mas também internacionais. Um aspeto que detetei, aquando da pesquisa e consulta desta bibliografia, foi que existem mais obras e, por consequência, mais informações sobre a Banda Desenhada do que sobre o Cartoon. Este facto acabou por ter influência na quantidade de aspetos abordados para cada um deles.

No enquadramento científico são apresentadas informações que permitem definir Banda Desenhada e Cartoon e também especificar a terminologia que deverá ser utilizada. Também são apontadas as características destes dois recursos. Nesta parte, é ainda feita uma reflexão sobre a importância da Banda Desenhada e do Cartoon na atualidade e a sua relação com o ensino. Foi decidido não fazer uma abordagem histórica, privilegiando o essencial sobretudo em articulação com a reflexão sobre a prática, correndo embora o risco de superficialidade, face a alguma bibliografia, em particular internacional, existente. Mesmo não tendo dedicado um subponto a este aspeto, foram colocados alguns apontamentos históricos, ao longo do texto.

No enquadramento metodológico é apresentado um conjunto de informações sobre o estudo de caso. Desta forma, encontramos uma caracterização da escola, onde decorreu o Estágio, e também das turmas participantes nesta investigação. Para além disso, é abordada a metodologia utilizada para a recolha dos dados que foram necessários para este trabalho. Os métodos utilizados foram dois inquéritos por questionários e a aplicação das Bandas Desenhadas e dos Cartoons, nas duas áreas disciplinares, em diferentes momentos didáticos. Foi ainda realizada uma reflexão sobre esta aplicação em sala de aula. Estas informações aparecem organizadas segundo a ordem em que foram aplicadas. Por fim, é feita uma análise, qualitativa e quantitativa, dos resultados obtidos.

Com este trabalho espero que os alunos consigam reconhecer a Banda Desenhada e o Cartoon como bons recursos no contexto de aprendizagem, que possam valorizá-los enquanto fonte de informação e que fiquem mais motivados para a aprendizagem. Espero também que os professores que ainda evidenciam alguma relutância na sua utilização, encontrem neste Relatório motivos para utilizarem estes recursos com mais frequência.

I- Enquadramento Científico

Este capítulo apresenta, do ponto de vista teórico e face à bibliografia consultada, as definições dos recursos de aprendizagem em estudo, as suas características, bem como a sua importância para a atualidade e a sua relação com o processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo 1- A Problemática da Banda Desenhada e do Cartoon

1.1. Definições e terminologia

Não poderíamos começar a análise teórica destes recursos, sem primeiramente abordar as suas definições. Este primeiro ponto é crucial, pois contribui para a distinção de cada um deles. Defini-los não é uma tarefa fácil, pois, tal como refere Joana Gomes, “algumas definições pecam pela generalização, outras pela incompletude” (2010: 15). Mas o problema não reside apenas neste aspeto. Um outro ponto a abordar tem a ver com os termos que corretamente devem ser utilizados. Quando falamos em Histórias aos Quadrinhos e Comics estamos a falar da mesma coisa? E o Cartoon é um recurso diferente da BD ou faz parte integrante da Banda Desenhada? Estas são apenas algumas questões, para as quais apresentaremos algumas posições que permitirão elucidar e, sobretudo, despertar a curiosidade do leitor para este mundo tão significativo do desenho.

Começemos por definir Banda Desenhada, apresentando duas definições de dicionários distintos. Como poderemos observar as duas parecem assemelhar-se, mas uma delas refere um aspeto bastante importante, que é desconhecido para alguns leitores de BD. Numa Enciclopédia consultada é referido que a Banda Desenhada é uma “sequência de representações gráficas com finalidade narrativa, representando um personagem em diferentes circunstâncias” (1998: 195). A esta definição modificaria um aspeto, pois a BD não representa necessariamente um personagem, por isso o mais correto seria “representando um ou mais personagens”. Num outro dicionário, a definição apresentada é ainda mais específica, pois refere que é “uma sequência de imagens” que pode ser “acompanhada ou não de textos (legendas, diálogos, pensamentos), através da qual é narrada uma história” (2013: 209). Ao analisar as duas definições, compreendemos que estas se assemelham, quando mencionam que a BD é uma sequência de

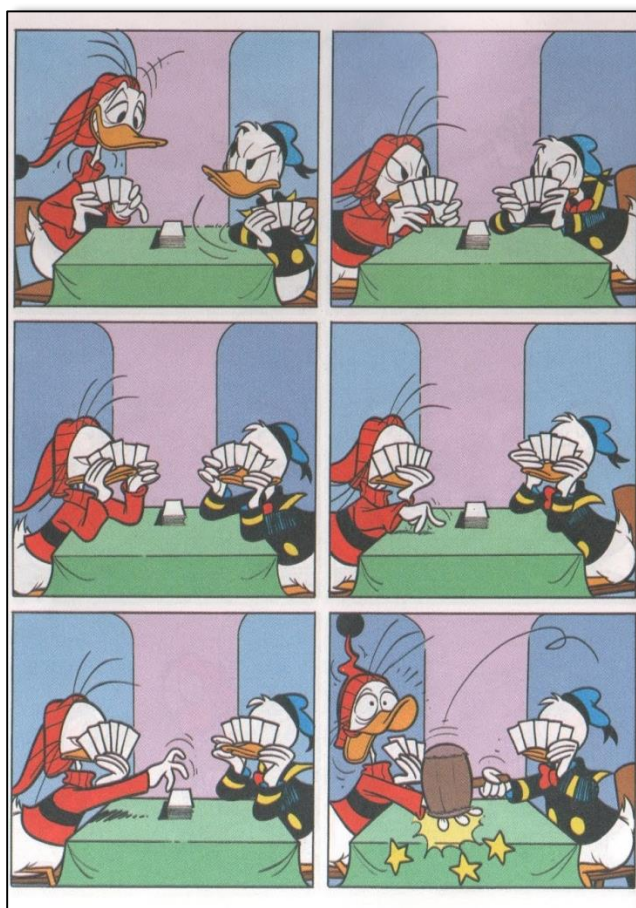
representações gráficas ou imagens, com uma finalidade narrativa. Mas a segunda definição é ainda mais completa que a primeira, pois fornece-nos a informação de que a BD não necessita de ter obrigatoriamente textos, para ser considerada uma Banda Desenhada.

Atentemos agora nas figuras 1 e 2. Que aspetos são observáveis e que nos indicam que ambas são Bandas Desenhadas? Primeiramente, observamos uma sequência de imagens que conta uma história. No primeiro caso, o Snoopy que procura as suas lentes de contacto e no segundo o Donald que está a jogar com um amigo. Mas existe um aspeto que diferencia as duas: na primeira observámos a presença de texto, enquanto na segunda esse elemento não se encontra presente. Apesar da inexistência deste aspeto, ambas são consideradas Bandas Desenhadas.

Figura 1- Banda Desenhada “Snoopy”



Figura 2- Banda Desenhada “Disney Comix”



Fontes: Figura 1 – Banda Desenhada “Snoopy”. [consult. 2016-09-01] Disponível na Internet: <http://halotuga.blogs.sapo.pt/39175.html>

Figura 2 – Banda Desenhada “Comics”. [consult. 2016-09-01] Disponível na Internet: <http://asleiturasdopedro.blogspot.pt/2013/04/palavras-para-que.html>

Pedro Massano, na sua obra *Como fazer banda desenhada*, contraria este carácter não obrigatório da utilização de texto na BD. Para o autor, a BD é uma “forma de expressão artística”, que se define como “uma narrativa por imagens, cuja unidade é o quadrado, tendo como resultante um conjunto modulado, uniforme e coerente, de que o texto é parte indissociável” (Massano, 1995: 11). Massano refere ainda que “a BD não o é sem texto e, no mais das vezes, as que se impõem ao público leitor, de forma quase imediata, são as que conseguem juntar um grafismo razoável a uma história segura e bem desenvolvida” (1995: 21). Estas afirmações de Pedro Massano podem levar a duas interpretações. A primeira, que parece ser a mais óbvia, tem a ver com a posição do autor em relação à obrigatoriedade da presença do texto numa BD, o que não consideramos ser o mais correto, porque, tal como pudemos observar anteriormente, a Banda Desenhada não necessita de texto para ser considerada BD. A outra posição, menos óbvia, está relacionada com o facto de o autor não estar a defender o uso obrigatório de texto, mas a criação de um bom texto/história que não precisa de ser em forma de texto, mas contado através da imagem. Se for este o caso, concordamos com esta posição, porque uma BD não pode refletir uma sequência de imagens, de forma aleatória, tem de contar uma história. A relação texto/imagem é, assim, um ponto fundamental para a BD, pois se se desenvolver de forma harmoniosa, então terá grandes probabilidades de ter sucesso junto do leitor.

Cristina Manuela Sá aborda o conceito de Banda Desenhada, não propriamente em relação aos aspetos técnicos, mas relativamente à influência que outras áreas exercem sobre a BD. Para a autora, a Banda Desenhada é uma “forma de expressão” que sofre influência de áreas como “a literatura, no que se refere às técnicas narrativas; a pintura, no que diz respeito ao uso da cor e ao grau de realismo na representação dos referentes; o cinema, no que se refere ao dinamismo da imagem e ao uso dos planos” (Sá, 1996: 19). Cada uma destas formas de expressão contribuiu para aquilo que é designado como Banda Desenhada.

Estas definições apresentadas revelaram as posições de diferentes autores nacionais em relação ao que consideram ser banda desenhada. Mas a nível internacional, os autores também definem esta forma de expressão. Os autores Michel Béra, Michel Denni e Philippe Melot apresentam, na sua obra *Trésors de la Bande Dessinée*, a sua definição quanto a este conceito:

“Enchaînements et successions de dessins accompagnés en général d’un texte (pas obligatoirement), relatant de façon fragmentée une action dont le déroulement temporel s’effectue par bonds successifs d’une image à une autre sans que s’interrompe la continuité du récit. Le texte, réduit à un rôle d’appoint, est subordonné à l’image et non le contraire. C’est aussi l’art de suggérer le mouvement à partir d’une succession de plans fixes.” (1998 : 7)

Os autores franceses mencionam aspetos já referidos anteriormente e que permitem definir Banda Desenhada, tais como a sucessão de imagens e a não obrigatoriedade do texto. Mas acrescentam que o texto tem de estar subordinado à imagem e não o contrário e a importância da sucessão de uma imagem em relação à outra, não interromper a continuação da história. A Banda Desenhada é apresentada nesta definição e em definições anteriores como uma “sucessão de imagens”, e por isso Will Eisner resolveu classificá-la como uma arte sequencial (Gomes, 2010: 16). Esta designação atribuída à BD deve-se ao “típico alinhamento das vinhetas em sequência” (Gomes, 2010: 16). João Paulo Boléo refere que atualmente a noção de Banda Desenhada surge associada a uma “arte sequencial narrativa (...), sendo essencialmente uma arte em papel e, de algum modo, de massas, associada à reprodutibilidade da imprensa, dos jornais e revistas, e também dos livros” (Boléo, 2010: 9). O autor menciona ainda que pode adotar-se “uma noção mais ampla – que «liberta» a BD do papel, privilegiando a essência de uma linguagem diegética independentemente do suporte (...)” (Boléo, 2010: 9).

A Banda Desenhada não deve ser definida apenas no campo técnico. O *III Salão Internacional da GICAV* aponta para uma definição um pouco diferente em comparação com as anteriores, não em relação aos aspetos necessários, mas, sobretudo, ao poder imaginário da Banda Desenhada. A BD surge, assim, como:

“(...) um desfilar contínuo de ideias que materializam sentimentos e ações representados por um imenso poder criativo, necessário à expressão, pelo desenho, e os dados abstratos de um texto ou de uma ideia; ideia que em si contém o germe de centenas de ideias, que fazem o todo da história nos seus múltiplos aspetos de resolução técnica da arte de contar essa história.” (Gicav, 1991: 2).

A Banda Desenhada permite ao criador de BD libertar o seu poder criativo e ao leitor sentir as ideias e a história que está a ser contada. O leitor de BD é um elemento importante, principalmente, na interpretação da história que está a ser narrada e na compreensão do desenho apresentado. Pedro Mota e Maria Teresa Guilherme referem que “a técnica narrativa na banda desenhada está ligada ao relacionamento entre texto e imagem” pois “a integração do espaço visual da imagem e do tempo narrativo do texto exigem uma diferente participação por parte do leitor: recetiva e percetiva, respetivamente” (2000: 11).

Definir BD não é, como foi possível verificar, uma tarefa fácil, pois no mundo da Banda Desenhada nem tudo é consensual. Mas não é apenas em relação à definição, mas também quanto ao termo que deve ser atribuído. Rui Zink revela que “é no nome que começam os equívocos e os problemas, alguns deles ainda hoje dominantes, e que condicionam o posicionamento da BD num hipotético sistema das artes” e que esta questão não é inocente (1997: 4). Voltando à questão inicial: quando falamos de Quadrinhos estamos a falar de comics? Sim, estamos. “Banda Desenhada (BD, B. D. ou bd), histórias aos quadrinhos, histórias em quadrinhos, quadrinhos, quadrinhos, bonecos, ilustrados, *estorietas*, *funnies*, *comics* (...), *bande dessinée*, *fumetti* (...)” (Zink, 1997: 4) são algumas expressões que designam todas o mesmo: Banda Desenhada.

Ao analisar a ilustração da figura 3, podemos observar um senhor a andar sobre um globo e verificamos que desse objeto aparecem alguns balões com as diversas designações de Banda Desenhada, em diferentes países. Por exemplo, *Fumetto* é a expressão utilizada em Itália, *Comics* é a expressão americana, *Manga* é a expressão japonesa e *História aos Quadrinhos* é a expressão brasileira. Apesar das designações serem diferentes, todos, com maior ou menor diferença, significam o mesmo.

Figura 3- Ilustração de Filipe Abranches



Fonte: Ilustração de Filipe Abranches. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: http://divulgandobd.blogspot.pt/2006/10/17-festival-internacional-de-banda_10.html

Em Portugal, o termo Banda Desenhada foi “introduzido na 2ª metade dos anos 60 do século XX (artigo “O Mundo Maravilhoso da Banda Desenhada” por Vasco Granja, no jornal Diário Popular, de 19/11/1966)” (Sá, 2010: 19). Segundo Leonardo de Sá, “trata-se de uma simples tradução fonética de *bande dessinée*, pois “banda” não tem em português a aceção de “tira” da palavra francesa” (2010: 19). Para José Ruy o termo Banda Desenhada é “um termo mal adaptado de França, que veio substituir em Portugal, o nome de «Histórias em Quadrinhos», ou Quadrinhos” como é da sua preferência (2007: 9). Esta expressão História aos Quadrinhos foi empregue em Portugal “pelo menos a partir da década de 1930 (com confirmação oral)” (Sá, 2010: 111).

Em suma, a Banda Desenhada é uma forma de expressão que apresenta, na nossa ótica, quatro aspetos essenciais que contribuem para esta classificação: a sequência de imagens (arte sequencial); a presença ou não de texto; a narração de uma história, ou tal como se diz na linguagem comum, contar uma história; e a relação harmoniosa entre texto/imagem. Um aspeto consensual entre quase todos os autores é que a Banda Desenhada é uma arte e, como tal, muitos autores classificam-na como a 9ª arte. Este

reconhecimento revela a importância da BD no mundo artístico e também junto da população. Em relação à terminologia, as diferentes designações de Banda Desenhada podem provocar uma certa confusão, principalmente quando se vai realizar uma investigação e não se está familiarizado com todos os termos. Provavelmente poderia existir um termo global, adaptável a todos os países, mas esta uniformização poderia também acarretar alguns problemas, tais como um certo afastamento da comunidade bedéfila, pois esta já se encontra familiarizada com estes termos.

O outro recurso de aprendizagem em análise, nesta investigação, é o Cartoon, mas antes de defini-lo, consideramos ser necessário esclarecer o leitor quanto à utilização deste termo. Nos dias atuais, existe uma certa confusão quanto à utilização do termo Caricatura ou Cartoon. Osvaldo Macedo de Sousa considera que a diferença está na proveniência do termo, pois enquanto Caricatura é utilizado sobretudo no âmbito francófono, o termo Cartoon é de origem anglo-saxónica (Sousa, 1998: 9). Apesar das diferentes origens, ambas englobam “nesta designação todo o desenho de imprensa de cunho humorístico-satírico” (Sousa, 1998: 9). Desta forma, decidimos utilizar o termo Cartoon, porque foi esse que adotamos desde o início. Esclarecida esta questão, relativa à terminologia que se deveria utilizar, passamos agora à definição de Cartoon.

Osvaldo de Sousa considera que definir termos como “Humor, Caricatura, Cartoon”, termos esses que estão intrinsecamente relacionados entre si, “é algo ingrato, já que o ato de definir é muito controverso, e em campos em que os estudiosos nunca chegaram a acordo, ainda o é mais.” (Sousa, 1998: 9). Apesar desta constatação, vamos arriscar na apresentação de algumas definições de Cartoon. Tal como fizemos com a Banda Desenhada, recorremos a alguns dicionários para definir este conceito. No *Dicionário Universal da Porto Editora*, Cartoon refere-se a “um desenho humorístico ou satírico, publicado normalmente em revistas ou jornais” (2013: 315). Nas figuras 4 e 5 temos dois exemplos de desenhos humorísticos e satíricos.

Figura 4- Cartoon Humorístico “O Fotógrafo”



Fonte: Cartoon Humorístico “O Fotógrafo”. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://fotografiatotal.com/12-cartoons-humoristicos-sobre-fotografos-e-fotografia>

Figura 5- Cartoon Satírico “O trouxa e os mestres-de-obras...” de José Vilhena



Fonte: Cartoon Satírico “O trouxa e os mestres-de-obras...” de José Vilhena. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://amar-abrantes.blogs.sapo.pt/morreu-o-cartoonista-jose-vilhena-mas-1307964>

Osvaldo de Sousa, embora considere ingrato definir Cartoon, apresenta uma definição para este conceito, destacando o facto de este ser “uma arte de estética gráfica, de comunicação jornalística e de filosofia sociopolítica” (Sousa, 2006: 7). Para além disso, refere que esta forma de arte tem “como seu aliado, ou como arma de diálogo com o público, o uso da sátira, da ironia, do humor ou a comicidade” (Sousa, 2006: 7). O Cartoon é, desta forma, uma arte estética que recorre a elementos como a ironia ou o humor, para obter o efeito desejado, junto do público.

Rui Zink coloca a questão: “O Cartoon é BD?” (1997: 7). Antes de responder a esta questão, o autor define Cartoon, mencionando aspetos já abordados anteriormente, “que é um desenho satírico ou crítico, acompanhado ou não de legenda” (Zink, 1997: 7). Depois de esclarecido o conceito, Zink refere que se pode admitir que o Cartoon seja BD “ou que pelo menos em muitos casos é difícil delimitar as suas fronteiras” (1997: 7). O autor admite a existência de uma relação de inclusão - “o Cartoon ser uma subcategoria da BD - mas nunca de equivalência” (Zink, 1997: 7). Ambos utilizam o desenho como base, mas apresentam funções completamente diferentes, porque a força do Cartoon “é o comentário direto à realidade concreta” (Zink, 1997: 8). O autor define ainda duas grandes áreas em que se divide o Cartoon: “a sátira política e crónica dos costumes” (Zink, 1997: 8). Para além disso, o autor refere que comparativamente com a BD, o Cartoon manteve a sua “natureza e o modo de ser incólumes, desde os seus pioneiros, como Rafael Bordalo Pinheiro, no nosso país” (Zink, 1997: 8).

John Lent também aborda a relação entre Cartoon e Banda Desenhada. O autor revela que “em definição, o Cartoon e a BD transmitem humor”, apesar de acrescentar, de seguida que “algumas Bandas Desenhadas não são feitas para serem engraçadas” (2011: 62). Quando, geralmente, ouvimos a palavra Cartoon temos a tendência, para desde logo, associarmos a humor, isto deve-se sobretudo à presença de Cartoons deste género nos jornais (Lent, 2011: 62). Por exemplo, os jornais desportivos apostam bastante neste meio para abordar alguns assuntos ligados ao futebol.

Lent tenta classificar o humor e o Cartoon, segundo determinadas categorias: “crítica, narrativas cómicas (bd), política, satírica/ humor e caricatura” (2011: 62). Para o autor, “os Cartoons satíricos são piadas de um só quadrado expressos através de arte”, enquanto “os Cartoons de narrativas cómicas contam uma piada ou uma história de humor em mais do que um quadrado”, dando como exemplos os jornais e livros de Banda Desenhada

(Lent, 2011: 62). Por outro lado, “os Cartoons políticos, normalmente apresentados num quadrado, usam o humor para expor, comentar e fazer troça de fraquezas políticas e sociais, de personalidades, e para apelar a mudanças no status quo” (Lent, 2011: 62).

Lent define um conjunto de características que está associado ao humor, tanto nos Cartoons, como na Banda Desenhada. Essas características são a utilização de trocadilhos, a associação a normas culturais, “com a estrutura e função da língua, e com as características de regulamentação e restrição das sociedades” (Lent, 2011: 63).

Em suma, o Cartoon apresenta-se sob a forma de um desenho que tem como função satirizar ou transmitir humor em determinados acontecimentos. Este recurso até pode ser considerado uma subcategoria da Banda Desenhada, mas não deixa de ter funções e características diferentes da BD. Leonardo Sá refere que o “Cartoon torna-se próximo da BD na forma, porém carece de continuidade narrativa” (2010: 33).

1.2. Estrutura

Neste segundo subponto, irá ser analisada a estrutura da Banda Desenhada e do Cartoon. Esta componente é essencial para a identificação dos elementos constituintes de cada um destes recursos e o significado de cada um deles. Um aspeto comum à BD e ao Cartoon é que ambos têm como base o desenho. Para Diogo Alcoforado, a capacidade de desenhar acaba por tornar-se num “exercício simultaneamente espontâneo e rigoroso de uma plenitude provisória”, mas ao mesmo tempo um “processo intelectualizador” (Cardoso, 2006: 3). Mas na BD e no Cartoon não basta apenas ter um desenho, para poder classificá-los desta forma. Passemos então à análise de cada um deles.

1.2.1. BD

A Banda Desenhada apresenta, como já foi referido anteriormente, uma relação intrínseca entre o texto e a imagem. Embora o texto tenha de estar subordinado à imagem, para o sucesso de uma BD ambos devem estar em consonância. Pierre Fresnault-Deruelle, segundo Cristina Sá, “descreve a Banda Desenhada como apresentando uma gramática própria, compreendendo duas dimensões essenciais: uma morfologia e uma sintaxe” (1996: 19). Neste trabalho, apenas abordaremos a dimensão morfológica, pois, devido ao tipo de trabalho que está a ser apresentado, consideramos ser mais importante analisar apenas a morfologia. Cristina Sá refere que “o termo morfologia é usado para designar o conjunto dos elementos que constituem uma Banda Desenhada, isto é, que intervêm na

sua construção” (1996: 19). A autora refere que Pierre Fresnault-Deruelle divide estes elementos em três grupos: o icónico (visual), o textual e os que situam entre o icónico e textual (Sá, 1996: 19-20). Perante a análise de diferentes posições quanto ao agrupamento dos elementos constituintes da BD, decidimos seguir esta divisão apresentada por Fresnault-Deruelle, por considerarmos ser a mais rigorosa e aquela que permitirá ao leitor ter uma melhor perceção da estrutura da Banda Desenhada.

1.2.1.1. Natureza icónica

A Banda Desenhada apresenta elementos de natureza icónica. Apesar de utilizarmos a divisão apresentada por Fresnault-Deruelle, os elementos identificados para cada um dos grupos mencionados, foram escolhidos de acordo com a nossa investigação. Desta forma, definimos os seguintes elementos de natureza icónica: a vinheta, a tira, a prancha, a cor e os signos cinéticos (Angoloti, 1990: 29).

Entre os diferentes autores de BD existem diferentes “concepções do que é a vinheta”, segundo Carlos Angoloti (1990: 29). Apesar disso, parece consensual, entre alguns autores, que a vinheta é, “em gíria de BD, equivalente ao quadradinho, unidade estrutural das histórias por imagens” (Sá, 2010: 197). Esta unidade da BD pode provocar um problema para o leitor, porque segundo Pedro Massano, “à primeira vista este poderia ser tentado a vê-la (à vinheta) como um quadro (no sentido clássico do termo) ou como um fotograma de um filme” (1995: 67). Esta primeira impressão do leitor não é de todo correta, porque “a especificidade da BD assenta em que o quadrado (vinheta) é sempre muito menos que um quadro mas muito mais do que um fotograma” (Massano, 1995: 67). A vinheta por si só não faz sentido, pois necessita de fazer parte de uma narrativa, neste caso um “amontoado de quadradinhos”, para ter significado (Massano, 1995: 67).

Leonardo Sá refere que, ao longo do tempo, a vinheta também foi evoluindo, pois no período clássico “correspondia geralmente a uma gravura bem delimitada, mas, já no século XIX, havia vários exemplos de histórias sem cercaduras nas vinhetas, ou com quadradinhos de formas diversas” (Sá, 2010: 197). Angoloti refere que existem autores que concebem vinhetas, “sempre iguais, ao longo das suas histórias” e outros em que cada vinheta “é um mundo e quase não concebem nenhuma igual nas suas páginas” (1990: 29). Apesar de a vinheta ser associada a um quadrado, os autores têm liberdade para não se cingirem aos limites impostos.

A tira é um outro elemento pertencente à componente visual da BD. Jordi Vives descreve-a como “uma franja horizontal ou vertical” constituída “por três ou quatro vinhetas” (1991: 17), ou seja, uma sequência de vinhetas (imagens) forma uma tira. Este elemento da Banda Desenhada pode ainda ter um carácter humorístico e quando isso sucede “costuma ter princípio e fim na mesma tira, acabando sempre com um gag (piada visual) final” (Vives, 1991: 18). Este tipo de formato de tira é, segundo Pedro Mota, “normalmente apresentado em tiras diárias nos jornais, e é um dos formatos clássicos da Banda Desenhada americana” (2003: 110). A figura 6 é demonstrativa deste tipo de formato, pois apresenta princípio e fim na mesma tira e com uma piada visual (gag).

Figura 6 - Exemplo de uma tira cómica “Garfield”



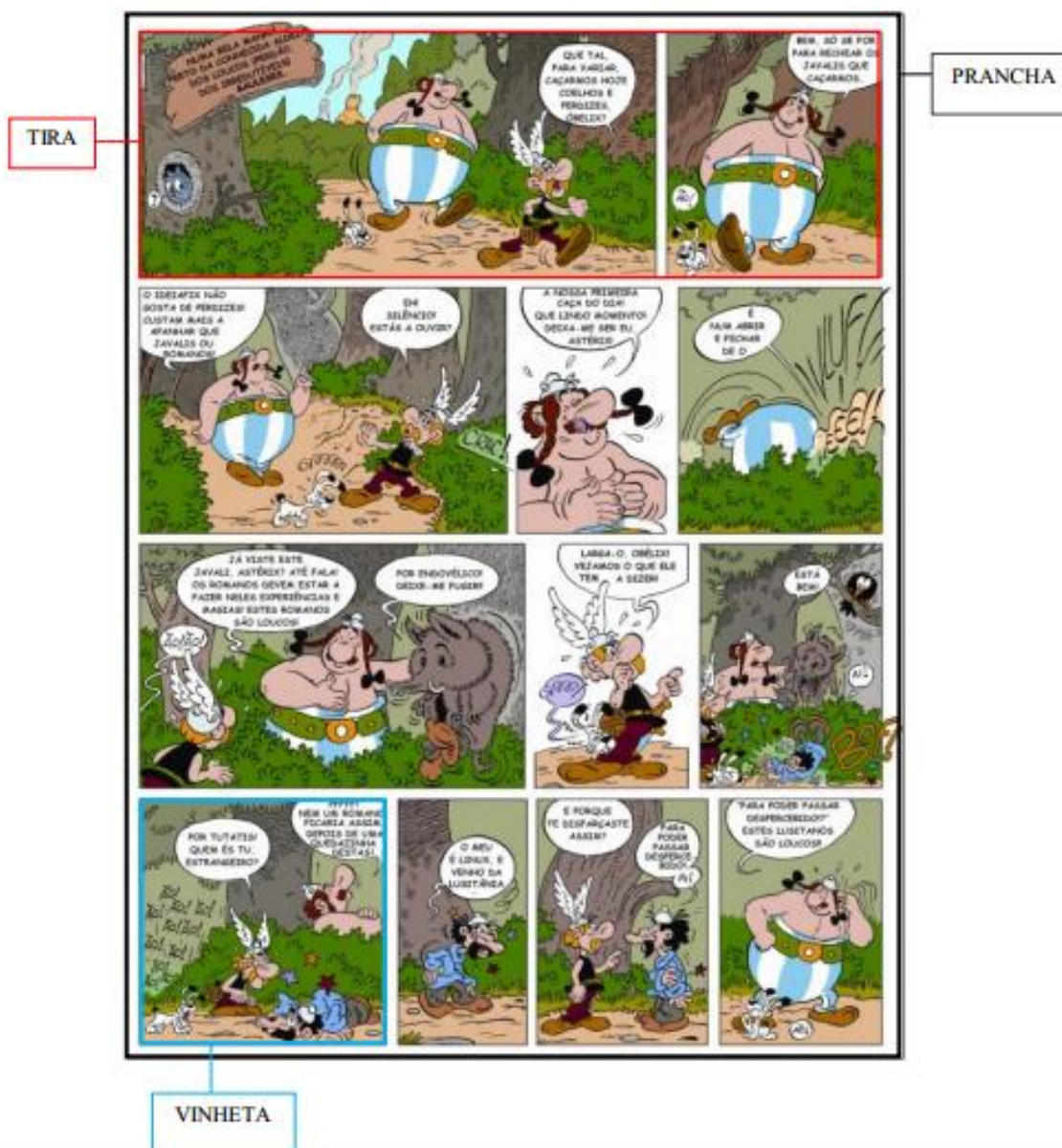
Fonte: Tira cómica “Garfield”. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <https://geminismans.wordpress.com/2012/05/01/garfield-tiras-comicas/>

A prancha é um outro aspeto característico da Banda Desenhada e “é formada por seis a doze vinhetas que contam uma história completa ou parte dela” (Vives, 1991: 18). O número de pranchas depende da história que está a ser contada. “Assim, teremos histórias de uma, duas, três, quatro ou mais pranchas” (Vives, 1991: 18). A prancha é, assim, a página da Banda Desenhada.

O formato da prancha depende essencialmente do autor, mas geralmente são “dispostas em várias faixas horizontais” (Gaumer, 2004: 635). Gaumer destaca que o ilustrador não deve esquecer que a prancha é apenas “uma parte da história” (2004: 635). O leitor deve ter em atenção se existe uma prancha anterior e/ou posterior, sendo um aspeto essencial para a compreensão de uma história. As pranchas “são lidas da esquerda para a direita e de cima para baixo, conforme a tradição ocidental da escrita e da leitura” (Gubern, 1979: 57). Esta “linha indicativa também preside à composição interna” da

imagem, ao fazer com “que as partes superior e esquerda representem o «antes» da ação, ao passo que a inferior direita significam o «depois»” (Gubern, 1979: 57).

Figura 7- Vinheta, Prancha e Tira



Fonte: Vinheta, Prancha e Tira. Legenda da imagem: Elaboração própria. Imagem: [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://static.publico.pt/asterix/>

A cor, do ponto de vista da componente visual, é bastante importante. Pedro Massano destaca o papel crucial da cor em determinadas histórias (1995: 100). O autor chega mesmo a referir que “para aqueles autores que precisam dela” este é “um elemento

fundamental no sublinhar da leitura de uma boa BD” (Massano, 1995: 100). A cor é um aspeto essencial e a sua utilização pode trazer consequências negativas ou positivas, pois “a cor pode “matar” ou valorizar, uma expressão ou uma paisagem” (Massano, 1995: 100). O autor destaca que este aspeto não é colocado na vinheta de forma aleatória, tendo os criadores de BD o cuidado de fazer um uso correto das diversas cores (Massano, 1995: 100). A cor tem, assim, uma grande responsabilidade, quanto ao sucesso que uma obra poderá obter junto do leitor e também da “capacidade de comunicação das histórias em que intervém” (Massano, 1995: 100). O autor chama ainda a atenção para o facto de que geralmente, quando o leitor encontra “reproduzida, só a preto, uma história, que está habituado a ler a cores, ela desilude-o e, na quase totalidade dos casos (não em todos, como é óbvio!) perde, mesmo, o sentido e o interesse” (Massano, 1995: 100-101). Esta questão permite-nos compreender que a cor tem de ser bem empregue, porque caso não seja, corre o risco de afastar o leitor da obra.

Em relação à utilização do preto e branco, Cristina Sá cita Masson para referir que antigamente “representava uma necessidade e que, na Banda Desenhada atual, se converteu numa opção deliberada e significativa (...)” (Sá, 1995: 248). A autora refere ainda que, segundo Masson, a cor desempenha “uma função analógica (...) ligada à representação da realidade”; “uma função simbólica, imposta pela sua utilização frequente para conotar certas impressões” e “uma função estética (...) através da repetição ou associação de cores no interior de um conjunto de vinhetas (...)” (Sá, 1995: 247-248).

O último elemento destacado desta morfologia de natureza icónica da BD são os signos cinéticos. Esta característica da Banda Desenhada corresponde aos signos ou linhas “que o desenhista usa para dar aos seus desenhos estáticos a sensação de movimento” (Angoloti, 1990: 30). Este elemento oferece uma realidade dinâmica (Vieira, 2012: 25) ao leitor, que ao observar o desenho fica com a sensação de que o mesmo se está a movimentar, tal como se pode observar na figura 8, em que a senhora representada transmite a sensação de que está a dançar.

Figura 8- Signos Cinéticos “Astérix e Obélix”



Fonte: Signos Cinéticos “Astérix e Obélix”. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://sandrabarbosa.com/teste/bd.html>

1.2.1.2. Natureza textual

Os elementos morfológicos da Banda Desenhada podem ter também um carácter textual. Neste caso, e seguindo a proposta de Pierre Fresnault-Deruelle, são considerados elementos desta natureza as legendas e os cartuchos.

A utilização das legendas é essencial para o narrador quando este “pretende acrescentar informação, de modo a facilitar a compreensão da história” (Vieira, 2012: 27). Geralmente essa informação está relacionada com o esclarecimento do autor quanto ao tempo e ao espaço (Idem). O cartucho corresponde a “um texto inserido numa moldura retangular e intercalado entre as vinhetas” e “embora auxilie a compreensão narrativa não se integra na imagem” (Idem). E tal como a autora refere, este é o aspeto diferenciador entre o cartucho e a legenda, uma vez que “a segunda situa-se sempre dentro da vinheta que a acompanha” (Idem), tal como se pode observar nas figuras 9 e 10.

Figura 9- Legenda



Fonte: Legenda. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://sandrabarbosa.com/teste/bd.html>

Figura 10- Cartucho



Fonte: Cartucho. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://sandrabarbosa.com/teste/bd.html>

1.2.1.3. Natureza icónica e textual

Fresnault-Deruelle situa determinados elementos entre o icónico e textual, mas “outros autores apresentam-nos como puramente textuais” (Sá, 1996: 20). Esses elementos são os balões, as onomatopeias e as metáforas visuais. O leitor pode estar a questionar-se sobre o facto de classificar estes elementos como natureza icónica e textual e não apenas textual, mas esta seleção está relacionada com o facto de apesar destes constituintes possuírem texto, também possuem um carácter visual, como por exemplo no caso dos balões, que podem apresentar diferentes formas.

O balão ou filactera (designação atribuída por Gaumer (2004: 625)) “é uma moldura dentro da qual é inscrito o discurso direto de uma personagem” que “pode assumir as mais variadas formas e cores” (Zink, 1997: 22). O discurso direto apresentado no balão “corresponde, a maior parte das vezes, a um diálogo constante, entre as personagens, mas também há momentos de monólogo (...)” (Sá, 1995: 236). Este elemento apresenta um “fundo vazado e cor branca e tem sempre um rasto (...) que os associa às personagens cuja fala contêm” (Massano, 1995:124-125). Para Gubern, o balão é um “elemento fantástico”, reconhecido por todos (1979: 15).

Em termos históricos, o balão, como atualmente o conhecemos, “suruiu nos antigos Cartoons do século XVIII, transpondo-se o seu uso para os comics e também para os primeiros desenhos animados” (Sá, 2010: 19). Segundo Leonardo de Sá, “alguns estudiosos relativamente obtusos entenderam que o balão era um elemento absolutamente essencial da Banda Desenhada” (2010: 19).

As onomatopeias são “geralmente de tipo acústico”, “sendo possível inventá-las muito simplesmente ou então importá-las de outras línguas: o Inglês forneceu um número considerável de onomatopeias” (Sá, 1995: 237). Para Zink, as onomatopeias e os balões são um emblema daquilo que seria “um suposto universo dos comics: predominantemente lúdico, superficial, de consumo rápido e de mais rápido esquecimento”, sendo que atualmente “está ausente de muitas obras de BD, e nunca foi um recurso muito utilizado em Portugal” (1997: 25-26). De forma sucinta e bastante esclarecedora, Jordi Vives define a onomatopeia como sendo o texto “que sai fora dos balões e que representa efeitos sonoros, tais como: golpes, gritos, disparos, detonações, ruídos de quedas, barulho de automóveis, de motos, etc.” (1991: 44). A principal função deste elemento é transmitir ao leitor “sensações e emoções através da combinação entre a expressividade sonora de um vocábulo e a sua estilização gráfica” (Zink, 1997: 26).

Por último, as metáforas visuais “representam figurativamente expressões metafóricas de uso corrente como, por exemplo, a lâmpada acesa destinada a simbolizar uma ideia genial” (Sá, 1996: 20). Geralmente, estas metáforas aparecem sob a forma de “símbolos ou sinais icónicos que substituem as palavras” (Vieira, 2012: 26). Desta forma, este elemento corresponde a “convenções gráficas” que através de desenhos, têm o objetivo de “exprimir pensamentos, sentimentos, ou estados de espírito das personagens” (Vieira, 2012: 26).

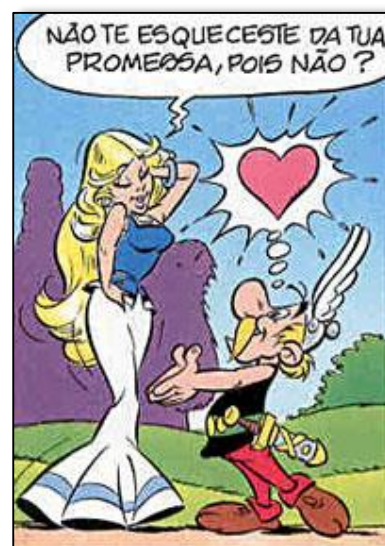
Figura 11- Balão



Figura 12- Onomatopeia



Figura 13- Metáfora Visual



Fonte: Balão, Onomatopeia e Metáfora Visual. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://sandrabarbosa.com/teste/bd.html>

Em suma, os elementos que constituem a Banda Desenhada revelam a importância da relação intrínseca que existe entre texto e imagem. Para que o leitor tenha interesse por uma obra de BD, convém que todos os constituintes que forem utilizados (como já se viu anteriormente, nem todos têm carácter obrigatório) sejam tratados com o maior rigor possível, de modo a todos (autor e leitor) saírem satisfeitos com o produto final. Esta identificação é importante para todos aqueles que se interessam ou venham a interessar-se por este mundo de fantasia e sonho da Banda Desenhada. Ao estarem familiarizados com os diferentes componentes, mais fácil será a sua leitura e o interesse pela obra.

1.2.2. O Cartoon

Tal como já foi referido anteriormente, o desenho é, tal como na BD, a base do Cartoon. Ao contrário do que sucede com a Banda Desenhada, o Cartoon não apresenta um elevado número de componentes e por isso não é necessário proceder a uma divisão.

Um dos aspetos essenciais para o Cartoon é a sua imagem, pois do ponto de vista visual tem de ser bastante apelativa para o leitor, mas também ser revelador do tipo de Cartoon que estamos a observar: humorístico ou satírico. As expressões das pessoas que estão a ser retratadas no Cartoon, também são importantes, pois o leitor consegue absorver das mesmas, algumas sensações e sentimentos. A cor é um elemento bastante importante para este tipo de arte, pois atribui uma sensação de profundidade ao desenho. O Cartoon apresenta-se “quase sempre desenhado num só quadro, muitas vezes, acompanhado de uma legenda” (Sá, 2010: 31). A legenda convém ser simples e direta e, sobretudo, que contenha uma frase que coloque o leitor a pensar e que esteja intimamente relacionada com a imagem apresentada. Por exemplo, na figura 14, aparece uma pequena legenda “Obrigado, mas hoje não estamos a pedir”. Esta frase advém do facto de este Cartoon estar a satirizar um dia de greve. Esta relação entre texto e imagem, que verificámos ser tão importante na Banda Desenhada, também o é no Cartoon. Comparativamente com a BD, o Cartoon apresenta apenas estes elementos constituintes.

Figura 14- Cartoon “Greve”



Fonte: Cartoon “Greve”. [consult. 2016-09-01]. Disponível na Internet: <http://www.tdi.pt/forum/viewtopic.php?t=6809>

1.3. A importância da Banda Desenhada e do Cartoon na atualidade

Após analisar os aspetos técnicos de cada um destes recursos, convém agora fazer um retrato sobre a relevância da Banda Desenhada e do Cartoon nos dias de hoje. Mas para fazer a ponte para a atualidade é necessário antes perceber que reputação estes recursos tinham no passado. Será que a “imagem” (neste caso, em relação ao pensamento das pessoas) da BD e do Cartoon se alterou ao longo do tempo? Esta é apenas uma das questões que se podem colocar, mas que pretendemos contribuir para a sua resposta através de informações que concederemos de seguida, resultantes da nossa investigação.

A Banda Desenhada, durante os anos 50 do século XX, tinha perante a sociedade uma imagem pouco positiva. Este retrato é realizado por Vítor Péon, que poucos anos depois de ter entrado no mundo da BD, verificou que “começaram vindos de vários sectores das artes e das letras, dos educadores e dos psicólogos, os ataques sistemáticos a essa arte, velha como o Homem, e que parecia ter já nascido com ele” (1981: 3). A Banda Desenhada era tida como uma arte menor, pois consideravam-na um fator de distração para a sociedade e não conseguiam perceber os aspetos positivos desta forma de expressão.

A arte da Banda Desenhada era desvalorizada pela sociedade, pois era considerada “distração de atrasados mentais, que foi praticamente reduzida à escória da comunicação social, e diretamente responsável, segundo essas opiniões «abalizadas» e «superiores», de todos os males de que a sociedade desses tempos sofria” (Péon, 1981: 3). Perante esta descrença em relação à BD e aos seus criadores, Péon resolveu organizar anos depois “uma exposição de histórias em quadradinhos, para provar” que o seu trabalho “era

precisamente o oposto da classificação que lhe davam e de que, muito menos, se tratava de uma arte menor, ou de uma arte perniciosa para a comunidade e, em especial, para o sector jovem dessa mesma comunidade” (1981: 3). Ao longo dos anos, esta imagem de certo modo “preconceituosa” relativamente à BD foi-se alterando.

A partir dos anos 60, a BD foi classificada como arte, neste caso, a 9^a. Will Eisner considera a Banda Desenhada “(...) a maior forma de literatura do nosso século!” (Massano, 1995: 7). Um dos motivos que contribuiu para este reconhecimento foi o facto de a BD deixar “de se dirigir exclusivamente às crianças, para se direccionar em primeiro lugar aos adolescentes e, em seguida, aos adultos graças a uma produção ambiciosa e diversificada dos artistas (...)” (Dias, 2012: 7). Para além disso, o reconhecimento da BD acabou por atingir as elites intelectuais, o que permitiu dar “progressivamente (...) os primeiros passos na academização da Banda Desenhada” (Dias, 2012: 10).

A Banda Desenhada é defendida, por muitos autores, como uma linguagem universal, um “fenómeno cultural e artístico, mensagem de compreensão imediata” (GICAV, 1991: 2), uma vez que a junção do desenho com pouco texto acabam por ser mais atrativos para o leitor. A BD está intimamente ligada a diferentes áreas desde a “publicidade ao marketing, do ensino à comunicação, do cinema à literatura” (GICAV, 1991: 2). Atualmente a BD é um produto consumido tanto por jovens, como por adultos. No III Salão Internacional de Viseu é referido que “numerosas publicações dedicadas à BD circulam hoje no mercado nacional, a par de outras que a incluem em maior ou menor percentagem no seu conteúdo” (GICAV, 1991: 10). Este crescimento da Banda Desenhada revela-nos “um facto indiscutível: a Banda Desenhada deixou de ser apenas um produto dirigido às crianças e jovens, transformando-se num instrumento cultural cada vez mais cobiçado pelos adultos em geral” (GICAV, 1991: 10). A BD pode, assim, ser considerada um produto de massas, principalmente nos anos 80 e 90 do século XX, uma vez que, segundo Roger Dadoun, “quase todas as crianças e adolescentes e um número considerável de adultos, consomem banda desenhada” (1974: 3). Para o autor, a Banda Desenhada é “um terreno de luta ideológica de grande importância” e não está relacionado apenas com o número de leitores que consomem BD, “mas sobretudo em função da idade – infância ou adolescência – que é onde as influências penetram” (Dadoun, 1974: 3). Com a chegada da televisão, Claude Moliterni refere que alguns aspetos alteraram-se. O autor menciona que “nos anos 30, (...) não havia televisão e a

juventude vivia do comic”, mas depois “chegou a televisão, formou os jovens e ofereceu-lhes narrativas completas (...)” (Gubern, 1979: 73).

A Banda Desenhada desde o seu aparecimento até aos dias de hoje assumiu um carácter político e social. Ao longo dos anos, assistiu-se a uma politização da BD, nuns casos de forma consciente e noutros de forma inconsciente (Gubern, 1979: 25-26). Este autor menciona que são em elevado número os “exemplos de manipulação política dos comics como arma de propaganda” (Gubern, 1979: 26). Um dos países que utilizou a Banda Desenhada como meio de propaganda foi o Japão “antes da 2ª Guerra Mundial para expor, por vezes com uma aparência inocente, ambições expansionistas” (Gubern, 1979: 26). Um dos exemplos da utilização em prol dos seus interesses foi “nas Aventuras de Dankichi, de Keizo Shimada, nas quais uma criança japonesa naufragava com a sua mascote numa ilha do Pacífico, onde mais tarde era coroado rei pelos nativos, que assim reconheciam a hegemonia política nipónica” (Gubern, 1979: 25). O Japão não foi o único país a fazer utilização deste meio, também a “Itália Fascista produziu alguns exemplos muito significativos de politização das histórias aos quadrinhos” (Gubern, 1979: 26). A indústria jornalística e editorial contribuíram para a politização da BD, principalmente nos EUA, a partir da 2ª Guerra Mundial (Gubern, 1979: 26). A Banda Desenhada passou a ser um instrumento de propaganda “e por consequência assistiu-se a uma massiva militarização dos seus personagens” (Gubern, 1979: 28). Um destes episódios foi “o ataque nipónico a Pearl Harbour, em 1941, que agudizou logicamente esta atitude militante,” e a partir daquele momento “formaram uma legião de personagens que passaram a defender a causa bélica” (Gubern, 1979: 31). Estes factos contribuíram para que se inaugurasse uma “tradição bélica” na BD (Gubern, 1979: 32).

A nível social, a BD desempenhou também um papel importante, na medida em que expunha “em cena figuras heroicas ou desembaraçadas (daquele desembaraço que “embaraça” tudo!) situadas acima ou ao lado do ser de classe,” e propunha “situações essencialmente evasivas feitas para a evasão. (...) para a visão aristocrática da cultura hegemónica” (Dadoun, 1974: 3).

Apesar deste carácter político-social que se foi desenvolvendo ao longo do tempo, a BD não deixou de ter a capacidade de colocar o leitor num mundo de fantasia. Tal como refere Gubern, “à maneira de sonhos impressos sobre papel”, a BD abriu as “portas da fantasia ao público leitor, com deslocações a continentes longínquos, selvas tropicais,

aventuras aéreas e proezas sem conta que, no plano da fantasia, consumavam quanto poderia desejar um cidadão frustrado numa medíocre, sedentária e pouco estimulante vida privada” (1979: 22). Do ponto de vista psicológico, este fenómeno “que leva a atribuir uma personalidade quase real a um personagem desenhado”, apesar de ser imaginário, “reveste um enorme interesse social e se baseia nos mecanismos da identificação e da projeção do «eu» do leitor sobre os personagens da narrativa” (Gubern, 1979: 22).

A BD é uma linguagem universal, que lemos, “levamo-la connosco para o café, ou para casa, onde vemos TV, cinema e Teatro” (Péon, 1981: 7). Esta forma de expressão conduz-nos a mundos imaginários, mas também apresenta um carácter social e político, que é necessário ter em conta. A televisão ao ter entrado no nosso quotidiano fez com que os jovens ficassem mais afastados da Banda Desenhada. Apesar disso, é através deste meio, que muitas vezes é divulgada a BD.

A Banda Desenhada sofreu, como se pôde constatar, uma evolução ao longo do tempo, mas agora é necessário analisar o papel do Cartoon nos dias de hoje. O termo inglês Cartoon “referia inicialmente um desenho preparatório para a pintura, tal como era prática tradicional desde a Renascença” (Sá, 2010: 31). Este termo viria a adquirir um novo sentido, que ainda se mantém até hoje, “tendo um âmbito universal” (Sá, 2010: 33).

O Cartoon atualmente tem um carácter bastante importante, pois é através dele que as pessoas expressam os seus sentimentos face a algum acontecimento e que criticam os aspetos sociais e políticos mais controversos. Quando há um atentado terrorista, principalmente na Europa, as pessoas tendem a publicar na Internet vários Cartoons, uma vez que sentem que esta é uma boa forma de se solidarizarem com a dor dos países atingidos. Na figura 15 podemos observar um Cartoon que foi publicado aquando dos atentados em Bruxelas, em março de 2016, e tem como objetivo demonstrar a solidariedade do povo francês com o povo belga. Na figura 16 é apresentado um Cartoon com um objetivo completamente diferente: criticar. Neste caso, é uma crítica a uma manifestação nazi registada em agosto de 2017, em Charlottesville, nos EUA. No Cartoon aparece um judeu com as mãos na cabeça, face à manifestação que está a passar na sua televisão. Há assim uma associação com o Holocausto. O Cartoon não precisa de traduções para ser interpretado, uma vez que o desenho é universal, e isso faz com que seja utilizado muitas vezes pelas pessoas.

Figura 15 – Cartoon referente ao atentado de Bruxelas



Fonte: Cartoon referentes ao atentado de Bruxelas. [consult. 2017-01-07]. Disponível em: <https://www.jn.pt/galerias/interior/artistas-reagem-aos-atentados-em-bruxelas-5089814.html>

Figura 16 – Cartoon referente a uma manifestação nazi



Fonte: Cartoon referente a uma manifestação nazista. [Consult. 2017-09-05]. Disponível em: <https://www.artizans.com/image/HAL2423/holocaust-survivor-recognizes-hate-seen-in-charlottesville-virginia-color/>

Hélder Santos aponta para a necessidade dos Cartoons se manterem constantemente atualizados, pois, “na maior parte das vezes, o impacto do argumento visual de um Cartoon está diretamente relacionado com a atualidade da própria mensagem e da consciência do seu público-alvo em relação aos acontecimentos vigentes” (2015: 18). Para além disso, “no contexto do Cartoon como crítica social, os cartunistas tentam publicar o seu trabalho no rescaldo imediato de eventos extremamente específicos e importantes da nossa sociedade”, de forma a causar um maior impacto junto da população (Santos, 2015: 18).

Elisa Soullier refere que “o humor, a sátira, é uma linguagem universal que desde sempre permitiu aos oprimidos, aos desprotegidos, exprimirem-se pelas palavras dos espíritos ou traços dos pincéis (...)” (2000: 6). Através destas palavras, percebe-se que o Cartoon sempre serviu como um meio de expressão para as pessoas. Para além disso, e tal como já foi mencionado anteriormente, a linguagem universal dele, faz com que seja acessível a todos.

1.4. A BD e o Cartoon no Ensino

O último subponto a abordar neste enquadramento científico reveste-se, na nossa opinião, de muita importância, não só porque está intrinsecamente relacionado com a área que estudamos, mas também porque irá permitir fazer a ponte com a segunda parte deste trabalho. No final do mesmo, poderemos perceber se a passagem da teoria à prática é uma tarefa fácil ou difícil.

A utilização da Banda Desenhada como instrumento pedagógico é bastante antiga, pois estava presente nos manuais escolares portugueses, desde os anos 20 do século XX (Lameiras, Boléo, Santos, 1999: 89). Apesar de ter uma componente pedagógica, alguns autores referem, que em anos anteriores, os professores consideravam a Banda Desenhada um mau elemento para os jovens. Lameiras, Boléo e Santos apontam para os “preconceitos crescentes, em que desconhecimento e incompreensão eram evidentes, acusavam a menoridade e infantilismo do conteúdo, o facilitismo mental e sobretudo a ideia de que a BD era inimiga da verdadeira leitura” (1999: 89). Isto poderá estar relacionado com o facto de “a grande maioria dos professores – como quase toda a gente”

ignorar “o que é a Banda Desenhada” (Coutinho, 1978: 3). Ou seja, se os professores conhecessem um pouco mais sobre BD, provavelmente teriam valorizado esta forma de expressão.

Atualmente, esses mitos criados em torno da BD foram desmistificados, embora o lugar da mesma nos meios culturais e intelectuais ainda não seja pacífico nem deixem de perdurar alguns preconceitos “artísticos”. Entretanto, a Banda Desenhada vai conseguindo ocupar uma posição mais destacada na arte de lecionar. Isso verifica-se, sobretudo, em disciplinas como Educação Visual onde se vai “realizando uma introdução à linguagem da BD e sensibilizando as camadas mais novas para esta forma de comunicação” e também com a introdução nos conteúdos de Português, do estudo da BD e da sua estrutura (Pessoa, 1979: 15). Para além destas disciplinas, “nos programas Curriculares do Ensino Público em Portugal, a Banda Desenhada faz parte integrante da aprendizagem das línguas e dos processos de comunicação” (GICAV, 1991: 4).

Umas das características da Banda Desenhada tem a ver com o facto de constituir “um género literário dentro da literatura, com características específicas que lhe possibilitam, no aspeto infantil e juvenil, desempenhar um papel educativo e pedagógico (quer no acompanhamento escolar quer no desenvolvimento psíquico dos jovens)” (GICAV, 1991: 10). Esta forma de expressão ao ser considerada como literatura “para crianças e jovens”, permite que se retirem alguns “aspetos positivos do seu aproveitamento” e acabam por auxiliar o “processo de ensino-aprendizagem em várias disciplinas, nomeadamente nas Línguas, na História, nas Ciências” (GICAV, 1991: 10).

Sendo a Banda Desenhada uma forma de literatura, tanto a sociedade como os professores, deveriam “proporcionar às crianças e jovens os instrumentos e capacidades para despertar neles o espírito de responsabilidade pela escolha das suas leituras, oferecer-lhes a possibilidade de discutirem a BD, compreendê-la e julgar o seu valor” (GICAV: 1991: 10). Para isso, deve ocorrer um incentivo por parte do meio escolar, como por exemplo, a divulgação junto dos alunos dos livros existentes na biblioteca, para que estes possam ler mais BD. E é desta forma que se “deve reconhecer a importância da Banda Desenhada no mundo da criança e do adulto, enquanto motivação para a leitura, descoberta dos prazeres das artes, do sentido da observação” (GICAV: 1991: 10). Para além disso, a BD “pode ser um precioso veículo auxiliar de educação, dentro e fora da escola”, na medida em que se for uma obra de carácter científico, esta pode transformar-

se numa forma mais descontraída e rápida de aprender determinada matéria, ou seja, pode facilitar a aprendizagem do aluno (GICAV, 1991: 10). Em suma, deve-se “acostumar a criança” a desenvolver o poder de observação, “e procurar por si, com agrado, as fronteiras do imaginário”. Este é o “grande contributo que a Banda Desenhada de qualidade pode oferecer à formação e à educação, enquanto forma de comunicação, transporte para o imaginário, expressão de criatividade” (GICAV, 1991: 11). Segundo Coutinho, “saber ler BD é algo que se impõe”, principalmente “numa época em que proliferam nos jornais, revistas e livros, os balões, os ideogramas, os pictogramas e a narração elíptica, de boa e má qualidade.” (1978: 1).

Didaticamente, a Banda Desenhada, que “é um poderoso agente ao serviço do ensino” pode desempenhar duas funções: uma indireta e outra direta (CPBD, 1978: 1). O autor revela assim que antes “da sua utilização direta, como processo de ensino, as histórias aos quadrinhos já exerciam, e continuam a exercer, uma função indireta, que nunca será demais apontar” (CPBD, 1978: 1). Esta função indireta está relacionada, sobretudo, com o desenvolvimento da motivação. Esta desenvolve-se “a partir do estímulo à imaginação (...); estímulo ao espírito de observação (mistério, policial, aventuras); estímulo à curiosidade e investigação do desconhecido (histórias de viagens, explorações e descobertas); estímulo à análise psicológica e sociológica (dramas pessoais, questões sociais e política)” (CPBD, 1978: 1). A leitura de uma BD pode estimular e motivar os alunos para o desenvolvimento de determinadas capacidades, como, por exemplo, a observação, o que poderá ter reflexos no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Para além disso, o consumo de BD, permite ao jovem leitor ter ainda uma maior conscientização das diferentes culturas e ambientes sociais, “além de fornecer dados informativos dispersos, que o leitor é solicitado a integrar, num esquema que ele próprio vai elaborar” (CPBD, 1978: 1).

Em relação à função direta do consumo de BD, em termos didáticos, esta verifica-se aquando da utilização desta forma de expressão “como meio de transmissão de conhecimentos explicitamente definidos”, sendo, então, considerada “uma forma de arte aplicada ao serviço do ensino” (CPDB, 1978: 2). Uma das disciplinas em que se pode fazer a utilização da BD, de forma direta, é História, porque, segundo o autor, “sem dúvida, é esta a disciplina em que a Banda Desenhada se tem mostrado mais adequada e onde mais frequentemente tem sido empregue”. Este facto deve-se, sobretudo, à

existência de uma multiplicidade de obras de carácter histórico (CPBD: 1978: 2). Mas não é apenas na disciplina de História que a BD deve ser utilizada como recurso de aprendizagem, também poderá ocorrer na Literatura, nas Ciências, na Matemática e nas Línguas, entre outras (CPBD: 1978: 2).

João Sousa alerta para a necessidade das obras de Banda Desenhada de carácter científico apresentarem factos rigorosos. Para o autor, apesar de estas obras não terem “o papel de educador”, isso não desculpa nem implica que representem erroneamente “factos reais” (Sousa, 1977: 13). João Sousa refere ainda que “sempre que se trata de factos concretos ou personagens reais”, o autor deve ser o mais rigoroso possível, não deturpando “a história, sob pena de induzir em erro um público menos culto, tratando-se este, regra geral, do mais jovem, sempre pronto a assimilar informações, sem lhes fazer a análise crítica que muitas vezes se impõe” (1977: 13). As obras de carácter didático, muitas vezes, não suscitam o interesse do público mais jovem, uma vez que são “algo maçudas e de difícil leitura” e os jovens são cada vez menos “sedentos de cultura geral” (Sousa, 1977: 14).

Em relação às novas tecnologias e à BD, “a informática (e as capacidades de inovação e simulação que proporciona) tem-se mostrado um valioso auxiliar na educação e formação dos jovens, no apoio à informação, e mais recentemente ao nível da criação de BD”, ao proporcionar “uma variedade inesgotável de experiências, oferecendo as vantagens da conjugação imediata dos vários discursos: scripto, áudio e visual” (GICAV, 1991: 6). A utilização e exploração “das possibilidades dos computadores gráficos só tem a imaginação como limite” (GICAV, 1991: 6). Apesar de ser “um utensílio que nunca substituirá o talento”, este permite “uma expressão com muito maior liberdade” (GICAV, 1991: 6). Ao realizar um trabalho com o apoio do computador notar-se-á “uma maior rapidez de execução, permitirá um sem número de misturas, tons e graduações e guardará cada imagem disponível, sempre em condições de poder ser alterada” (GICAV, 1991: 6). Estando os jovens cada vez mais ligados às novas tecnologias, provavelmente seria mais motivador conhecer o mundo da BD através da informática.

Em suma, a Banda Desenhada “é um suporte de grande versatilidade – dinâmico, desinibidor e sensibilizador, pois permite um envolvimento direto” entre professor e aluno, durante o processo de ensino-aprendizagem (Vicente, 1993: 21). Este pode partir “de diferentes leituras – pessoal, expressiva, dramatizada, em representação ... -

prolongando no tempo os efeitos positivos da mensagem” (Vicente, 1993: 21). Para além disso, “tem também uma força intrínseca desmistificadora dos problemas escolares”, permitindo realizar uma abordagem a assuntos sérios e delicados utilizando o desenho (Vicente, 1993: 21). A BD é, assim, em termos didáticos, um recurso que pode ser utilizado no processo ensino-aprendizagem, pode ser facilitador da compreensão de determinadas matérias e pode ser motivador para os jovens, ao ponto de desenvolverem certas capacidades, tais como a da observação.

Em relação ao Cartoon, este também pode ter os mesmos efeitos que a Banda Desenhada, no processo de ensino-aprendizagem. Este recurso pode ser utilizado em várias disciplinas, como Português, Francês, História, entre outras. O Cartoon pode ser, tal como já foi mencionado anteriormente, de cunho humorístico ou satírico. Cecilia Esteban refere que ao incorporar material cómico nas aulas “partimos de um material conhecido que, por um lado, lhes interessará mais e, por outro, ajudará a facilitar a tarefa” (2013: 29). Este acaba por se tornar, tal como refere a autora, num recurso motivador, pois “é mais fácil de compreender do que os textos”; “é divertido”; “provoca, atrai e fomenta a criatividade”; “dá colorido às aulas” (Esteban, 2013: 29).

A utilização de Cartoons humorísticos no processo de ensino-aprendizagem faz com que se desperte o riso e este, por sua vez, faz com que os alunos vejam “as coisas de um ponto de vista diferente, que se afasta dos (...) parâmetros quotidianos” e dão “uma nova perspetiva da realidade” (Esteban, 2013: 31). Desta forma, existe uma libertação “do pensamento racional que vigora na escola tradicional” permitindo “a criação de novos mundos” (Idem).

Os Cartoons não despertam apenas o riso, mas também são potenciadores do desenvolvimento do espírito crítico dos alunos. Atentemos na figura 17, onde aparece um exercício com um Cartoon presente num Manual de Francês de 9º ano e que pretende que os alunos, com base neste recurso, realizem um trabalho sobre os comportamentos dos jovens. A análise deste Cartoon iria permitir aos alunos refletirem sobre os comportamentos que afetam o mundo e desenvolverem o seu sentido crítico em relação a essa destruição provocada.

Mas não é só na disciplina de Francês que este tipo de exercício surge. Atentemos na figura 18, na qual surge um exercício colocado num Manual de Português de 7º ano. Através da análise do Cartoon apresentado, os alunos tinham de evidenciar a intenção

crítica deste recurso. Neste caso, tinham de referir que os turistas que fazem a visita a um parque selvagem de carro acabam por afetar a qualidade de vida desses animais, devido à poluição provocada pelos carros. Estes são dois exemplos de exercícios envolvendo Cartoons que não apelam ao riso, mas sim ao debate de ideias face aos problemas apresentados.

Figura 17- Exercício com um Cartoon para a disciplina de Francês



Fonte: Costa, S. (2017). *Mots-Clés 9*. Porto Editora. pp. 118.

Figura 18 – Exercício com um Cartoon para a disciplina de Português



Fonte: Costa, F.; Mendonça, L. (2017). *Diálogos 7*. Porto Editora. pp. 65.

Em suma, o Cartoon é um recurso que pode trazer bastantes benefícios para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Este é um recurso diferente dos recursos habituais e se for bem explorado pelo Professor, pode levar o aluno a adquirir mais facilmente os conteúdos abordados. Aliás, este é um claro benefício, pois o Cartoon acaba por facilitar a aprendizagem. Para além disso, este tipo de recursos permite aos alunos libertarem-se dos recursos que utilizam com bastante frequência e, com isto, tendem a ficar muito mais motivados para aprender. O Cartoon permite ainda o desenvolvimento do espírito crítico que é bastante importante, pois é através dele que consciencializamo-nos e discutimos sobre os problemas e acontecimentos vividos no mundo.

*“A teoria sem a prática de nada vale,
a prática sem a teoria é cega.” (Lenine)*

II- Enquadramento Metodológico

Na segunda parte desta investigação, iremos realizar a passagem da componente teórica para a componente prática. Será que passar da teoria para a prática é assim tão simples? Serão a Banda Desenhada e o Cartoon bons recursos para se utilizar no processo de ensino-aprendizagem? Em que momentos podemos aplicar uma Banda Desenhada e um Cartoon em sala de aula? Algumas respostas serão dadas com base num estudo de caso realizado. O nosso estudo de caso não pretende apresentar respostas definitivas, uma vez que definir se um recurso é bom ou mau depende de múltiplos fatores e não é esse o nosso papel.

Capítulo 1- A BD e o Cartoon no Ensino da História e da Geografia – Estudo de Caso

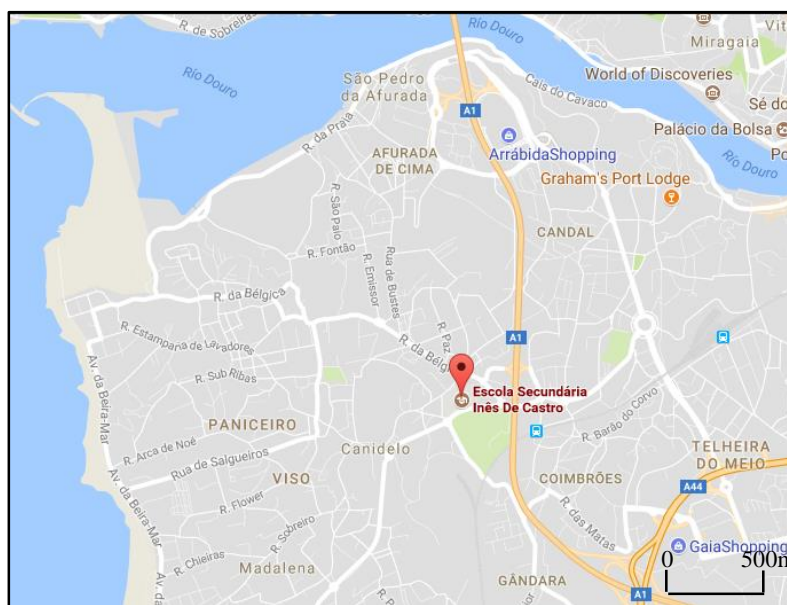
1.1. Caracterização da escola

O estudo de caso em causa efetivou-se durante um estágio realizado numa escola. Este estágio decorreu no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, do Mestrado em Ensino de História e Geografia. Em primeiro lugar é preciso contextualizar o estudo de caso, ou seja, é necessário fazer uma caracterização aprofundada do local onde foi aplicado. Para isso, consultamos o portal e o projeto educativo da Escola Secundária Inês de Castro, nos quais é apresentado um conjunto de informações essenciais sobre este local de ensino. Desta forma, a presente investigação desenvolveu-se na Escola Secundária Inês de Castro que se localiza no concelho de Vila Nova de Gaia, freguesia de Canidelo.

Em relação ao enquadramento geográfico, e tal como podemos observar no mapa 1, esta escola insere-se numa zona que tem como limites: a norte, o Rio Douro, a nordeste, a freguesia de S. Pedro da Afurada, a este, a freguesia de Santa Marinha, a oeste, o Oceano Atlântico e a sul, a freguesia da Madalena (Portal da ESIC). Este enquadramento “permite-lhe ter uma grande diversidade paisagística, etnográfica e cultural” (Projeto Educativo da ESIC). Para além disso, a escola está localizada num local com bons acessos rodoviários e também apresenta uma rede de transportes públicos bastante razoável (autocarros, comboio...) (Portal da ESIC). A área de influência pedagógica “abrange as

freguesias de S. Pedro da Afurada e Canidelo” (Projeto Educativo da ESIC). Estas apresentam aspetos sociais e económicos bastante diferentes. S. Pedro da Afurada é um local de grande densidade populacional e com uma grande ligação às tradições religiosas (Portal da ESIC). Em termos económicos, esta população dedica-se à atividade piscatória, na zona ribeirinha, e na parte mais alta da freguesia dedica-se ao comércio e à pequena indústria (Projeto Educativo da ESIC). Por outro lado, Canidelo assume-se como “polo dormitório” de uma população que trabalha noutros locais, uma vez que existe um “fraco tecido industrial”, bem como um comércio bastante reduzido (Portal da ESIC). Os aspetos comuns a estas duas freguesias são a existência de habitações degradadas e de bairros habitados maioritariamente por famílias com grandes dificuldades financeiras e, em alguns dos casos, com “disfuncionamento familiar” (Projeto Educativo da ESIC).

Mapa 1- Localização geográfica da Escola Secundária Inês de Castro



Fonte: Mapa da Escola Secundária Inês de Castro in Google Maps [consult. 2017-09-10]. Disponível na Internet em:

<https://www.google.pt/maps/place/Escola+Secund%C3%A1ria+In%C3%AAs+De+Castro/@41.1264662,-8.6582533,14z/data=!4m5!3m4!1s0xd24653e71c3c14b:0x2db4387e9091a603!8m2!3d41.1261187!4d-8.6397782>.

Em relação à data criação da escola, e segundo consta no portal da mesma, esta foi criada em 1980, mas só iniciou as suas atividades no ano de 1985. Cerca de 10 anos mais tarde, mais concretamente no ano letivo de 1996/1997, a escola elegeu como patrono uma

figura muito conhecida da História de Portugal, Inês de Castro (Portal da ESIC). Esta escolha deveu-se ao facto de que “segundo a opinião de Montalvão Machado, D. Pedro e D. Inês devem ter vivido no Paço de Canidelo, desde o início de 1352 até ao fim de 1353 e aí deve ter nascido a Infanta D. Beatriz, sua filha” (Portal da ESIC).

A Escola Secundária Inês de Castro é uma escola pública que permite aos alunos frequentarem o 3º Ciclo e o Ensino Secundário, tanto no Ensino Regular como em Cursos Qualificantes (Projeto Educativo da ESIC). Um dos objetivos da escola é combater o abandono precoce, que segundo os dados do INE, fixa-se em 5,65%. Desde o ano de 2006 a escola encontra-se inserida no programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) (Portal da ESIC). A escola integrou, ainda, o Programa de Modernização da Parque Escolar do Ensino Secundário, tendo sido alvo de uma remodelação, tal como podemos observar nas figuras 19 e 20, o projeto anterior e o projeto atual.

Figura 19 - Projeto anterior da Escola Secundária Inês de Castro



Fonte: *Projeto anterior da Escola Secundária Inês de Castro* in Projeto Educativo da ESIC. [consult. 2017-09-15]. Disponível em: http://www.esic.pt/projectos/pee_teip/pee_teip_esic.pdf

Figura 20 – Projeto atual da Escola Secundária Inês de Castro



Fonte: *Projeto atual da Escola Secundária Inês de Castro* in Projeto Educativo da ESIC. [consult. 15-09-2017]. Disponível em: http://www.esic.pt/projectos/pee_teip/pee_teip_esic.pdf

No ano letivo 2014-2015, o corpo docente era constituído por 117 professores e o número de alunos era de 1270. A escola teve dois Estágios Pedagógicos ativos, o de História e Geografia e o de Educação Física. O pessoal técnico foi constituído, nesse ano, por 15 funcionários e existiam ainda 24 assistentes operativos.

Esta caracterização a nível histórico, económico e social, quer da escola, quer da zona de influência pedagógica é importante para se compreender determinados aspetos em relação ao funcionamento escolar, mas principalmente para conhecer um pouco melhor a realidade onde os alunos se inserem. Ao longo do Mestrado em Ensino, quer a nível teórico, quer a nível prático, compreendemos que o contexto socioeconómico tem bastante influência no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

1.2. Caracterização das turmas

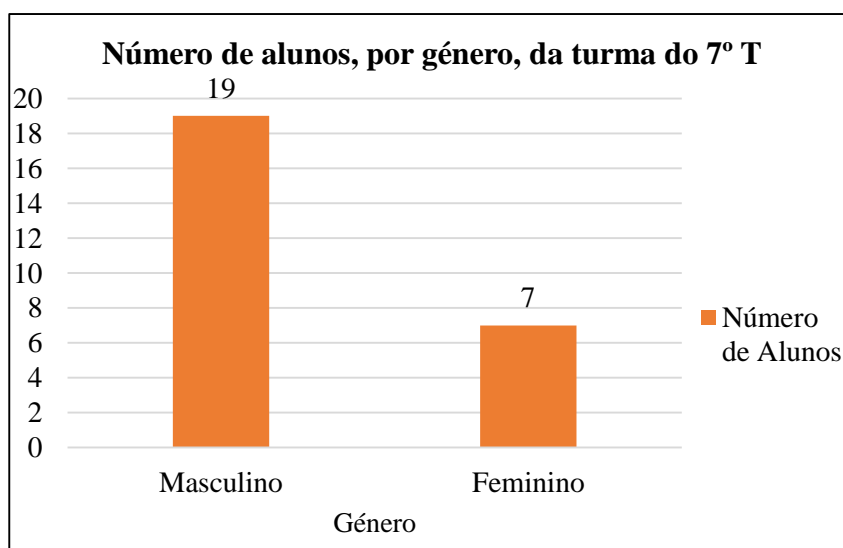
Neste segundo subponto, serão facultadas informações importantes sobre as turmas que participaram na presente investigação. Durante o estágio, tivemos a possibilidade de trabalhar com duas turmas de 7º ano e duas de 10º ano. Para este estudo de caso, participaram as duas turmas de 7º ano, principalmente por duas razões. A primeira está relacionada com o facto de uma das turmas de 10º ano não ter Geografia, e como para esta investigação era necessário fazer uma aplicação destes recursos tanto em História como em Geografia, acabamos por optar não escolher o 10º ano. A segunda razão tem a

ver com os recursos em causa e achamos que estes resultariam melhor em alunos do 7º ano, principalmente a Banda Desenhada. Também achamos importante perceber se os alunos conseguiriam desenvolver o seu processo de aprendizagem através de um cartoon.

As duas turmas participantes deste estudo de caso apresentaram, ao longo do ano letivo, uma grande evolução em termos de comportamento, e sobretudo, a nível atitudinal. É certo que o comportamento está intrinsecamente relacionado com as atitudes, pois tal como refere Coll, as atitudes relacionam-se com várias componentes: cognitiva, afetiva e comportamental (1992: 137-138). Para além disso, têm quatro funções de carácter psicológico: “defensiva; adaptativa; expressiva dos valores; cognitiva” (Coll, 1992: 137-138). Ou seja, para que os alunos saibam estar na sala de aula é necessário que desenvolvam atitudes como o respeito, a cooperação, o empenho, entre outras. Este é um processo realizado em conjunto entre aluno e professor. Em relação a estes aspetos, as turmas, que caracterizaremos de seguida, apresentaram desenvolvimentos diferentes.

Para garantirmos o anonimato dos alunos, atribuímos uma designação fictícia a cada turma. A primeira turma a ser caracterizada é a do 7º T. Esta era composta por 26 alunos, sendo 19 deles do género masculino e 7 do género feminino, tal como é possível verificar-se através da análise do gráfico 1. Nos últimos meses do ano letivo, a turma recebeu mais um elemento, perfazendo o número total de alunos apresentado. Dos 26 alunos, 3 tinham ficado retidos no 7º ano. Esta turma tinha idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos.

Gráfico nº 1- Número de alunos, por género, da turma do 7º T

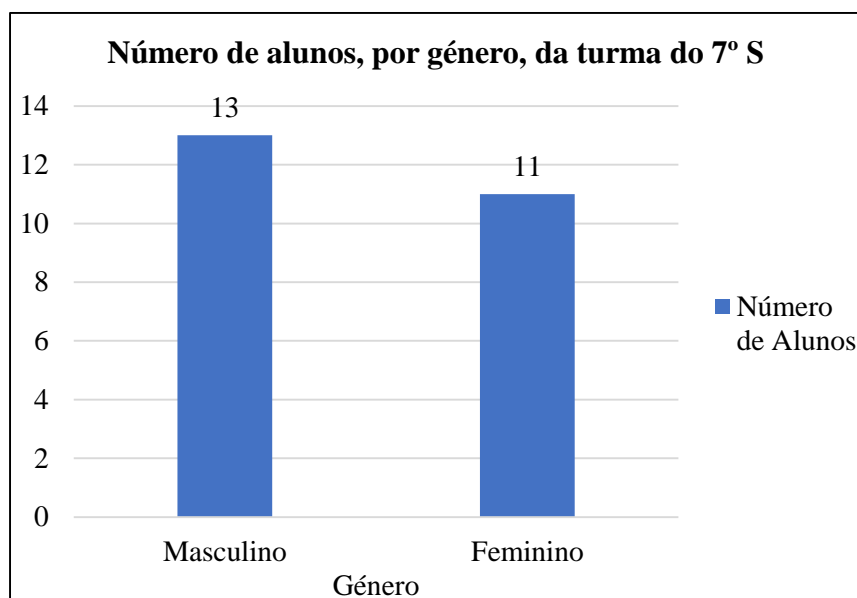


Ao analisar o comportamento desta turma ao longo do ano, verificou-se que a mesma teve uma evolução descendente, tendo começado bem, mas terminado de uma forma não muito satisfatória. No início do ano letivo, a primeira impressão que obtivemos foi ótima. O bom ambiente de trabalho imperava, durante a lecionação das aulas. A turma era bastante tranquila e não provocava grandes momentos de desestabilização. O aproveitamento também era bastante satisfatório. Para além disso, notava-se claramente que esta turma apresentava hábitos de estudo, o que contribuía para as boas notas alcançadas. O empenho, o respeito e a cooperação entre os alunos foram algumas das atitudes desenvolvidas pelos alunos e que beneficiaram o processo de ensino-aprendizagem.

Com o decorrer do ano, e principalmente no 3º período, a turma apresentou uma alteração no comportamento, pois tornou-se mais agitada, o que obrigou a uma mudança nas estratégias implementadas. Esta agitação poderá estar relacionada com um conjunto de fatores tais como um maior entrosamento entre a turma, que provocou um comportamento mais inadequado, por parte de determinados alunos, ou de um maior cansaço, resultante de um longo ano letivo. Seja qual tenha sido o fator envolvido, o que é certo é que a turma já não revelava o mesmo empenho nas tarefas realizadas e distraía-se com grande facilidade. Estas mudanças no comportamento tiveram alguma influência nesta investigação, tal como teremos oportunidade de explicar num ponto subsequente. Apesar destas mudanças verificadas, o aproveitamento manteve-se. Para além disso, a turma apresentou-se sempre unida, o que é de salutar, pois não existiu nenhum problema de relacionamento entre os próprios alunos.

A outra turma participante do estudo de caso é o 7º S e, tal como se pode observar no gráfico 2, era composta por 24 alunos, sendo que 13 deles pertencem ao género masculino e 11 ao género feminino. Ao longo do ano, a turma sofreu algumas alterações em relação ao número de alunos. Dos 24 alunos, 4 tinham ficado retidos no 7º ano. As idades compreendidas nesta turma iam dos 11 aos 13 anos.

Gráfico nº 2- Número de alunos, por género, da turma do 7º S



Ao contrário do que sucedeu com a outra turma de 7º ano, esta apresentou uma evolução de forma ascendente. No início do ano, o 7º S revelou um comportamento totalmente inadequado, durante o processo de ensino-aprendizagem. Determinados alunos perturbavam seriamente o trabalho a ser desenvolvido na sala de aula. O primeiro período foi de choque, pois foi uma turma que nos obrigou a uma mudança rígida na implementação de determinadas estratégias. Ao contrário do 7º T, esta turma era de relacionamento mais difícil, tanto em relação ao professor, como em relação aos colegas. Precisavam por isso trabalhar algumas atitudes como o respeito e a cooperação. Quanto ao aproveitamento, este era muito fraco, pois a turma não apresentava hábitos de estudo e verificou-se que o que se refletia nos testes, era o que os mesmos ouviam nas aulas. Alguns problemas sociais vividos por determinados alunos tiveram influência no comportamento demonstrado.

No segundo período tudo se alterou. Um dos fatores que contribuiu para esta alteração foi a saída da turma de um dos elementos mais perturbadores. Isso fez com que o comportamento modificasse. A turma que não sabia comportar-se numa sala de aula, tornou-se mais tranquila. No 3º período, e tal como sucedeu com o 7º T, notou-se uma certa agitação, que nos parece um pouco normal, uma vez que estávamos no final de um longo ano letivo. Apesar de uma melhoria evidente, a turma apresentou ainda alguns problemas de relacionamento com os colegas na sala de aula, constatando-se algumas

faltas de respeito graves. Em relação ao aproveitamento, este foi melhorando à medida que o comportamento também melhorava. Um dos aspetos mais interessantes relacionado com esta turma é a curiosidade demonstrada durante as aulas. Esta atitude fez com que as aulas se tornassem mais interessantes, tanto para o aluno como para o professor. Em comparação com a outra turma, esta revelava uma atitude mais ativa na sala de aula. Apesar dos problemas iniciais, e de considerarmos que esta é uma turma mais difícil para se desenvolver a arte de lecionar, não podemos negar que foi gratificante poder trabalhar com ela, pois foi um desafio constante e isso permitiu-nos crescer a vários níveis.

1.3. Metodologia adotada

Neste terceiro subponto deste capítulo, serão indicados os métodos utilizados para a recolha de dados. Essa informação recolhida visa contribuir para que se possa dar respostas às questões de partida e aos objetivos propostos. A metodologia é uma parte fundamental em qualquer trabalho, mas sobretudo num trabalho de investigação. Sem definir métodos, não é possível apresentar uma investigação rigorosa. Segundo Prodanov e Freitas, e corroborando aquilo que já foi referido, “a Metodologia (...) examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a recolha e o processamento de informações, com o objetivo de encaminhar e resolver problemas e/ou questões de investigação” (2013: 14).

Para a recolha de dados, utilizamos como instrumento o inquérito por questionário. Este foi aplicado em dois momentos: antes da aplicação da Banda Desenhada e do Cartoon no processo de ensino-aprendizagem e no final desta aplicação. Com estes dados obtidos, pode-se realizar uma análise comparativa e perceber a evolução das respostas dos alunos face às questões colocadas. A utilização de um inquérito por questionário tem as suas vantagens, tal como refere Maciel, pois permite “a possibilidade de examinar um número significativo de indivíduos, acompanhada pela possibilidade de quantificar os dados obtidos e, conseqüentemente, proceder à sua análise estatística” (2014: 156). Este tipo de instrumento apresenta também algumas limitações tais como, a impossibilidade de “garantir a representatividade dos indivíduos inquiridos, o que implica que as conclusões do estudo só se apliquem, com rigor, à amostra” e também “os elevados níveis de não resposta ao questionário” que fazem “com que não se alcance o tamanho mínimo da amostra” (Maciel, 2014: 156).

Após a realização do primeiro inquérito por questionário, decidimos fazer uma transposição didática da Banda Desenhada e do Cartoon, ou seja, resolvemos aplicar estes recursos em diferentes momentos da aula. Desta forma, a Banda Desenhada e o Cartoon foram aplicados como motivação, como recurso sobre o tema e como consolidação, nas disciplinas de História e Geografia. Os dados foram recolhidos por observação direta. O método por observação é bastante utilizado nas ciências sociais e embora “por um lado, se considere como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso, (...) por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos” uma vez que possibilita um “elevado grau de precisão nas ciências sociais” (Prodanov, 2013: pp. 37). No processo de ensino-aprendizagem, este método é essencial para o professor recolher um maior número de informações sobre os seus alunos.

1.3.1. O primeiro inquérito por questionário

O primeiro inquérito por questionário foi aplicado no final do segundo período. Antes desta aplicação, decidimos aplicar, no primeiro período, uma banda desenhada experimental, com o objetivo de percebermos de que forma os alunos reagiriam face a este tipo de recurso. A aula decorreu no dia 3 de novembro de 2014 e foi lecionada à turma do 7º T, na área disciplinar de História. O tema abordado esteve relacionado com a civilização egípcia, mais concretamente a organização social e política do Antigo Egipto e a sua religião. Um dos recursos apresentados nesta aula foi uma Banda Desenhada de “Osíris” (ver anexo 1). Este foi aplicado como recurso sobre o tema e tinha como objetivo que os alunos identificassem as principais características da religião egípcia, tais como o politeísmo e também o culto aos mortos, uma vez que os egípcios acreditavam na imortalidade da alma e praticavam a mumificação.

Na Banda Desenhada apresentada verifica-se que os egípcios acreditavam em vários deuses, pois foi com a ajuda deles que o faraó venceu o seu inimigo. Para além disso, na última tira aquando da morte do faraó Ramsés II, o mesmo quando vê a “luz”, retrata-a como um eterno poder, pois acreditava que a vida continuava mesmo após a sua morte. Estas eram algumas das características que os alunos deveriam identificar com a análise desta BD. Mas nem tudo correu bem. Esta BD foi distribuída a preto e branco, por uma questão económica e como apresentava alguns balões com bastante texto e as cores da Banda Desenhada eram um pouco claras, a fotocópia a preto e branco ficou pouco

apelativa e os alunos apresentaram alguma dificuldade em ler os balões. Alguns conseguiam ver melhor a BD na imagem projetada, que estava a cores, do que na que tinham à sua frente. Este aspeto serviu-nos de lição para o futuro, pois tal como foi referido no enquadramento teórico, a cor na Banda Desenhada tem bastante importância, pois torna-a mais atrativa. Um outro aspeto que condicionou esta Banda Desenhada foi o questionamento realizado, pois como ainda estávamos numa fase inicial do estágio, este acabou por não ser o mais eficaz, pois denotamos que os alunos sentiram dificuldade em identificar algumas das características mencionadas anteriormente. Em suma, esta experiência não correu de acordo com as nossas expectativas, mas isso não fez com que abandonássemos esta investigação, antes pelo contrário, pois permitiu-nos identificar aquilo que não deveríamos repetir no futuro.

No final do segundo período, tal como já foi mencionado, aplicamos o primeiro questionário (ver anexo 2). Esta aplicação foi um pouco tardia devido a algumas circunstâncias a nível curricular e também temporal, pelo que só nos foi possível aplicar nesta altura. O questionário apresenta 13 questões, sendo que 12 são de resposta fechada e 1 de resposta aberta. Na primeira página são apresentadas questões sobre a Banda Desenhada. Estas questões têm como intuito perceber se os alunos já tinham utilizado este recurso em contexto de aprendizagem e se sim, em que disciplinas. Na pergunta seguinte é pedido aos alunos que identifiquem o momento didático, no qual utilizaram este recurso de aprendizagem. Apesar de termos feito um esclarecimento prévio, em relação aos diferentes momentos didáticos, denotou-se através das questões dos alunos, que estes sentiram uma grande dificuldade para responder a esta pergunta. Provavelmente, não deveríamos ter colocado esta questão, uma vez que os alunos não estão tão familiarizados com estes termos. As duas últimas questões referem-se aos hábitos de leitura de Bandas Desenhadas e à frequência com que o fazem. Esta última pergunta também provocou algum reboiço, porque as opções de resposta apresentadas eram um pouco limitadas. Na questão 6, provavelmente deveríamos ter colocado ou outras opções de resposta mais abrangentes ou deixar como resposta aberta.

A segunda página do questionário apresenta questões acerca do Cartoon, visto que este é um recurso diferente da Banda Desenhada. Quando os alunos começaram a responder a estas perguntas, muitos questionaram-nos sobre o que era um Cartoon. Isto provocou-nos uma certa admiração, uma vez que pensávamos que os alunos já tinham




abordado este recurso em sala de aula. Mas provavelmente não devem ter tido essa hipótese. O que também poderá ter acontecido é que eles até podem saber o que é um Cartoon, mas não estarem a associar ao conceito apresentado. Seja como for, perante estas dúvidas foi feita uma explicação muito simples e rápida sobre o que era o Cartoon. Após esta explicação, os alunos responderam às questões apresentadas que pretendiam perceber se já tinham utilizado este recurso no contexto de aprendizagem, e se sim em que disciplinas e em que momento didático. Para além disso, questionámos os alunos se eles prestavam atenção aos Cartoons e se sim, em que meios.

As duas últimas questões têm a ver com os dois recursos, sendo que a primeira remete para a opinião dos alunos em relação ao facto destes serem bons recursos para a aprendizagem. A última questão é aberta e pede para os alunos justificarem a resposta anterior. Todas estas questões colocadas foram fundamentais para fazer um “retrato” destes alunos em relação a estes recursos de aprendizagem.

Como já foi referido, os alunos, tanto do 7º T, como do 7º S, apresentaram algumas dúvidas sobre o que era um Cartoon. Isso fez com que, antes de aplicarmos estes recursos de aprendizagem em diferentes momentos didáticos, decidíssemos aproveitar uns minutos de uma aula para definir e exemplificar o que era um Cartoon e o que era uma Banda Desenhada. Para isso procuramos definições simples, para que os alunos pudessem diferenciar estes dois recursos. Entregámos, durante uma aula, uma fotocópia que continha as duas definições (ver figura 21) e projetamos uma Banda Desenhada e um Cartoon (ver anexos 3 e 4). As definições apresentavam ainda algumas palavras destacadas a negrito, de forma a os alunos perceberem que a Banda Desenhada pretende contar uma história, enquanto que o Cartoon é um desenho de cunho humorístico ou satírico. Apesar de ter sido uma explicação muito rápida, visto que já estávamos nos últimos meses do ano letivo, de uma forma geral, os alunos compreenderam que estes recursos têm como base o desenho, mas apresentam finalidades diferentes.

Estas explicações foram importantes para podermos avançar para o passo seguinte, que foi a aplicação da Banda Desenhada em diferentes momentos didáticos. Não poderíamos avançar sem que os alunos compreendessem as características fundamentais destes dois recursos, ainda que de uma forma muito simples e direta. Com mais tempo, provavelmente, poderíamos ter trabalhado de uma outra forma as dificuldades que os alunos sentem em relação à Banda Desenhada e ao Cartoon.

Figura 21 – Definições de Banda Desenhada e Cartoon entregues aos alunos



BANDA DESENHADA E CARTOON

Banda Desenhada- “Sequência de imagens (desenhadas e/ou pintadas) que **narra uma história**, podendo incluir ou não texto (legendas, diálogos ou pensamentos). Embora não seja obrigatório o texto para se estar na presença de uma banda desenhada (BD), quando este existe não tem necessariamente de estar representado por um balão (...).”

Fonte: Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/banda+desenhada>

Cartoon- “Expressão que designa um **desenho humorístico ou satírico**, por vezes na forma de banda desenhada, publicado em jornais e revistas. A sua origem remonta ao século XIX e a sua evolução acompanha a história dos órgãos de comunicação social escritos.”

Fonte: Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/Scartoon>

1.3.2. A BD e o Cartoon nas aulas de História

Após a aplicação do primeiro questionário e da explicação facultada aos alunos, iniciamos a aplicação destes recursos nas duas áreas disciplinares em causa, História e Geografia. Tal como foi referido anteriormente, os três momentos didáticos escolhidos para realizar esta investigação foram a motivação, o recurso sobre o tema e a consolidação. Para cada um destes momentos, optamos por aplicar três Bandas Desenhadas e três Cartoons. Decidimos aplicar três vezes estes recursos em cada momento, porque se fosse aplicado uma só vez, seria uma tarefa fácil e iria fazer com que não tivéssemos dados suficientes para perceber se aquele recurso de facto correu bem como meio de aprendizagem. Ou seja, para podermos aferir se estes recursos resultam ou não, foi necessário recolher informações suficientes. Ao todo foram aplicadas dez Bandas Desenhadas em História e nove em Geografia e oito Cartoons em História e nove em Geografia.

Num primeiro momento, analisaremos os recursos aplicados na disciplina de História e posteriormente analisaremos os de Geografia. Como estamos a falar de dois recursos

diferentes – Banda Desenhada e Cartoon – iremos analisar a aplicação dos dois de forma separada. Primeiramente, abordaremos a BD aplicada nos momentos já mencionados e posteriormente o mesmo será realizado para o Cartoon.

1.3.2.1. A Banda Desenhada

Para a disciplina de História foram utilizadas Bandas Desenhadas com cariz histórico. Algumas destas sofreram algumas modificações, de forma a estarem de acordo com os conteúdos trabalhados.

1.3.2.1.1. Motivação

A primeira Banda Desenhada, utilizada como motivação, foi aplicada no dia 25 de maio de 2015 (ver anexo 5) à turma do 7º T. Esta BD tinha como intuito suscitar nos alunos curiosidade para a temática que iriam aprender naquela aula, neste caso, o processo de fundação do Condado Portucalense. A BD chama a atenção para a ajuda que D. Raimundo e D. Henrique deram a D. Afonso VI, na luta contra os muçulmanos. Como forma de recompensa o rei deu a cada um, um condado e concedeu-lhes o casamento com as suas filhas. Estes foram alguns dos aspetos que suscitaram curiosidade nos alunos para descobrirem mais sobre o Condado Portucalense.

Uma das situações que se verificou aquando da aplicação das Bandas Desenhadas foi a reação calorosa dos alunos, uma vez que quando lhes é pedido para fazerem a leitura em voz alta, eles tornam-se bastante participativos, pois querem representar as personagens presentes. Isto sucedeu não só com esta BD, mas também com todas as outras aplicadas, quer em História, quer em Geografia. Em certos momentos, foi necessário até conter a euforia dos alunos. Este comportamento foi transversal às duas turmas, o que deixou-nos surpreendidos principalmente em relação à turma do 7º S. Como este recurso é baseado no desenho e tende até a ter uma conotação infantil, pensávamos que esta turma não iria revelar um certo entrosamento com este tipo de recurso. Mas tal não sucedeu.

Mas o objetivo principal não é causar euforia junto dos alunos, mas, sobretudo, que eles consigam atingir os objetivos definidos para aquele recurso. Neste caso, os alunos de uma forma geral compreenderam através desta BD que existia um rei que teve a ajuda de dois cavaleiros na luta contra um inimigo e que depois ofereceu-lhes algumas

recompensas. Mas esta análise também originou algumas questões por parte dos alunos: quem eram estes cavaleiros que vieram ajudar o rei?; O que aconteceu depois de terem recebido os condados?. O questionamento da nossa parte foi bem realizado, o que ajudou a surtir o efeito desejado, ou seja, suscitar curiosidade nos alunos. Esta BD poderia ter sido aplicada também como recurso sobre o tema, mas como apresentava alguns aspetos um pouco romantizados, acabamos por achar que iríamos obter melhores resultados como motivação.

A segunda Banda Desenhada utilizada como motivação foi aplicada no dia 1 de junho de 2015 (ver anexo 6), à turma do 7º S. Esta BD tinha como objetivo que os alunos identificassem alguns aspetos relacionados com a temática a ser abordada na aula. Esta corresponde ao seguinte descritor: “relacionar os progressos na produção agrícola com o incremento das trocas a nível local, regional e internacional e consequente reanimação das cidades” (Metas Curriculares de História). Esta Banda Desenhada aplicada sofreu algumas modificações da nossa parte. Ao contrário do que aconteceu com a BD anterior, esta não surtiu o efeito desejado.

Um dos aspetos que condicionou este recurso foram as modificações introduzidas no texto e que fizeram com que os alunos não compreendessem muito bem a mensagem transmitida. Para além disso, o questionamento teve de ser adaptado face às dificuldades reveladas pelos alunos. Ainda assim, os alunos conseguiram perceber que houve uma melhoria da agricultura e que esta favoreceu o desenvolvimento da economia, pois perceberam que o rei estava interessado no dinheiro que podia ganhar com este desenvolvimento. Desta vez não colocaram questões, nem revelaram tanta curiosidade, o que pode ser um indicador de que o nosso questionamento não foi totalmente bem realizado ou que a BD escolhida não foi a melhor.

A última Banda Desenhada utilizada como motivação também foi aplicada no dia 1 de junho de 2015 (ver anexo 7), mas à turma do 7º T. Esta BD também estava relacionada com a temática anterior, relativa aos progressos técnicos da agricultura no século XIII. Tal como sucedeu com a BD anterior, também esta sofreu algumas modificações da nossa parte, a nível textual. Apesar de todos estes aspetos em comum, esta Banda Desenhada era bastante diferente da anterior. Primeiramente, porque o desenho já não apelava ao lado histórico, mas sim a uma conversa entre dois amigos sobre alguns acontecimentos

do passado. Para além disso, o texto modificado não se revelou tão confuso como o anterior, o que facilitou a análise deste recurso.

De uma forma geral, esta Banda Desenhada foi bem-sucedida neste momento didático. Os alunos identificaram o tema a ser trabalhado nesta aula e a própria BD deixou-os com curiosidade sobre os progressos que tinham existido na agricultura e a influência destes no desenvolvimento económico, durante esses séculos. Como esta BD foi de fácil compreensão, isso ajudou a que o questionamento decorresse da melhor forma possível.

Em suma, de todas as Bandas Desenhadas aplicadas como motivação, aquela que alcançou melhores resultados foi a primeira, enquanto a segunda não teve resultados tão satisfatórios. Estes resultados ajudaram-nos a perceber a importância de aplicarmos em número ímpar, de forma a dissipar dúvidas, caso as duas primeiras aplicações tivessem resultados contrários. Do ponto de vista geral, a Banda Desenhada foi um recurso bem-sucedido como motivação.

1.3.2.1.2. Recurso sobre o tema

Este segundo momento didático é diferente do primeiro, uma vez que não tem como principal objetivo suscitar interesse no aluno, mas fornecer informações sobre o tema a ser abordado. A primeira Banda Desenhada foi aplicada no dia 20 de abril de 2015 (ver anexo 8) às duas turmas participantes neste estudo de caso. Esta BD estava relacionada com o tema “A queda do Império Romano do Ocidente e a formação dos reinos bárbaros”. Com este recurso pretendia-se que os alunos conseguissem definir bárbaro e identificassem os diferentes povos bárbaros que existiam.

Tanto numa turma como noutra, os resultados foram bastante similares. Houve uma certa dificuldade no início em definir bárbaro, mas com uma alteração do questionamento, acabaram por atingir este objetivo. Como os diferentes povos bárbaros estavam mencionados neste recurso, conseguiram alcançar o segundo objetivo proposto. Esta BD apresenta personagens muito conhecidas do público jovem: Astérix e Obélix, tal como foi possível verificar através das reações destas turmas. As cenas de lutas entre Astérix e Obélix e os romanos provocaram uma certa distração junto dos alunos e, por consequência, uma certa perturbação da aula. O que se denota é que os alunos do 7º ano tendem a distrair-se mais facilmente com este tipo de desenho. De uma forma geral, e

apesar destes pequenos contratemplos, o recurso potenciou o processo de ensino-aprendizagem.

A segunda Banda Desenhada foi aplicada a 25 de maio de 2015 (ver anexo 9) e relacionou-se com a ação política e militar desenvolvida por D. Afonso Henriques, aquando da governação do Condado Portucalense. Este recurso foi aplicado à turma do 7º T e pretendia que os alunos identificassem os objetivos definidos por D. Afonso Henriques quando assumiu o Condado Portucalense.

Esta BD não apresentava informação tão direta, como a anterior, o que exigia uma maior perceção dos alunos em relação aos factos lá referidos, mas também um questionamento mais assertivo da nossa parte. Os alunos identificaram facilmente que D. Afonso Henriques pretendia alargar o condado para sul, mas demoraram um pouco mais a referir que pretendia também obter a independência face a Leão e a Castela, uma vez que este conteúdo estava nas entrelinhas. Analisando de uma forma geral, este recurso teve uma boa receptividade junto dos alunos e não provocou muitas distrações, tal como tinha acontecido com o anterior. Para além disso, contribuiu para a aprendizagem dos alunos.

A terceira Banda Desenhada foi aplicada no dia 1 de junho de 2015 (ver anexo 10), à turma do 7º S. A temática subjacente a este recurso estava relacionada com os progressos na agricultura, no século XIII, e o seu contributo para o desenvolvimento da economia. Este tema acaba por ser familiar, uma vez que nesta mesma aula foi utilizada uma Banda Desenhada como motivação, já mencionada anteriormente. O objetivo deste recurso estava relacionado com a explicação, por parte dos alunos, do contributo das inovações da agricultura para o desenvolvimento da economia.

A BD selecionada sofreu algumas modificações. Essas acabaram por facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, uma vez que o texto apresentado na BD refere diretamente de que forma a agricultura deu o seu contributo para esse desenvolvimento. Por isso, os alunos conseguiram facilmente referir que as inovações na agricultura permitiram melhorar a alimentação e, como consequência, a população aumentou. E isso provocou uma reanimação da economia. Com a aplicação desta BD, percebemos que temos de trabalhar melhor as modificações que realizamos nas Bandas Desenhadas, de forma a levar o aluno a pensar na resposta e não apenas a referir o que está lá escrito.

Apesar de terem alcançado o objetivo proposto, achamos que existiram algumas falhas que fizeram com que não fosse um bom recurso para este momento.

Apesar desta última aplicação não ter corrido tão bem como pretendíamos, as duas primeiras decorreram de forma satisfatória. Um aspeto a ter em conta, de forma a se retirar um maior proveito deste tipo de recursos, é tentar aliar a imagem a um texto bem escrito e que possibilite ao aluno refletir sobre os conteúdos tratados.

1.3.2.1.3. Consolidação

A aplicação da Banda Desenhada enquanto consolidação dos conteúdos abordados ocorreu de forma não muito satisfatória. Como estávamos no terceiro período, a orientadora propôs a realização de uma ficha de trabalho, de forma a os alunos consolidarem os conteúdos lecionados anteriormente. Aproveitando esta sugestão, decidimos fazer uma ficha em formato de Banda Desenhada, ou seja, foram criadas três pranchas para os alunos preencherem. A primeira BD (ver anexo 11) pretendia que os alunos consolidassem os seus conhecimentos sobre as invasões bárbaras. Neste recurso, foram contemplados balões preenchidos de forma incompleta e balões totalmente vazios, tendo o aluno que procurar a informação, nas páginas indicadas em cada uma das Bandas Desenhadas, de forma a preenchê-los. Esta BD apresentava ainda balões por preencher, que não apelavam ao conhecimento histórico dos alunos, mas à sua criatividade.

A segunda Banda Desenhada (ver anexo 12) tinha como objetivo que os alunos consolidassem conhecimentos sobre as novas invasões na Europa, nos séculos VIII a X, e as suas consequências para a economia europeia. Tal como sucedeu com a primeira BD, esta também apresentava balões preenchidos de forma incompleta, balões vazios e balões que apelavam à criatividade do aluno. A terceira Banda Desenhada (ver anexo 13) pretendia a consolidação dos conhecimentos acerca do feudalismo e da organização da sociedade medieval. Esta contemplava os mesmos tipos de balões que as anteriores.

Estas Bandas Desenhadas foram aplicadas às duas turmas de 7º ano, no dia 30 de abril de 2015. Quando resolvemos aplicar estes recursos, pensávamos que os alunos realizariam estas atividades de forma rápida, mas tal não aconteceu, devido à extensão e organização das Bandas Desenhadas apresentadas.

O 7º S foi a primeira turma a trabalhar com estas Bandas Desenhadas. Um dos problemas que se verificou foi a distribuição aleatória das mesmas. Como não estavam

agrafadas, provocaram uma enorme confusão e, por consequência, a perda de uns minutos preciosos da aula. Apesar disso, os alunos revelaram um comportamento adequado e denotava-se que estavam concentrados a realizar este trabalho. Tentamos estipular tempo para o preenchimento de cada uma das Bandas Desenhadas, mas quase todos os alunos demoraram mais do que o tempo previsto, o que poderá querer dizer que deveríamos ter previsto mais tempo ou apresentado uma BD mais pequena. Para além disso, durante o preenchimento verificou-se que os alunos sentiam algumas dificuldades em relação a alguns balões, principalmente àqueles que apelavam à criatividade, o que poderá querer dizer que não deveríamos ter colocado este tipo de balões. Nesta turma, os alunos deixaram alguns balões das três Bandas Desenhadas por preencher.

No 7º T, as dificuldades reveladas foram as mesmas, apesar de, desta vez, as três BD terem sido agraфadas e entregues de forma ordenada. Ao contrário do que sucedeu com a turma do 7º S, esta revelou um comportamento inadequado e não demonstrou empenho na tarefa a ser realizada. Para além disso, alguns alunos desta turma revelaram algumas dificuldades em perceber o contexto de alguns dos desenhos apresentados. Também esta turma não conseguiu preencher todos os balões. Tivemos ainda a oportunidade de continuar este trabalho numa outra aula, mais concretamente a 4 de maio, mas mesmo assim foram muito poucos os alunos que conseguiram terminar o preenchimento de todas as Bandas Desenhadas.

Um conjunto de fatores contribuiu para que estas Bandas Desenhadas não tivessem o efeito desejado. Primeiramente, deveriam ter sido entregues três Bandas Desenhadas mais pequenas. Para além disso, não deveríamos ter colocado balões que apelassem à criatividade, pois provocaram uma grande confusão. Estas Bandas Desenhadas sofreram modificações da nossa parte e alguns dos balões de fala apresentados não estavam em consonância com os desenhos. Apesar de esta aplicação não ter sido satisfatória, isso não significa que este recurso não permite a consolidação eficaz dos conhecimentos.

1.3.2.2. O Cartoon

Após a análise da Banda Desenhada nos diferentes momentos didáticos, é necessário abordar os diversos Cartoons aplicados, na disciplina de História. Tal como sucedeu com a Banda Desenhada, alguns dos Cartoons que irão ser apresentados, sofreram algumas modificações da nossa parte.

1.3.2.2.1. Motivação

O primeiro Cartoon (ver anexo 14), a ser utilizado como motivação, foi aplicado numa aula que decorreu no dia 23 abril de 2014 e debruçou-se sobre o tema: as relações feudo-vassálicas. Este Cartoon foi aplicado nas duas turmas de 7º ano. Com este recurso pretendia-se suscitar a curiosidade dos alunos para o tema abordado. Na primeira turma, o 7º S, verificou-se que a análise do Cartoon aconteceu de forma rápida e muito confusa. Isto sucedeu devido ao tipo de questionamento que foi realizado. Este deveria ter conduzido o aluno a perceber que a expressão do rosto do rei revelava uma certa preocupação e que uma forma de obter proteção era doando um feudo. Isto depois conduziria, provavelmente, o aluno a algumas questões, tais como por que razão o rei estava preocupado?; por que razão um feudo está relacionado com a proteção?.

Como tivemos a oportunidade de aplicar este recurso na outra turma de 7º ano, decidimos alterar a forma como estávamos a fazer o questionamento. Este foi mais objetivo e os alunos acabaram por colocar algumas das questões mencionadas anteriormente. Com esta primeira aplicação foi possível perceber que nem sempre o problema pode estar com o recurso, mas sim com a forma como se questiona.

O segundo Cartoon (ver anexo 15) foi aplicado à turma do 7º T, no dia 14 de maio de 2015 e estava relacionado com o tema “Os Muçulmanos na Península Ibérica”. Desde logo, os alunos verificaram que estava a ocorrer uma batalha, entre dois povos. Pela cruz na bandeira, perceberam que um dos povos se tratava dos cristãos. Como tinham estudado anteriormente a religião islâmica, e ao observarem a outra bandeira, deduziram que o outro povo correspondia aos muçulmanos. A aplicação deste recurso decorreu de forma satisfatória, porque este recurso suscitou bastante curiosidade nos alunos. Para além disso, o questionamento foi realizado de forma eficaz, o que contribuiu para o sucesso deste recurso.

O terceiro Cartoon foi substituído por 4 vinhetas de Banda Desenhada (ver anexo 16), que foram aplicadas no dia 18 de maio de 2015 à turma do 7º T, tendo em conta a necessidade do conteúdo que se referia à herança muçulmana na Península Ibérica. Com este recurso pretendia-se despertar a curiosidade dos alunos sobre os produtos e técnicas que os muçulmanos nos deixaram. Muitos alunos ficaram admirados com o facto de a laranja ter sido trazida para a Península Ibérica pelos muçulmanos e demonstraram

curiosidade em conhecer mais coisas sobre o tema abordado. Este recurso acabou por ter o efeito desejado junto dos alunos.

De uma forma geral, a aplicação dos dois Cartoons e das 4 vinhetas de Banda Desenhada decorreu de forma satisfatória. Apesar disso, ainda não nos foi possível avaliar o espírito crítico dos alunos. Isto pode estar relacionado com dois motivos, ou o questionamento não estava a ser o mais adequado no sentido de despertar o espírito crítico no aluno, ou os Cartoons escolhidos não permitiam fazer isso.

1.3.2.2.2 Recurso sobre o tema

Neste segundo momento didático, serão apresentados três Cartoons aplicados em três aulas diferentes. O primeiro Cartoon (ver anexo 17), a ser utilizado como recurso sobre o tema, foi aplicado no dia 23 de abril de 2015, numa aula sobre o feudalismo. Este recurso foi trabalhado nas duas turmas participantes desta investigação. A utilização deste Cartoon tinha como finalidade que os alunos identificassem quem era o suserano e quem era o vassalo, mas também que conhecessem uma das cerimónias que existia quando se estabelecia um contrato feudo-vassálico. Tentamos criar um questionamento que apelasse ao espírito crítico dos alunos, principalmente em relação a esta rede de dependências que existia nesta época. Na primeira turma, o 7º S, verificou-se um interesse maior no facto de o vassalo estar a beijar o suserano, do que em tudo o resto. Ainda assim, conseguiram identificar o vassalo e o suserano. Na outra turma, o 7º T, embora também se tenham distraído com o beijo apresentado no Cartoon, conseguiram compreender melhor como se desenvolviam estas cerimónias. Apesar da criação de um questionamento que apelasse ao desenvolvimento do espírito crítico, tal não sucedeu.

O segundo Cartoon (ver anexo 18) foi aplicado a 18 de maio de 2015 à turma do 7º T. O tema referente a este recurso foi “A Herança Muçulmana na Península Ibérica”. Através deste Cartoon, os alunos teriam de referir alguns dos instrumentos de navegação deixados pelos muçulmanos na Península Ibérica. Este foi um recurso de fácil aprendizagem para os alunos. A nível de questionamento também não houve qualquer problema, o que contribuiu para este fim.

O terceiro Cartoon (ver anexo 19) foi aplicado a 1 de junho de 2015 à turma do 7º T, numa aula sobre os progressos da agricultura, no século XIII. Com este recurso pretendia-

se que o aluno identificasse um progresso que tivesse existido, naquele século, na agricultura. Neste caso, deveriam referir o aumento do gado. A turma alcançou rapidamente o objetivo pretendido, mas distraiu-se um pouco com o Cartoon apresentado, que tem um cunho mais humorístico.

Estes Cartoons selecionados resultaram enquanto recursos sobre o tema. Mas mais uma vez verificou-se que não houve desenvolvimento do espírito crítico. Isto faz-nos deixar uma questão no ar: terão os alunos de 7º ano capacidade crítica?

1.3.2.2.3. Consolidação

Neste momento didático, os alunos tiveram a oportunidade de fazer uma análise escrita de diferentes Cartoons. O primeiro Cartoon (ver anexo 20) utilizado como consolidação, foi aplicado a 14 de maio de 2015 à turma do 7º S. Com este Cartoon pretendia-se que os alunos fizessem um comentário sobre o mesmo e que abordassem os conteúdos lecionados naquela aula sobre “A Herança Muçulmana na Península Ibérica”. Nem todos os alunos conseguiram fazer a ponte entre o Cartoon e os conteúdos abordados. Alguns alunos referiram apenas aquilo que viam no Cartoon.

A resposta que será apresentada, de seguida, foi de um aluno que conseguiu analisar o Cartoon e mencionar os conteúdos abordados. E embora esta resposta não esteja excelente, está em consonância com aquilo que foi pedido.

Resposta: *“Neste Cartoon, eu vejo o povo muçulmano com as suas vestes próprias da religião, a viver em convivência pacífica. Vejo-os também a fazer comércio, vendendo arroz, citrinos, feijão, cenoura e carne e partilhando a sua cultura como a música, a língua, a arte e o artesanato.”*

O segundo Cartoon (ver anexo 21) foi aplicado a 25 de maio de 2015 à turma do 7º S e estava relacionado com a consolidação de conhecimentos sobre o facto de D. Afonso Henriques ter assumido o governo do Condado Portucalense. O Cartoon representava a batalha de S. Mamede e todos os alunos referiram isso na análise do mesmo, ao contrário do que sucedeu anteriormente. Também denotou-se que os alunos escreveram mais nesta análise. Alguns alunos descreveram de forma rigorosa o Cartoon, outros apresentaram de

forma pormenorizada os conteúdos abordados durante a aula. As duas respostas que serão apresentadas de seguida revelarão estas diferenças.

Resposta do aluno A: *“No Cartoon está representado a batalha de S. Mamede no ano de 1128. Na figura do lado esquerdo está representado D. Afonso Henriques depois da guerra a festejar com os cristãos. No lado direito, D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, chateada depois de perder a guerra. E ao lado de D. Teresa está o galego que a apoiava.”*

Resposta do aluno B: *“Neste Cartoon está representado a batalha de S. Mamede, em 1128, em que D. Afonso Henriques luta contra a sua mãe D. Teresa, saindo vencedor. D. Afonso Henriques passou a governar o Condado Portucalense. D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal. No Cartoon observa-se que D. Afonso Henriques e os seus guerreiros estão a festejar, logo ganharam a Batalha de S. Mamede. D. Afonso Henriques assumiu o governo do Condado orientando-se de acordo com três objetivos: alargar o condado; obter a independência; conseguir o reconhecimento da independência pela Santa Sé.”*

O terceiro Cartoon (ver anexo 22) foi aplicado no dia 1 de junho de 2015, desta vez à turma do 7º T. Este relacionava-se com o desenvolvimento da economia, entre os séculos XI e XIII, devido ao aparecimento de inovações técnicas na área da agricultura. Nesta turma, alguns alunos evidenciaram um conjunto de dificuldades na análise deste recurso. Apesar disso, a maioria conseguiu analisar o Cartoon e enquadrá-lo nos conteúdos abordados. De seguida, será apresentada um excerto de uma resposta bastante completa de um dos alunos desta turma.

Resposta: *“O Cartoon apresenta um homem a cultivar. Este antes andava na guerra, mas quando a guerra acabou, passou a um clima de paz, logo começou a cultivar. O escudo e o capacete fizeram-me chegar a esta conclusão. Com o tempo, a agricultura desenvolveu-se, começou a haver um sistema de atrelagem, a área dedicada ao cultivo aumentou, houve uso de rodas e de grades, etc. As inovações da agricultura também contribuíram para um desenvolvimento da economia (...).”*

Na área disciplinar de História, os Cartoons revelaram-se, de uma forma geral, bons recursos em todos os momentos didáticos. Depois de numa fase inicial os alunos terem sentido uma certa dificuldade em identificar o que era um Cartoon, é de salutar as análises escritas que foram recolhidas e que revelam que os mesmos já não sentem isso.

1.3.3. A BD e o Cartoon nas aulas de Geografia

Após a realização da abordagem destes recursos de aprendizagem em relação à área disciplinar de História, é necessário fazer o mesmo para Geografia. Numa primeira fase, analisaremos as Bandas Desenhadas aplicadas e numa segunda fase, os Cartoons aplicados.

1.3.3.1. A Banda Desenhada

1.3.3.1.1. Motivação

A primeira Banda Desenhada (ver anexo 23) aplicada, em Geografia, enquanto motivação verificou-se no dia 9 de abril de 2015 e foi aplicada à turma do 7º T. Este recurso está inserido no tema “a influência das massas de ar na variação da precipitação”. Esta Banda Desenhada teve como objetivo suscitar curiosidade no aluno, para a temática que seria abordada nessa aula. Os alunos reagiram positivamente a este recurso e questionaram-se sobre a possibilidade de existirem outros tipos de chuvas. Apesar de terem sido realizadas algumas modificações na Banda Desenhada original, estas não provocaram qualquer problema, porque o desenho estava em consonância com o texto. Ao contrário do tinha sucedido em História, em que as mudanças introduzidas dificultaram o processo de ensino-aprendizagem.

A segunda Banda Desenhada (ver anexo 24) foi aplicada a 20 de maio de 2015, à turma do 7º S. O tema desta aula esteve relacionado com os agentes responsáveis pela formação das diferentes formas de relevo. Com esta Banda Desenhada pretendeu-se que os alunos questionassem sobre os principais agentes erosivos e o processo de erosão. Este questionamento por parte dos alunos não foi tão evidente, como na primeira BD aplicada como motivação. Mas ainda assim, os alunos perceberam que a superfície terrestre não é regular e que sofre com o desgaste dos agentes erosivos.

A terceira Banda Desenhada (ver anexo 25) foi aplicada no dia 28 de maio de 2015 e debruçou-se sobre a temática da dinâmica de uma bacia hidrográfica. Este recurso foi

aplicado à turma do 7º T e tinha como objetivo que os alunos identificassem o tema que iria ser abordado nessa aula. Os alunos perceberam, desde logo, que iriam falar sobre rios, mas levantaram algumas dúvidas em relação ao conceito de bacia hidrográfica. Isto revelou que os alunos demonstraram interesse no Cartoon apresentado e que foi despertada uma certa curiosidade para a aprendizagem do tema.

As três Bandas Desenhadas contribuíram de forma favorável para este momento didático. Um aspeto que já foi mencionado, mas que teve influência na aplicação positiva destas Bandas Desenhadas, foram as modificações introduzidas nas mesmas. Ao contrário do que sucedeu em História, em que estas acabaram por prejudicar, em Geografia teve um efeito totalmente oposto. O desenho presente nestes recursos tem bastante influência no texto que se quer criar ou modificar.

1.3.3.1.2 Recurso sobre o tema

A aplicação das Bandas Desenhadas, neste momento didático, ocorreu de uma forma diferente, porque não foram apresentadas em aulas que lecionamos. Aproveitando o facto de uma colega de estágio estar a realizar um trabalho prático sobre os climas, decidimos fazer a aplicação das três Bandas Desenhadas aquando deste momento. A colega mencionada propôs aos alunos que fizessem uma caracterização dos três tipos de climas, através da análise de um conjunto de documentos e dados.

Foram criadas três Bandas Desenhadas (ver anexos 26, 27 e 28), cada uma referente a cada clima (frio, temperado e quente). Estes recursos foram entregues aos alunos, das duas turmas de 7º ano, para serem incorporados junto aos documentos que tinham de analisar, no dia 30 de abril de 2015. Em cada uma das Bandas Desenhadas estão contempladas as características de cada clima.

Para percebermos se estes recursos estavam a funcionar, fomos passando por cada grupo de trabalho e fizemos um questionamento muito simples sobre a leitura que fizeram da Banda Desenhada. Um dos aspetos mais mencionados pelos alunos foi que o texto contido nas Bandas Desenhadas era muito extenso. Não podemos deixar de concordar totalmente com isso, mas tal foi feito de forma a não cairmos em imprecisões científicas. O que também percebemos foi que o facto de os alunos terem tantos documentos para analisarem, fizeram com que deixassem a Banda Desenhada relegada para segundo plano.

Isto revela que os alunos ainda não sentem total confiança para se basearem numa BD como fonte de informação.

Ao analisar todos estes aspetos mencionados, entendemos que este não foi o melhor momento para fazer a aplicação deste recurso. Provavelmente, teríamos recolhido um maior número de informações, se tivéssemos aplicado em aulas que lecionámos. Neste caso, as informações recolhidas cingem-se apenas a algumas conversas bastante curtas que tivemos com os alunos, enquanto trabalhavam em grupo. Estas Bandas Desenhadas foram criadas de raiz por nós, o que provocou um certo desgaste e foi necessário disponibilizar algum tempo para a preparação das mesmas. Apesar destes aspetos negativos, e do muito texto presente nos balões de fala, o resultado final deixou-nos satisfeitos. Estes recursos pecaram por terem sido aplicados no momento errado.

1.3.3.1.3. Consolidação

Para este momento didático foram criadas três Bandas Desenhadas referentes a cada tipo de clima (ver anexos 29, 30 e 31). Em cada uma destas Bandas Desenhadas, os alunos tiveram a oportunidade de consolidarem os seus conhecimentos sobre os climas, mais concretamente sobre as características de cada um. Aproveitando que no dia 11 de maio de 2015 ainda estava a ser abordado este tema, decidimos fazer as aplicações nesse momento. Em História, também houve uma aplicação parecida com esta no momento de consolidação, mas como não correu muito bem, tentamos alterar o que estava mal. Primeiro, não cometemos o erro de criar uma Banda Desenhada muito extensa. Para cada clima, foi criada uma BD pequena. E segundo, não colocamos balões de apelo à criatividade do aluno, pois estes tinham provocado uma enorme confusão. Também ao contrário do que tinha sucedido em História, desta vez os alunos tiveram 15 minutos para o preenchimento de cada uma das Bandas Desenhadas.

Todas estas mudanças surtiram efeito e, apesar de alguns alunos não terem conseguido responder a todas as Bandas Desenhadas, a grande maioria conseguiu. Isto revela que a extensão da BD apresentada foi adequada e que as modificações introduzidas na mesma não suscitaram quaisquer dúvidas. Um aspeto negativo foi o tamanho dos balões, pois vários alunos sentiram a necessidade de escrever atrás da folha.

De uma forma geral, as Bandas Desenhadas aplicadas na disciplina de Geografia foram potenciadoras do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, apesar da aplicação deste recurso enquanto recurso sobre o tema, não ter corrido tão bem. Para além disso, as modificações introduzidas não causaram tantas dúvidas na interpretação das Bandas Desenhadas.

1.3.3.2 O Cartoon

Após a análise das Bandas Desenhadas implementadas, resta-nos analisar a aplicação dos Cartoons nas aulas de Geografia.

1.3.3.2.1. Motivação

O primeiro Cartoon (ver anexo 32), utilizado como motivação, foi aplicado a 15 de abril de 2015, à turma do 7º T. A aplicação deste recurso teve como objetivo introduzir o tema a ser abordado, neste caso o processo de formação das chuvas orográficas e convectivas. Apesar de ser um Cartoon diferente, este foi selecionado com o intuito de os alunos identificarem a temática a ser abordada e, por consequência, os tipos de chuvas que seriam trabalhados nessa aula. Este Cartoon pode ser analisado e trabalhado em diferentes contextos. Os alunos identificaram, desde logo, a temática, mas hesitaram quanto aos tipos de chuvas que iriam ser retratados. Mesmo assim, este Cartoon acabou por cumprir a sua função.

O segundo Cartoon (ver anexo 33) foi aplicado no dia 13 de maio de 2015, à turma do 7º T. Este recurso serviu para introduzir o tema sobre as diferentes formas de relevo. O objetivo era que os alunos conseguissem perceber que o mapa teve de subir a um ponto muito alto e que esse corresponde a uma montanha (forma de relevo). Este Cartoon não teve o efeito desejado, devido, sobretudo, ao comportamento demonstrado por esta turma, durante a aula. Este acabou por prejudicar a análise deste recurso. Os alunos cingiram-se apenas ao facto do mapa estar a tentar ver com uns binóculos. Ou seja, concentram-se mais nos aspetos cómicos deste recurso. Apesar de termos tentado ter um questionamento o mais adequado possível, a forma como os alunos se comportaram na sala de aula não nos permitiu fazer essa exploração.

O terceiro Cartoon (ver anexo 34) foi aplicado a 18 de maio de 2015, à turma do 7º S. Este tinha como objetivo introduzir os alunos na temática sobre as formas de relevo.

Ao analisarem o recurso apresentado, os alunos verificaram que a superfície terrestre não apresentava formas iguais. Uma das formas representada nesse Cartoon foi identificada desde logo pelos alunos – a montanha. Apesar disso, não conseguiram referir outras formas de relevo.

De uma forma geral, os Cartoons resultaram como motivação, nas aulas de Geografia. Apesar disso, verificamos que aqueles Cartoons, que apresentam um cariz mais cómico, tendem a provocar uma maior euforia e agitação junto dos alunos.

1.3.3.2.2. Recurso sobre o tema

Neste momento didático, o primeiro Cartoon (ver anexo 35) foi aplicado a 20 de maio de 2015, à turma do 7º S. O tema desta aula foi os agentes responsáveis pela formação das diferentes formas de relevo. O Cartoon apresentado teve como objetivo que os alunos identificassem os principais agentes erosivos. Apesar de este recurso possibilitar múltiplas interpretações, tentamos criar um questionamento que permitisse aos alunos chegar ao objetivo proposto. Após alguma demora, os alunos conseguiram associar o movimento do mundo “de pais para filhos” ao movimento tectónico de placas e também aos sismos. Estes eram os dois agentes erosivos que os alunos tinham de identificar. Ao apercebermos que os alunos também conseguiam fazer outras interpretações sobre o Cartoon, resolvemos dedicar um pouco da aula para ouvi-las. Foi interessante perceber que muitos acharam que o mundo, ao longo dos anos, quando é passado de pais para filhos, fica cada vez mais destruído e que é necessário fazer alguma coisa em contrário. A partir desta análise foi possível perceber, ainda que de forma muito ténue, o desenvolvimento da capacidade crítica. Este recurso acabou por atingir o objetivo proposto e permitiu que os alunos fizessem uma análise diferente.

O segundo Cartoon (ver anexo 36) foi aplicado também na mesma aula que o anterior. Este tinha como objetivos que os alunos identificassem as fases do processo erosivo e que explicassem as mesmas. O primeiro objetivo foi atingido rapidamente, com os alunos a identificarem as três fases: desgaste; transporte e acumulação. O problema foi explicá-las e acabou por se tornar necessário alterar o nosso questionamento, para que os alunos atingissem este objetivo. De realçar que aquilo que lhes chamou mais atenção no Cartoon foi o facto do senhor, na terceira fase, estar deitado com a cabeça nas pedras, e isso provocou-lhes uma certa distração aquando da visualização deste recurso.

O terceiro Cartoon (ver anexo 37) foi aplicado na aula do dia 28 de maio de 2015, ao 7º T. Esta aula tinha como principal tema a dinâmica de uma bacia hidrográfica. Com este recurso pretendíamos que os alunos definissem rio e compreendessem o papel dele, enquanto agente modelador da paisagem. Os alunos alcançaram os dois objetivos, de forma bastante satisfatória. O questionamento também foi eficaz, o que ajudou à consecução destes objetivos.

Os três Cartoons utilizados como recurso sobre o tema foram bem aplicados, principalmente o primeiro que permitiu aos alunos demonstrar a sua capacidade crítica.

1.3.3.2.3. Consolidação

Por fim, resta saber se os Cartoons funcionam enquanto recursos que permitem a consolidação de conhecimentos obtidos nas aulas de Geografia. O primeiro (ver anexo 38) foi aplicado no dia 20 de maio de 2015, à turma do 7º S. O objetivo deste Cartoon era que os alunos consolidassem os conhecimentos sobre os agentes responsáveis pela formação das diferentes formas de relevo. Este Cartoon apresentava um mundo com várias falhas, sendo que os alunos deveriam associar o mesmo aos diferentes agentes estudados. De uma forma geral, os alunos associaram este Cartoon aos agentes internos. Uns mencionaram que o Planeta Terra ficou dessa forma devido a um sismo, outros associaram também ao movimento tectónico de placas ou até aos vulcões. Alguns alunos apresentaram respostas bastante completas, pois também mencionaram os agentes externos. Foram selecionadas duas respostas, que serão apresentadas de seguida.

Resposta do Aluno A: *“O Cartoon representa os sismos da terra ou seja as rachaduras. O Cartoon está associado aos conteúdos da aula, porque as rachaduras representam os sismos, o movimento das placas tectónicas e os vulcões. Estes agentes são agentes internos, mas também há agentes externos que são os ventos, os oceanos e os seres vivos que contribuem para o desgaste do Planeta Terra”.*

Resposta do Aluno B: *“Na figura vejo o Planeta Terra destruído, talvez devido ao movimento das placas tectónicas, ou devido a um sismo, ou até por causa de vulcões, que são agentes internos. Apesar de a imagem apresentar os agentes internos, também*

existem os agentes externos como: a água: precipitação, glaciares, rios, oceanos, o vento e a temperatura”.

O segundo Cartoon (ver anexo 39) foi aplicado no dia 21 de maio de 2015, à turma do 7º T. O objetivo deste Cartoon era o mesmo que o anterior, uma vez que a temática era a mesma. Este Cartoon apresenta várias formas de relevo modificadas pelos vulcões, que é um agente erosivo. Desta forma, os alunos deveriam fazer a ligação entre os conteúdos abordados e o Cartoon apresentado. Ao analisar as respostas apresentadas, verificou-se que esta turma não concedeu respostas tão completas, tal como tinha sucedido com a turma anterior, nem fez uma grande exploração do Cartoon, pois limitaram-se a referir que no mesmo se observava montanhas e vulcões. Na imagem, é possível ver-se ainda um animal no meio das montanhas. Ficamos à espera que os alunos sugerissem algumas hipóteses para o facto de ele estar ali, mas apenas um aluno mencionou a sua presença. De seguida, será apresentada uma resposta que demonstra uma boa consolidação dos conteúdos abordados durante a aula, mas que não faz uma grande exploração do Cartoon.

Resposta: “O Cartoon apresenta várias montanhas e vulcões. Os vulcões são agentes erosivos internos. Para além destes existem outros tipos de agentes erosivos internos como sismos e movimentos das placas tectónicas. Há também outros tipos de agentes erosivos que são os agentes externos como a água (precipitação, glaciares, rios e oceanos), vento e temperatura. O processo de erosão é composto por três fases: desgaste, transporte e acumulação. Um conjunto de montanhas designa-se por cordilheira ou cadeia montanhosa”.

O terceiro Cartoon (ver anexo 40) foi aplicado no dia 28 de maio de 2015, à turma do 7º S. Este foi entregue numa aula na qual se abordou a dinâmica de uma bacia hidrográfica. Durante a aula, foram referidas as vantagens e as desvantagens da construção de barragens para a regulação dos caudais do rio. Face a este aspeto, selecionamos um Cartoon que se relaciona com a construção de uma barragem, neste caso a Barragem do Tua. A construção desta barragem causou muita polémica e surgiu em vários meios de comunicação social. Este Cartoon é uma crítica a esta construção, pois, tal como é possível verificar, ela provocou a submersão de vários terrenos e não permitiu

a continuação da linha férrea, que é representada através de um comboio a entrar na água. As análises dos alunos a este Cartoon revelam que não existe uma grande capacidade crítica por parte deles. Muitos limitam-se a referir que o comboio está a entrar na água e não percebem que o comboio não está literalmente a entrar na água, mas sim porque já não pode passar por aquele local, por causa da construção da barragem. As respostas de uma forma geral não foram muito satisfatórias, principalmente por causa desta não exploração do Cartoon. Apesar disso, quase todos os alunos colocaram nas suas respostas alguma vantagem ou desvantagem da construção de barragens, o que denota que estiveram atentos, durante a aula e compreenderam os conteúdos abordados. De seguida, serão apresentadas duas respostas, sendo que uma está mais ligada aos conteúdos abordados, durante a aula e outra à crítica apresentada no Cartoon.

Resposta Aluno A: *“Esta imagem mostra-me a submersão da linha de um comboio e o próprio comboio também. As barragens têm vantagens e desvantagens. As vantagens são abastecimento de água, produção de energia, armazenamento de água, minimização das cheias e regularização dos caudais. As desvantagens são: submersão de algumas áreas e alterações na fauna e flora fluviais (...)”*.

Resposta Aluno B: *“Este Cartoon descreve uma barragem e estão a fazer uma crítica porque a linha está submersa, por isso uma das desvantagens é a submersão de algumas áreas. As vantagens são o armazenamento de água, a produção de energia e o abastecimento de água”*.

De uma forma geral, as respostas aos Cartoons revelaram uma certa dificuldade dos alunos em desenvolver uma capacidade crítica. Apesar disso, a maior parte das respostas foram enquadradas nos conteúdos abordados, durante as aulas, e por isso acaba por ser um bom indicador do nível de aprendizagem dos alunos.

1.3.4. Reflexão sobre a aplicação da Banda Desenhada e do Cartoon nas aulas de História e Geografia

Depois de termos apresentado todos os recursos que foram aplicados, tanto nas aulas de História como Geografia, é necessário fazer uma reflexão sobre os dados recolhidos. Um dos aspetos que pode ter condicionado esta recolha, foi a aplicação tardia destes

recursos. Ao todo foram aplicados 32 recursos, nas duas disciplinas, durante o terceiro período. Ora como se sabe, este é o período escolar mais pequeno e, como tal, os alunos sentiram um certo desgaste em relação à análise em sala de aula desta grande quantidade de recursos. Estes deveriam ter sido aplicados de forma mais espaçada, de modo a não criar este tipo de sentimento nos alunos. Para além disso, e tal como já foi referido anteriormente na caracterização das turmas, no terceiro período estas revelaram uma certa alteração no comportamento, não apresentando os mesmos níveis de atenção que já tinham revelado nos períodos anteriores. Tudo isto acabou por condicionar, de certa forma, os dados obtidos, durante as aulas.

Apesar de todas estas condicionantes, tanto em História como em Geografia, a Banda Desenhada e o Cartoon demonstraram ser bons recursos para serem aplicados em qualquer momento didático. Um dos aspetos que se tem de ter em conta aquando da seleção deste tipo de recurso é se o desenho e o texto estão em consonância. Ao longo da nossa aplicação foi possível perceber que nem sempre correu bem esta seleção e isso prejudicou o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Estes problemas evidenciaram-se mais na disciplina de História do que na de Geografia, uma vez que foi difícil encontrar Bandas Desenhadas e Cartoons que apresentassem um desenho ligado ao período histórico que se esteve a trabalhar. As modificações, que fizemos em alguns dos textos destes recursos, revelaram que ainda temos algumas dificuldades nestes aspetos, pois nem sempre o texto modificado foi simples e direto.

Em relação à aplicação dos Cartoons, tanto numa disciplina como noutra, verificou-se que os alunos não têm o espírito crítico muito desenvolvido, pois só se limitam a descrever o que aparece na imagem. Mesmo com a quantidade de recursos apresentados, o Cartoon acabou por não potenciar a capacidade crítica dos alunos, da forma que se esperava. Se tivéssemos aplicado os Cartoons ao longo do ano e não num só período, provavelmente poderíamos ter tentado trabalhar melhor este aspeto, durante as aulas. Estes dados fizeram-nos pensar na seguinte questão: será que se os Cartoons fossem aplicados num 9º ano ou num 10º ano, os resultados obtidos não seriam melhores, visto que nestes anos o sentido crítico está mais aguçado? Uma vez que tivemos a possibilidade de lecionar também a turmas do 10º ano, verificamos que estes alunos apresentam um maior sentido crítico. Provavelmente, se fossem utilizados alguns Cartoons nestas turmas, estes poderiam ter um efeito positivo no desenvolvimento da capacidade crítica.

Não queremos com isto dizer que os Cartoons são maus recursos para a aprendizagem, pois tal como foi possível verificar-se anteriormente, estes resultaram bem em todos os momentos didáticos e os alunos conseguiram fazer a ligação deste tipo de recurso aos conteúdos que estavam a ser abordados. Faltou apenas este sentido crítico, que é essencial para analisar um Cartoon e, que mesmo com a aplicação deste tipo de recurso, não foi possível desenvolver. Se os alunos tivessem esse sentido bem desenvolvido, poderia até ter sido gerado um debate em algumas situações, como foi o caso do Cartoon da barragem do Tua, em que os alunos poderiam debater as vantagens e desvantagens deste tipo de construção. É certo que este recurso foi aplicado num momento de consolidação dos conhecimentos, mas também poderia ter sido utilizado como recurso sobre o tema e se os alunos tivessem o sentido crítico desenvolvido, provavelmente criar-se-ia um bom debate.

Em relação à Banda Desenhada, esta apresentou resultados satisfatórios em todos os momentos didáticos e resultou bem junto dos alunos de 7º ano. Estes sempre revelaram uma certa euforia, aquando da análise deste tipo de recurso, uma vez que queriam dar voz às personagens apresentadas em cada BD. Apesar desta agitação positiva, os alunos apresentam ainda algumas reticências em utilizar uma Banda Desenhada como fonte de informação. O que verificámos foi que se entregássemos uma BD e um texto aos alunos e pedíssemos para eles escolherem um dos documentos para retirar informações, estes provavelmente escolheriam o texto. Isto verificou-se numa das aulas de Geografia, em que a BD foi aplicada como recurso sobre o tema. Esta falta de confiança dos alunos acaba por estar relacionada com o facto de estes utilizarem em sala de aula mais textos do que Bandas Desenhadas. Para além disso, denotou-se que, como os alunos familiarizam-se bastante com os desenhos, tendem a distrair-se mais facilmente ao analisar uma Banda Desenhada ou um Cartoon, do que ao analisar um texto ou um gráfico.

Em suma, a Banda Desenhada e o Cartoon demonstraram ser bons recursos potenciadores do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, tanto na disciplina de História como na disciplina de Geografia. Apesar disso, denotámos que existiram, de uma forma geral, resultados mais positivos em Geografia do que em História. Isto poderá estar relacionado com as Bandas Desenhadas e o Cartoons seleccionados, por isso é necessário ter bastante atenção na seleção deste tipo de recursos.

Esta reflexão apresentada refere-se às nossas perspetivas face aos dados recolhidos, mas foi necessário conhecer também a perspetiva do aluno e para isso aplicamos um segundo questionário, que será abordado de seguida.

1.3.5. O segundo inquérito por questionário

O segundo inquérito por questionário (ver anexo 41) foi aplicado na reta final do terceiro período. Este apresentou um número menor de questões do que tinha sucedido com o primeiro. Ao todo foram 8 as questões colocadas, sendo que 7 foram de resposta fechada e 2 de resposta aberta. Estas questões foram colocadas com o intuito de identificar com qual dos recursos os alunos gostaram mais de trabalhar e em que disciplina e também perceber se estes consideram-nos bons recursos para a aprendizagem. Para além disso, foram ainda colocadas duas questões relacionadas com o primeiro questionário, para se perceber se os alunos com a aplicação destes recursos em sala de aula, passaram a ler mais Banda Desenhada e a prestar mais atenção aos Cartoons nos diferentes meios de comunicação.

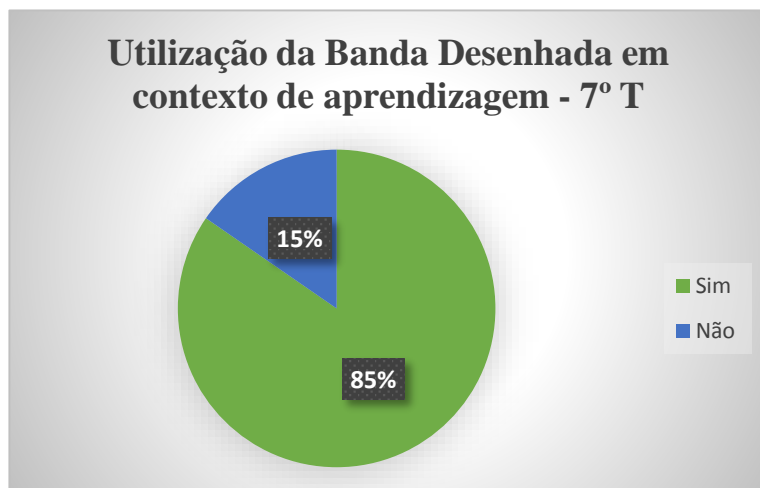
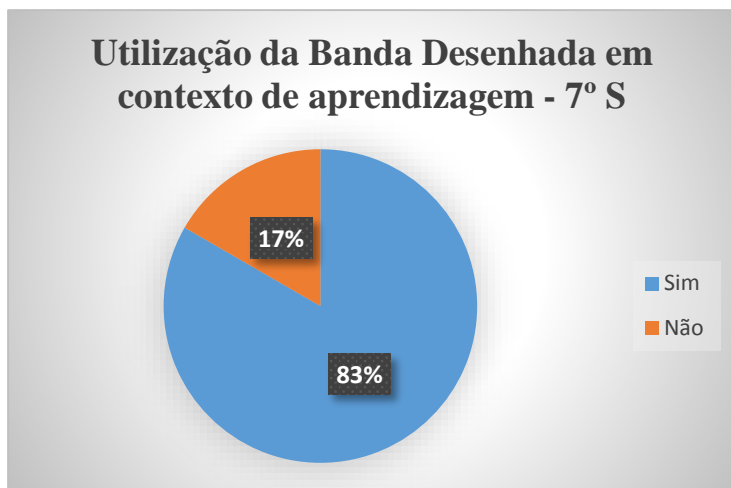
Neste segundo questionário, não foi colocada nenhuma questão sobre em que momentos didáticos os alunos teriam mais gostado de trabalhar determinado recurso. Esta opção por não colocar deveu-se ao facto de se ter verificado que os alunos, quando responderam ao primeiro questionário, revelaram muitas dúvidas em relação a isto. E apesar de termos explicado um pouco os diferentes momentos, denotamos que os alunos ainda apresentavam dificuldades na identificação destes. Durante o preenchimento do questionário, os alunos não colocaram nenhuma dúvida, diferente do que tinha sucedido com o primeiro. De seguida, analisaremos os dados obtidos com a aplicação dos dois questionários.

1.4. Análise dos resultados

Em primeiro lugar, analisaremos os dados obtidos com o primeiro questionário. Em relação às perguntas de resposta fechada, iremos fazer uma análise quantitativa do resultados, enquanto que para as respostas abertas, iremos fazer uma análise qualitativa. Na primeira pergunta os alunos identificaram o seu género. A segunda questão, que aparece no questionário, refere-se à utilização da Banda Desenhada em contexto de

aprendizagem. Ao analisar os gráficos 3 e 4, verificamos que os resultados foram bastante similares nas duas turmas participantes deste estudo de caso. A maior parte dos alunos de cada turma, revelou que já tinham utilizado este recurso em contexto de aprendizagem.

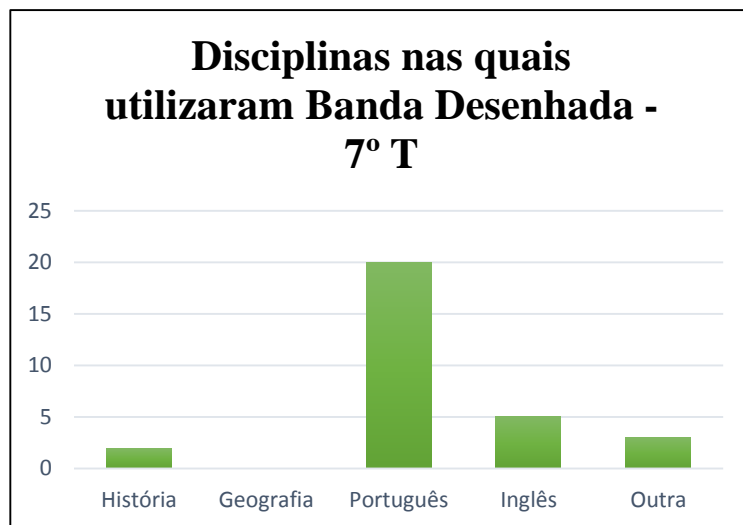
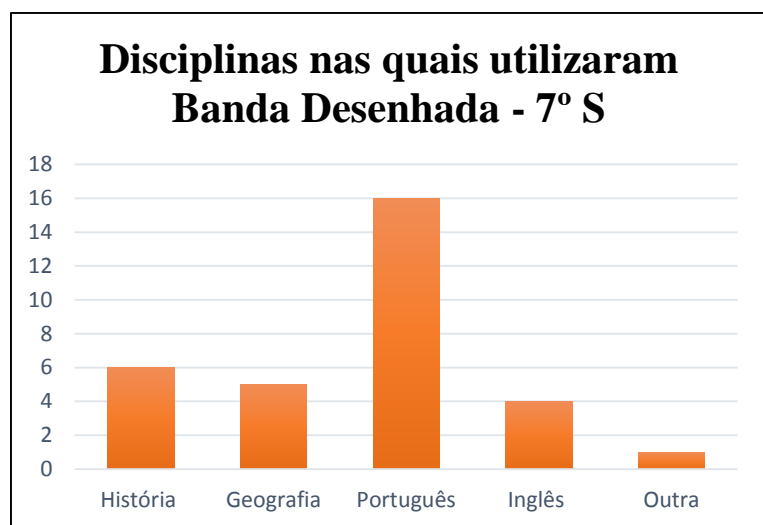
Gráficos números 3 e 4 – Utilização da Banda Desenhada em contexto de aprendizagem
– 7º S e 7º T



A terceira questão deste questionário prende-se com a primeira, uma vez que era pedido aos alunos que tivessem respondido que sim anteriormente, para indicarem em que disciplinas trabalharam com este recurso. Ao analisar os gráficos números 5 e 6, verifica-se que as duas turmas apresentam alguns dados diferentes. Um ponto em comum é que a disciplina na qual utilizaram mais a Banda Desenhada, em contexto de aprendizagem, é Português. Na turma do 7º S, a seguir a Português, História e Geografia aparecem como as disciplinas que os alunos se recordam de terem trabalhado com este recurso. O mesmo não sucede com o 7º T, que responderam que o inglês foi a disciplina a seguir ao Português, onde mais utilizaram a Banda Desenhada. Um facto curioso revelado nesta turma é que nenhum dos alunos trabalhou em Geografia com este recurso. Quatro alunos, três do 7º T e um do 7º S, indicaram ainda que trabalharam com a Banda Desenhada nas disciplinas de Matemática, Francês e Educação Visual.

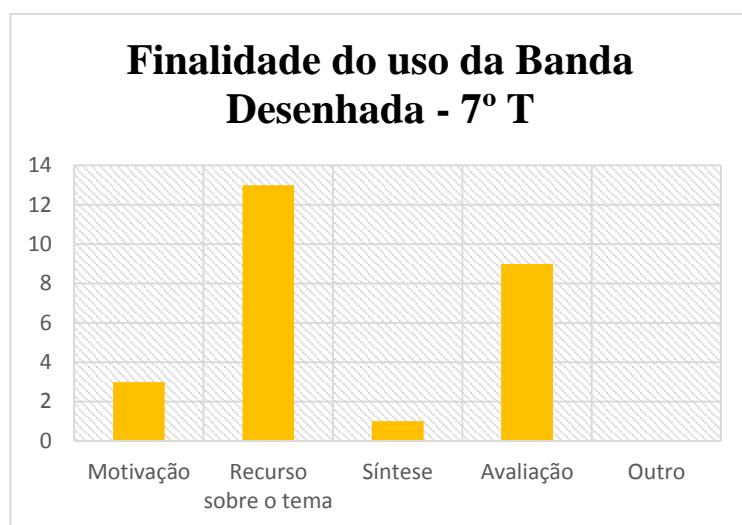
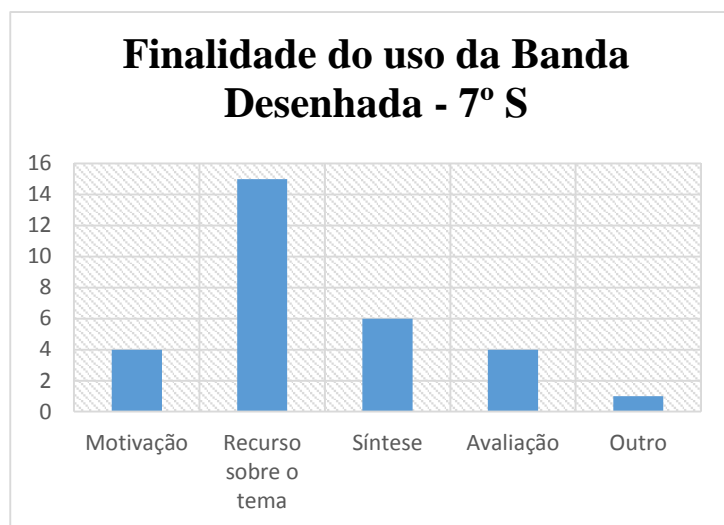
Gráficos números 5 e 6 – Disciplinas nas quais utilizaram Banda Desenhada – 7º S e 7º

T



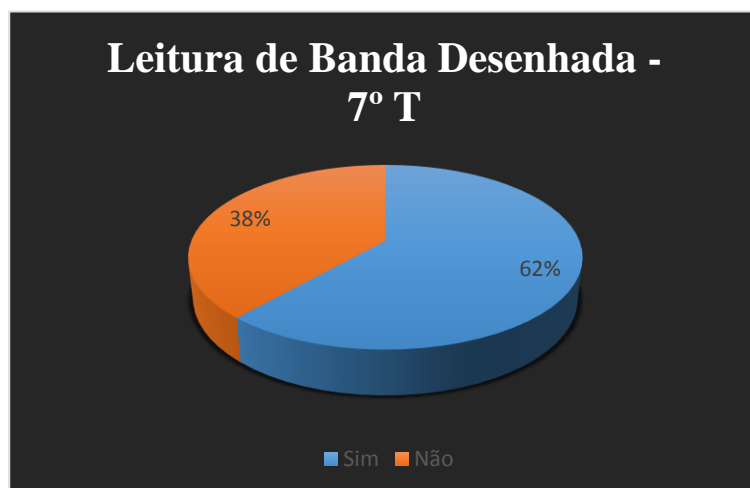
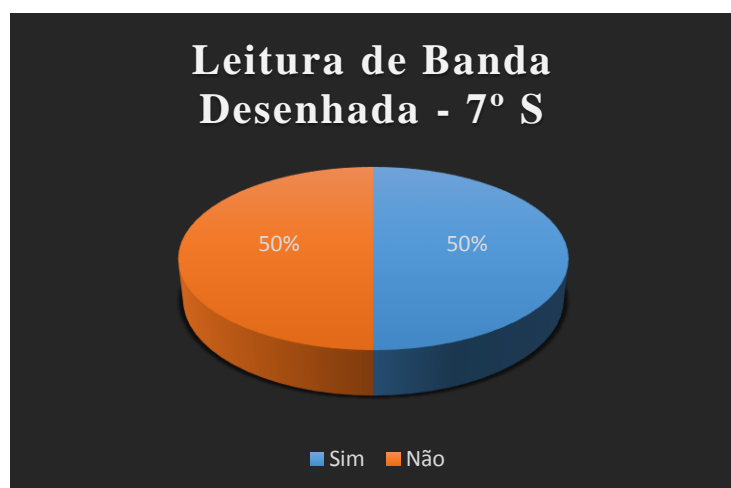
A quarta questão estava ainda relacionada com as duas anteriores. Esta pergunta foi colocada com o intuito de os alunos identificarem o fim para o qual tinham utilizado a Banda Desenhada. Nesta pergunta apareciam vários momentos didáticos e os alunos tinham que seleccionar aqueles nos quais tinha sido utilizada a BD. Como já foi referido anteriormente, os alunos sentiram alguma dificuldade em perceber esta questão, mas depois de uma breve explicação, acabaram por responder. Analisando os gráficos números 7 e 8, verifica-se que os alunos utilizaram mais a Banda Desenhada como recurso sobre o tema. O segundo momento mais seleccionado foi diferente nas duas turmas. Enquanto na turma do 7º S utilizaram a Banda Desenhada mais como síntese, no 7º T utilizaram-na mais num momento de avaliação. É possível verificar ainda com este gráfico, que os alunos não utilizaram muitas vezes a Banda Desenhada como motivação. Um aluno indicou ainda um outro fim, tendo referido que utilizou a BD como início do tema. Provavelmente, existiu uma certa confusão na compreensão dos momentos colocados, pois a BD, a que ele se refere, poderá ter sido utilizada como motivação ou como recurso sobre tema e não como início do tema.

Gráficos números 7 e 8 – Finalidade do uso da Banda Desenhada – 7º S e 7º T



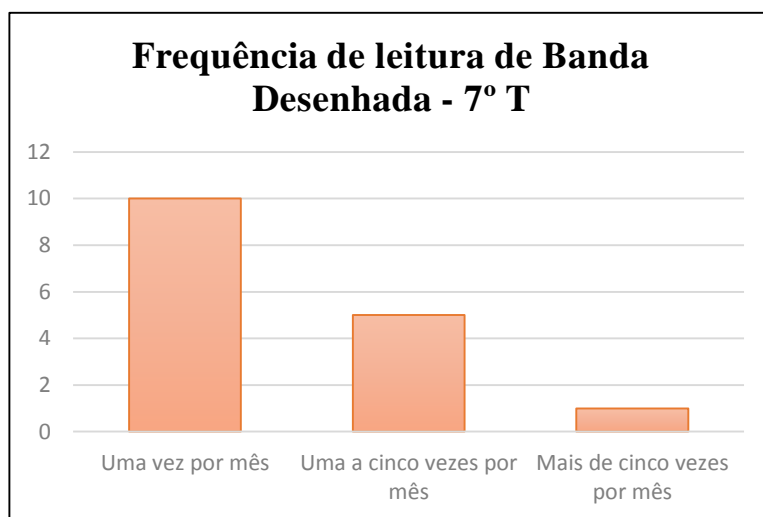
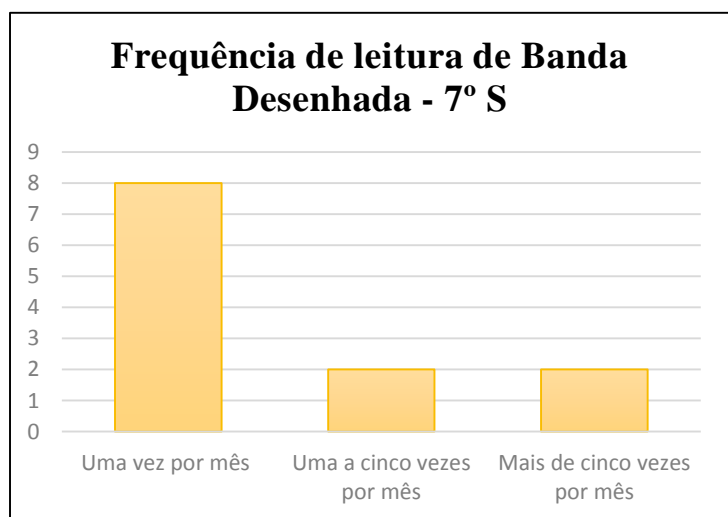
A quinta questão tinha como objetivo saber se os alunos costumavam ler Banda Desenhada. Ao analisarmos os gráficos 9 e 10, verificamos que metade da turma do 7º S costuma ler Banda Desenhada, enquanto na turma do 7º T são mais aqueles que leem (16 alunos) do que aqueles que não leem (10 alunos). Estes dados deixaram-nos um pouco surpreendidos, principalmente, em relação à turma do 7º S, uma vez que, tal como já foi revelado anteriormente, esta turma não apresentou, ao longo do ano, muitos hábitos de estudo e os alunos pareciam que não gostavam de ler. Mas as respostas a esta questão, vêm revelar o contrário. Isto não quer dizer que eles têm hábitos frequentes de leitura ou que costumam ler outros tipos de obras, mas o facto de lerem Banda Desenhada revela que afinal não estão assim tão desligados da leitura.

Gráficos números 9 e 10 – Leitura de Banda Desenhada – 7º S e 7º T



A sexta questão teve a ver com a frequência com que liam Banda Desenhada. A maior parte dos alunos, quer de uma turma, quer de outra, responderam que leem uma vez por mês, tal como se pode verificar através da análise dos gráficos 11 e 12. Apenas um aluno na turma do 7º T e dois na turma do 7º S leem mais de cinco vezes por mês. Um dos problemas nesta questão foi as opções de resposta. Alguns comentários durante o preenchimento do questionário, por parte dos alunos, revelaram que estes não leem com tanta frequência, mas como não tinham outras opções, acabaram por colocar uma vez por mês. Desta forma, os resultados aqui apresentados nesta questão podem não corresponder totalmente à realidade.

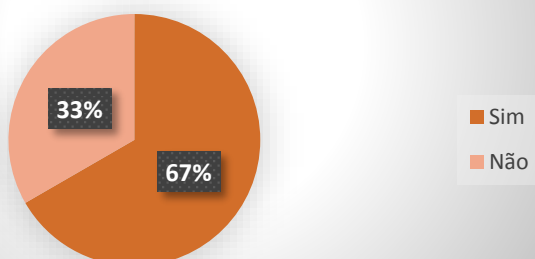
Gráficos números 11 e 12 – Frequência de Leitura de Banda Desenhada – 7º S e 7º T



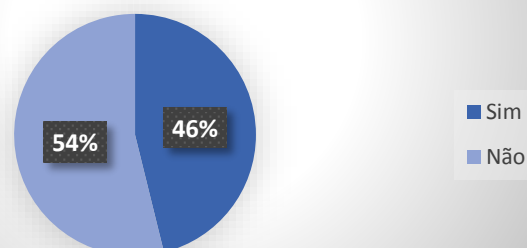
Depois termos analisado as questões relativas à Banda Desenhada, vamos iniciar de seguida a análise das questões relacionadas com o outro recurso em estudo, o Cartoon. A sétima questão tinha como objetivo identificar se os alunos já tinham utilizado o Cartoon em contexto de aprendizagem. Ao analisarmos os gráficos 13 e 14, verificamos que existem resultados bastante diferentes. Na turma do 7º S, 67% tinha utilizado o Cartoon em contexto de aprendizagem. O mesmo não sucedeu com o 7º T, onde 54% dos alunos revelaram que nunca utilizaram este recurso durante o processo de aprendizagem. Estes números podem estar relacionados com o facto de os alunos terem demonstrado algumas dúvidas sobre o que era um Cartoon aquando do preenchimento do questionário. Mas também pode ter acontecido que eles não tenham mesmo trabalhado com este tipo de recurso.

Gráficos números 13 e 14 – Utilização do Cartoon em contexto de aprendizagem – 7º S e 7º T

Utilização do Cartoon em contexto de aprendizagem - 7º S



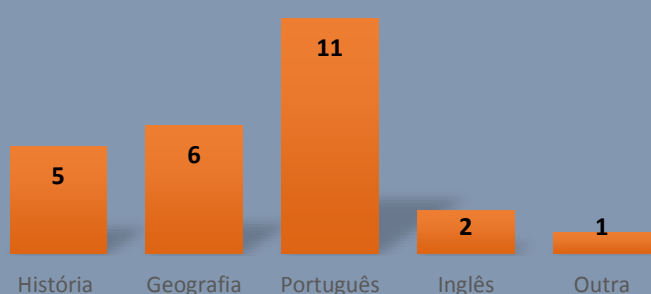
Utilização do Cartoon em contexto de aprendizagem - 7º T



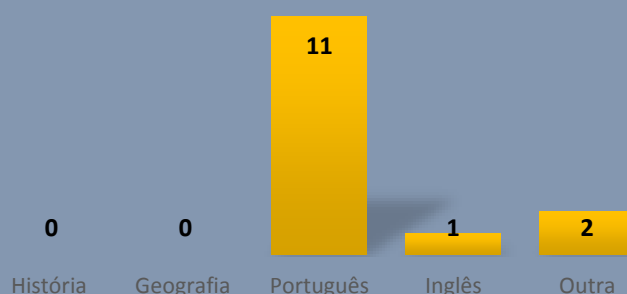
A oitava pergunta estava relacionada com a questão anterior e só foi respondida por aqueles que tinham utilizado o Cartoon em contexto de aprendizagem. Nesta pergunta, os alunos tinham de identificar as disciplinas nas quais ocorreu essa utilização. Ao analisar os gráficos, observamos que as duas turmas referenciam a disciplina de Português como sendo aquela em que mais contactaram com os Cartoons em contexto de aprendizagem. De realçar ainda que a turma do 7º T nunca trabalhou com o Cartoon nas disciplinas de História e Geografia. O mesmo não sucede com a turma do 7º S que utilizou este recurso nestas duas disciplinas. Três alunos, um da turma do 7º S e dois da turma do 7º T, referiram ainda que trabalharam com o Cartoon nas disciplinas de Francês e Estudo do Meio.

Gráficos números 15 e 16 – Disciplinas nas quais utilizaram o Cartoon – 7º S e 7º T

Disciplinas nas quais utilizaram o Cartoon - 7º S

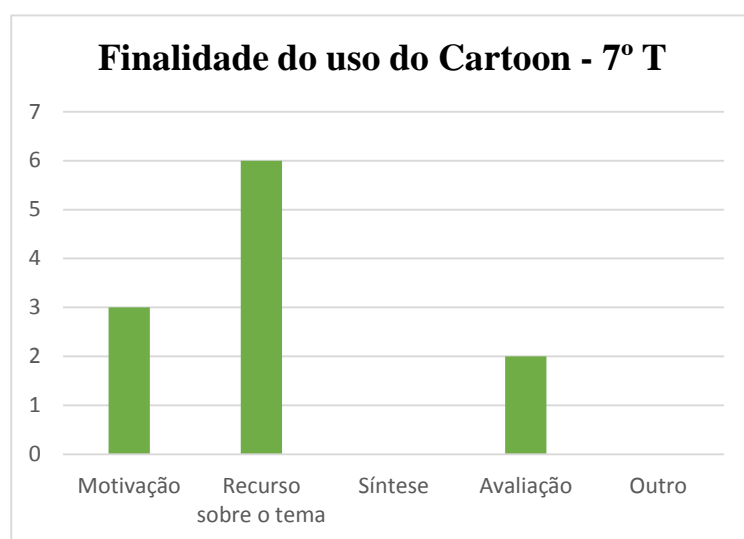
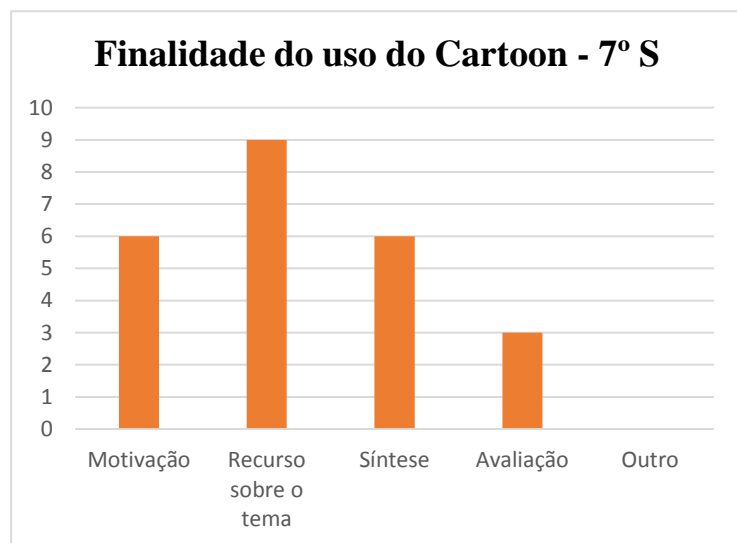


Disciplinas nas quais utilizaram o Cartoon - 7º T



A nona questão também estava relacionada com as duas questões anteriores e tinha como objetivo que os alunos identificassem que finalidade teve o Cartoon nas disciplinas em que foi utilizado. Em ambas as turmas, o Cartoon foi utilizado, sobretudo, como recurso sobre o tema. Na turma do 7º T, nenhum dos Cartoons aplicados, nas disciplinas mencionadas anteriormente, foi utilizado como síntese. Na turma do 7º S, o Cartoon foi ainda usado como motivação e síntese.

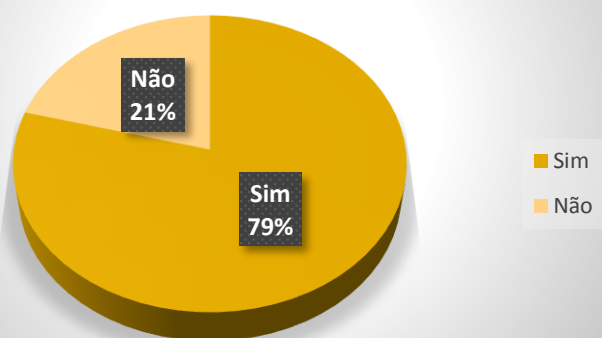
Gráficos números 17 e 18 – Finalidade do uso do Cartoon – 7º S e 7º T



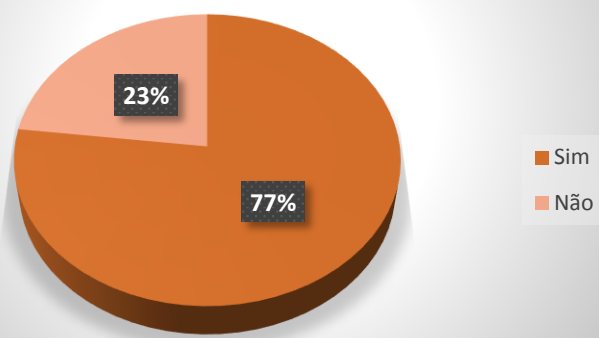
A décima questão pretendia que os alunos dissessem se costumavam ou não prestar atenção aos Cartoons. Atualmente, este tipo de recurso aparece bastante em vários meios e é muito utilizado pelas pessoas para provocar o riso, criticar alguma situação vivida ou até para demonstrar algum tipo de sentimento face a algum acontecimento no mundo. Ao analisar os gráficos números 18 e 19, é possível verificarmos que a maior parte dos alunos das duas turmas costuma prestar atenção aos Cartoons. As percentagens apresentadas nos dois gráficos são bastante similares. Estes dados deixaram-nos um pouco surpreendidas, porque os alunos tinham demonstrado algumas dúvidas sobre o que era um Cartoon, mas provavelmente elas foram dissipadas com a nossa breve explicação.

Gráficos números 19 e 20 – A atenção dos alunos em relação aos Cartoons nos diversos meios de comunicação – 7º S e 7º T

A atenção dos alunos em relação aos Cartoons nos diversos meios de comunicação - 7º S



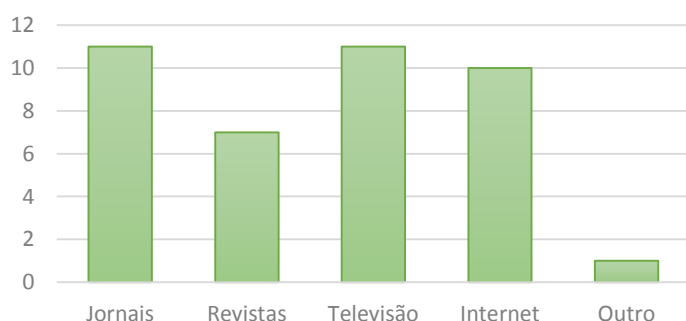
A atenção dos alunos em relação aos Cartoons nos diversos meios de comunicação - 7º T



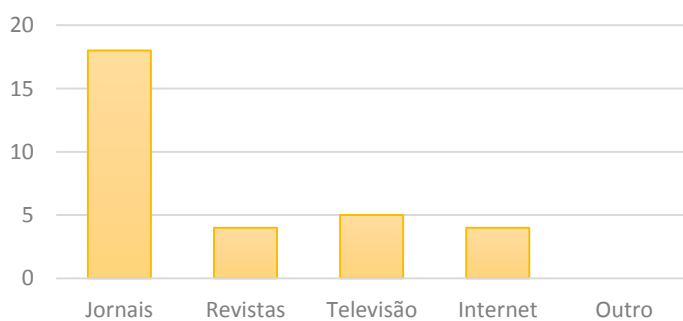
A décima-primeira questão estava relacionada com a pergunta anterior. Todos aqueles que responderam que costumavam prestar aos Cartoon deveriam agora identificar em que meios costumam visualizá-los. Ao analisarmos os gráficos 21 e 22, verificamos que os dados obtidos são diferentes nas duas turmas. A turma do 7º S visualiza os Cartoons em meios muito diversos. Os três meios mais destacados nesta turma foram os jornais, a televisão e a Internet. Um aluno desta turma referiu ainda que costuma visualizar os Cartoons nos livros de Português. Isto revela que não costuma contactar com este tipo de recurso nos meios apresentados. Na turma do 7º T, os alunos revelaram que costumam mais prestar atenção aos Cartoons nos jornais.

Gráficos números 21 e 22 – Meios de visualização dos Cartoons – 7º S e 7º T

Meios de visualização dos Cartoons - 7º S



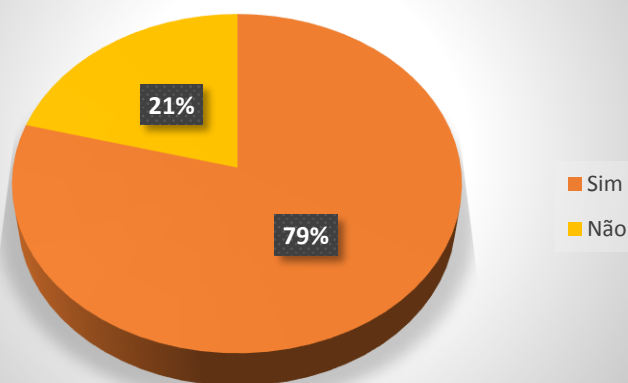
Meios de visualização dos Cartoons - 7º T



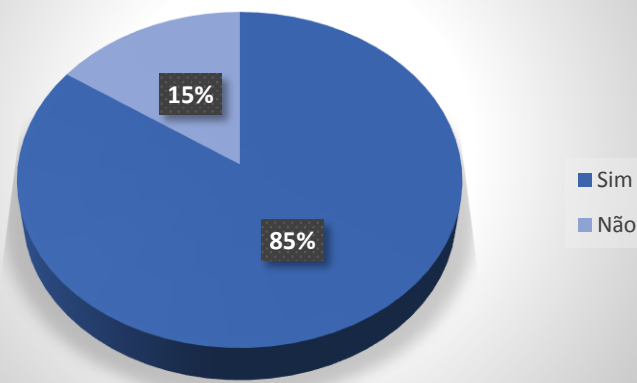
As duas últimas questões têm a ver com os dois recursos em causa, o Cartoon e a Banda Desenhada, e uma é uma questão aberta e a outra fechada. Na décima-segunda questão, é pedido aos alunos para responderem se consideram a Banda Desenhada e os Cartoons bons recursos para a aprendizagem. E na décima-terceira questão é pedido para justificarem a resposta anterior. Ao analisar os gráficos números 23 e 24, referentes à décima-segunda questão, verifica-se que as duas turmas consideram estes recursos bons para a aprendizagem. Apesar disso, 21% dos alunos do 7º S e 15% dos alunos do 7º T não partilham da mesma opinião dos restantes.

Gráficos números 23 e 24 – Os alunos consideram a BD e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º S e 7º T

Consideram a BD e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem - 7º S



Consideram a BD e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem - 7º T



Agora é necessário analisar as justificações dos alunos, quer para o sim, quer para o não. Iremos, primeiramente, analisar as respostas daqueles que não consideram a Banda Desenhada e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem. Ao examinarmos as respostas das duas turmas, verificamos que podemos dividi-las em duas categorias, pois os alunos consideram:

- Que **estes recursos não servem para ensinar**; (“Porque não nos ensina nada de especial”; “porque não ensina muito”)
- E que **só servem para provocar divertimento** (“Porque acho que as B. D. e os Cartoons só são para divertimento”; “Não, porque isso é só para divertirmo-nos”).

Através destas respostas podemos perceber que os alunos não compreendem o real valor destes recursos para a aprendizagem e por isso acham que não servem para nada relacionado com o processo de ensino-aprendizagem. Esta é uma conceção errada que necessita de ser alterada. Também alguns responderam de uma forma não muito esclarecedora, com um “não sei” ou um “porque não”.

Analisaremos agora as respostas contrárias a estas, ou seja, aquelas que consideram estes recursos bons para a aprendizagem. Tal como foi feito anteriormente, também dividimos as respostas das turmas em várias categorias. Estes alunos consideram que a Banda Desenhada e os Cartoons são bons para a aprendizagem porque:

- **Aprendem de uma forma mais divertida** (*“Porque é uma forma de aprendizagem mais divertida”; “Porque fico bem-disposto”; “Porque achamos graça e assim a matéria não se torna chata”*);
- **São recursos diferentes** dos quais estão habituados (*“Sim, porque aprendemos com recursos diferentes dos outros”*);
- **Provocam mais motivação** (*“Motiva e aumenta o empenho do aluno pela matéria”; “Eu acho que sim, porque é uma boa maneira de motivar os alunos”*);
- **Abordam os assuntos do mundo** (*“Porque nos ensinam muitas coisas sobre o mundo (vida)”*);
- **E ensinam coisas novas** (*“Sim, porque acho que se aprende coisas novas”*).

Em suma, com a aplicação deste primeiro questionário foi possível perceber que os alunos conhecem melhor a Banda Desenhada do que o Cartoon. Estes revelaram que utilizam muito mais a BD em contexto de aprendizagem, do que o Cartoon. Em termos didáticos, estes recursos são mais aplicados como recurso sobre o tema. Uma boa percentagem revelou ainda que costuma prestar atenção aos Cartoons nos diversos meios e também ler Banda Desenhada. Em relação às duas últimas questões, foi um pouco surpreendente a percentagem de alunos que consideraram estes recursos como bons para

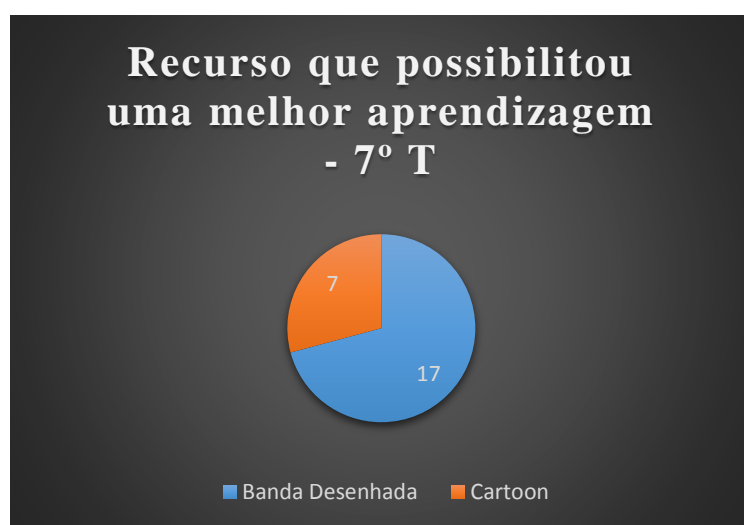
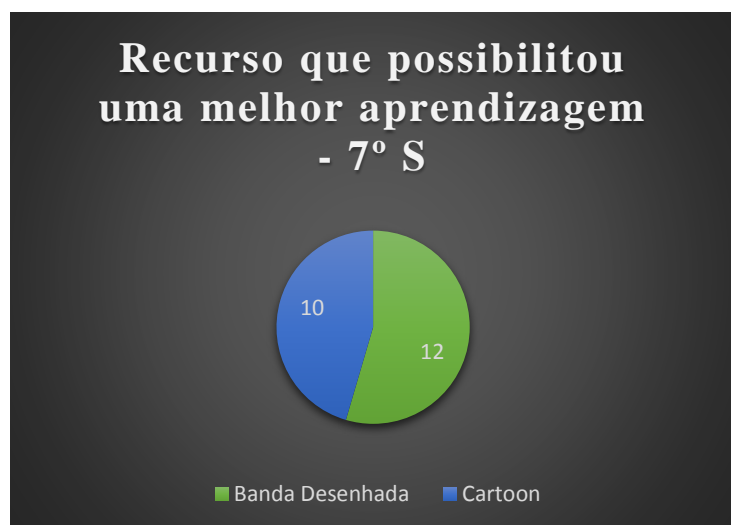
a aprendizagem. Achávamos que esta questão ia rondar os 60% e não os 80%. Este demonstrou ser um bom sinal, para se poder trabalhar estes recursos, com estes alunos.

Em relação às justificações apresentadas, estas demonstram que os alunos associam estes recursos ao divertimento e isso verificou-se, tanto naqueles que responderam que não consideram estes uns bons recursos, como naqueles que consideram. Esta associação é boa por um lado, porque, tal como foi referido em algumas das respostas dos alunos, acabam por motivar e tornam as matérias mais agradáveis. Por outro lado, é má porque os alunos tendem a desacreditar este tipo de recursos e acham, tal como foi referido anteriormente, que não servem para ensinar. É de destacar ainda que os alunos referem que sentem necessidade de lidarem com diferentes recursos, durante o processo de ensino-aprendizagem.

Após a aplicação deste questionário, utilizamos a Banda Desenhada e o Cartoon em diferentes momentos didáticos, tal como já foi abordado anteriormente. Para finalizar esta investigação, aplicamos um outro questionário, que servirá de comparação com o primeiro, para percebemos se a opinião dos alunos em relação a estes recursos evolui de forma positiva ou negativa.

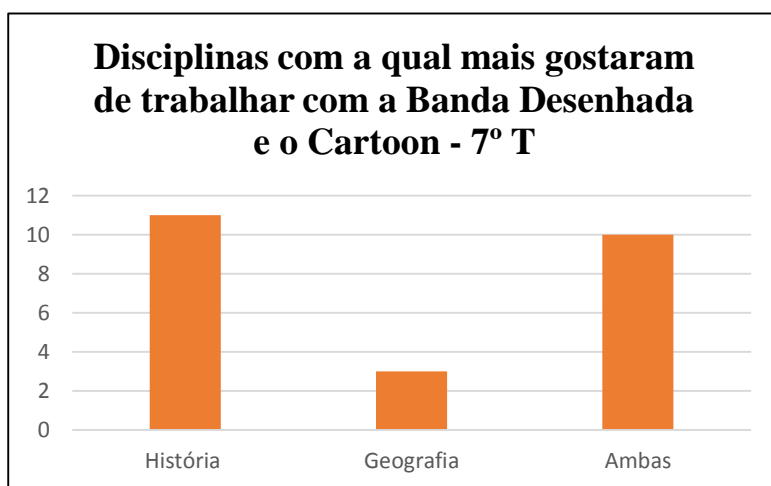
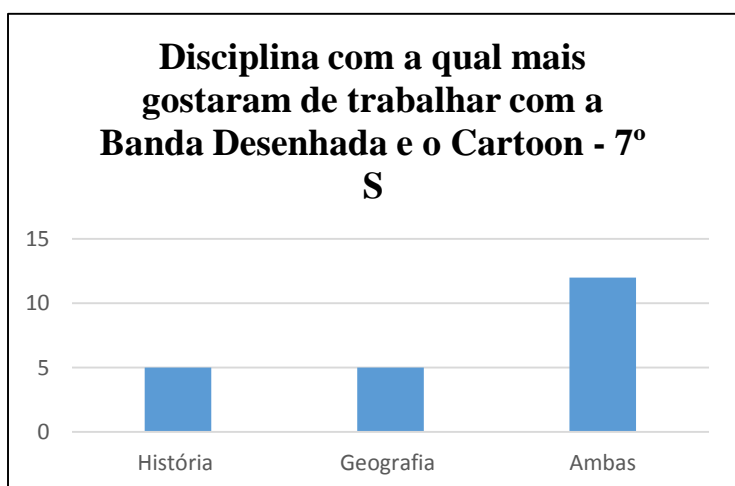
Antes de iniciar a análise, é necessário referir que alguns alunos faltaram no dia do preenchimento do questionário. Desta forma, o questionário foi respondido por 24 alunos do 7º T e por 22 alunos do 7º S. A primeira questão, tal como sucedeu com o primeiro, relacionou-se com a identificação do género do aluno. A segunda tinha como objetivo que os alunos identificassem qual dos recursos lhe tinha possibilitado uma melhor aprendizagem: a Banda Desenhada ou o Cartoon. Ao analisar os gráficos 25 e 26, apuramos que em ambas as turmas, o recurso escolhido foi a Banda Desenhada, embora na turma do 7º S se verifique uma ligeira diferença entre esta e o Cartoon. Na turma do 7º T, a diferença é bem maior. O aspeto que mais nos surpreendeu foi esta diferença que existiu entre os dois recursos na turma do 7º T. Teria sido interessante para esta investigação termos colocado a pergunta “porquê?”, pois as respostas poderiam dar-nos alguns dados sobre estas escolhas.

Gráficos números 25 e 26 – Recurso que possibilitou uma melhor aprendizagem – 7º S e 7º T



A terceira questão tinha como objetivo que os alunos identificassem em que disciplina mais gostaram de trabalhar estes recursos. Ao analisarmos os gráficos 27 e 28, verificamos que os resultados obtidos foram diferentes nas duas turmas. A turma do 7º S gostou de trabalhar estes recursos nas duas disciplinas. A turma do 7º T gostou mais de trabalhar estes recursos em História, mas também um número considerável alunos gostou de trabalhar com a BD e o Cartoon nas duas disciplinas. Estes dados obtidos diferem um pouco da nossa perspectiva, pois achávamos que tinham existido resultados mais satisfatórios na disciplina de Geografia. Através destes dados percebemos que a perspectiva do aluno nem sempre é a mesma que a do professor.

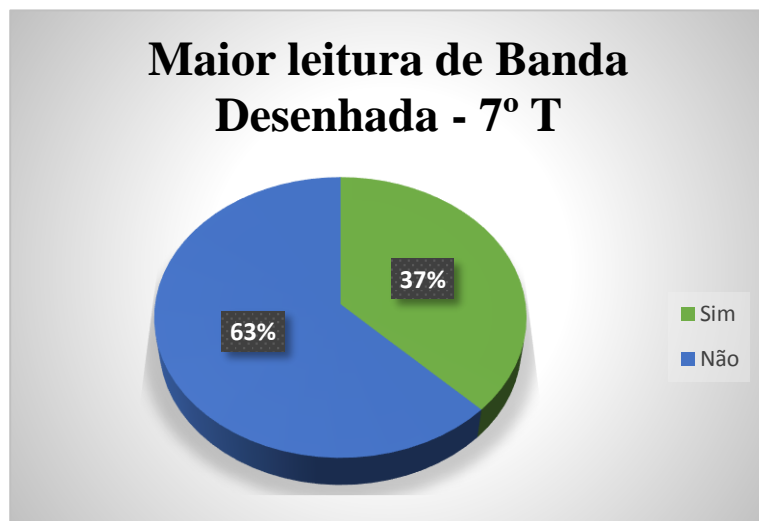
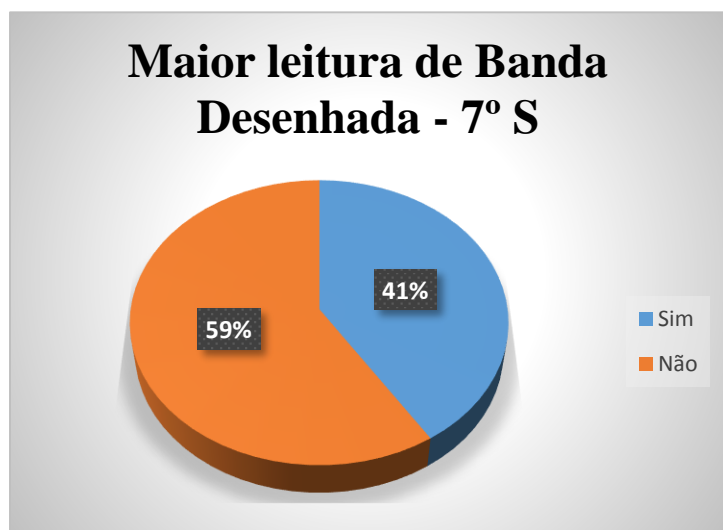
Gráficos números 27 e 28 – Disciplina com a qual mais gostaram de trabalhar com a Banda Desenhada e o Cartoon – 7º S e 7º T



A quarta questão foi uma pergunta aberta e relacionava-se com a anterior. Desta forma, os alunos tinham de revelar o porquê de terem escolhido uma das disciplinas ou ambas. Alguns alunos não responderam a esta questão. Os alunos que responderam História justificaram-se com o facto de gostarem mais da disciplina e por terem aprendido mais facilmente com estes recursos. Os alunos que escolheram Geografia mencionaram que o fizeram porque acharam a matéria mais fácil de se perceber com estes recursos e também mais divertido nesta disciplina. Por fim, aqueles que responderam ambas justificaram-se com o facto da Banda Desenhada e o Cartoon terem facilitado a aprendizagem nas duas disciplinas e também por gostarem das duas disciplinas. Esta pergunta não nos trouxe resultados muito importantes, porque os alunos demonstraram alguma confusão nas suas respostas. Teria sido mais interessante, em termos de resultados para esta investigação, termos colocarmos o porquê relacionado com a segunda questão do que com esta.

A quinta questão tinha como objetivo perceber se a utilização da Banda Desenhada na sala de aula tinha tido influência numa maior leitura deste género. Ao analisarmos os gráficos 29 e 30, percebemos que, apesar de os alunos terem tido um maior contacto com Bandas Desenhadas, isso não fez com que estes lessem mais obras deste género. Os resultados foram bastante parecidos nas duas turmas.

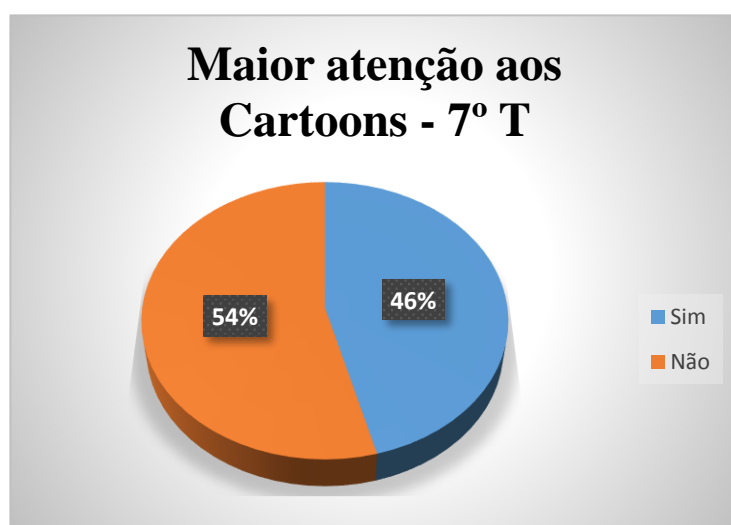
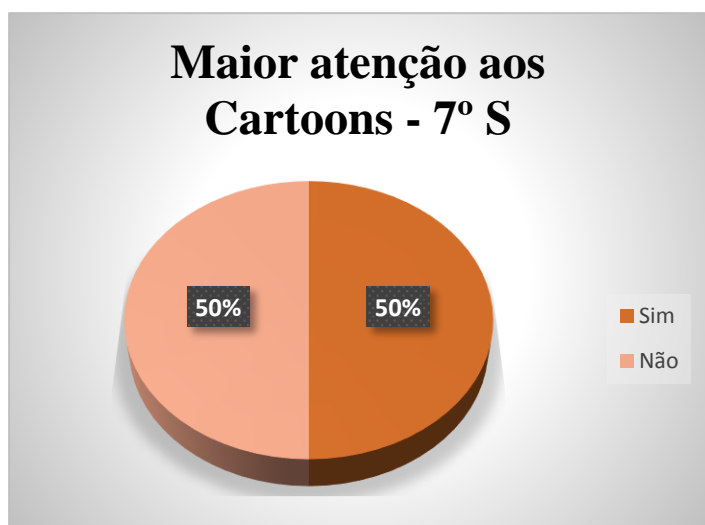
Gráficos números 29 e 30 – Maior leitura de Banda Desenhada – 7º S e 7º T



A sexta questão tinha como objetivo perceber se os alunos passaram a prestar mais atenção aos Cartoons, nos diversos meios, depois da utilização destes no processo de

ensino-aprendizagem. Ao analisarmos os gráficos 31 e 32, verificamos que na turma do 7º S, metade dos alunos passaram a prestar mais atenção aos Cartoons. Já na turma do 7º T, apesar dos resultados terem sido próximos, a maioria não prestou mais atenção aos Cartoons. A aplicação destes recursos na sala de aula acabaram por ter influência para estes dados apresentados.

Gráficos números 31 e 32 – Maior atenção aos Cartoons – 7º S e 7º T

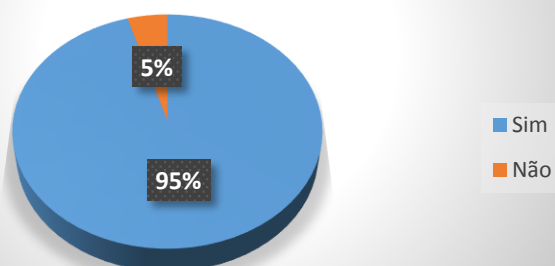


As duas últimas questões estão relacionadas com estes dois recursos, pois na pergunta sete é pedido aos alunos que deem a sua opinião sobre se consideram a Banda Desenhada e o Cartoon bons recursos para a aprendizagem, depois de terem utilizado estes recursos em sala de aula. E a seguinte pede para eles justificarem a sua resposta. Estas duas questões são iguais às colocadas no primeiro questionário e permitir-nos-á perceber se a opinião dos alunos, em relação a estes recursos, evoluiu. Ao analisarmos os gráficos 33 e 34, verificamos, desde logo, que os resultados obtidos foram muito positivos. Na turma do 7º S, apenas um aluno não considerou estes recursos como bons para a aprendizagem. Na turma do 7º T, todos consideram que com estes recursos conseguem realizar uma boa aprendizagem. Estes resultados surpreenderam-nos bastante porque, tal como já foi referido anteriormente, o Cartoon e a Banda Desenhada foram aplicados muito tarde e numa grande quantidade. E sempre achamos que isso iria ter influência na opinião dos alunos, mas tal não sucedeu.

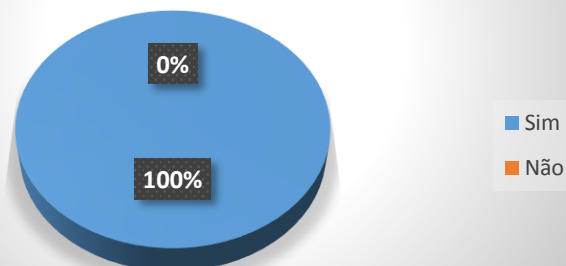
No questionário anterior, as percentagens rondaram os 80%, mas neste subiram bastante, o que significa que houve uma evolução positiva.

Gráficos números 33 e 34 – Banda Desenhada e Cartoon bons recursos para a aprendizagem – 7º S e 7º T

Banda Desenhada e Cartoon bons recursos para a aprendizagem - 7º S



Banda Desenhada e Cartoon são bons recursos para a aprendizagem - 7º T



Por fim, falta analisar as justificações dos alunos e perceber se estas são as mesmas ou se também houve uma evolução. Será que os alunos dão maior credibilidade a estes recursos? O único aluno que respondeu que não considerava que estes eram bons recursos, justificou-se respondendo “porque não”. Se o aluno tivesse apresentado algum argumento, teria sido mais proveitoso para nós. Mas como tal não aconteceu, resta-nos analisar as justificações de quem respondeu sim. Depois de analisar as respostas, decidimos colocá-las em diferentes categorias. Desta forma, estes recursos são bons recursos para a aprendizagem porque:

- **Permitem aprender mais facilmente** (“Porque permitiu-nos aprender melhor a matéria”; “Porque é sempre mais divertido do que as coisas chatas dos livros”);
- **A aprendizagem torna-se mais divertida** (“Porque é mais divertido aprender”);
- **Permitem a aplicação dos conhecimentos adquiridos** (“Porque ambas permitem-nos aplicar os nossos conhecimentos”);
- **É uma fonte de informação** (“Porque dá-nos mais informações”);
- **Motiva** os alunos a aprenderem (“Porque é divertido e cativa as pessoas”; “Dá mais vontade de aprender”).

Ao contrário do que sucedeu com o primeiro questionário, neste os alunos referiram mais, nas suas resposta, que com estes recursos conseguiram aprender mais facilmente e

destacaram menos o facto de serem divertidos. Para além disso, também neste questionário referiram-se a estes recursos como uma fonte informação.

Em suma, este último questionário permitiu-nos perceber que os alunos valorizam e sentem-se motivados com estes recursos. E apesar de não ter existido uma grande influência sobre a leitura de Banda Desenhada, nem sobre atenção que dão aos Cartoons nos diferentes meios, pelo menos contribuímos para uma maior credibilização destes recursos. Algumas perguntas podiam ter sido feitas neste questionário, tais como, em que momento didático gostaram mais de trabalhar estes recursos? Com qual BD e Cartoon aprenderam mais?. Para isso, tinha de ser entregue aos alunos um portfólio com todas as Bandas Desenhadas e Cartoons aplicados nos diferentes momentos didáticos ou criar uma plataforma online, na qual os alunos poderiam aceder facilmente. Mas tal não foi feito, por uma questão económica, mas também temporal. Estes dados se fossem recolhidos seriam um grande contributo para esta investigação. Apesar disso, esta investigação acabou por colher e plantar bons frutos.

Considerações Finais

Com o finalizar desta investigação, é necessário refletir sobre as conclusões retiradas e dar resposta às questões de partida, apresentadas no início deste trabalho. É de destacar que estas não têm como intuito atribuir um rótulo a estes recursos, pois este é apenas um contributo para o estudo sobre eles.

Com este trabalho foi possível perceber-se que para os alunos a Banda Desenhada e o Cartoons são bons recursos para a aprendizagem e, como tal, favorecem o desenvolvimento deste processo. Para eles, estes recursos facilitam a aprendizagem, provocam motivação e são uma forma divertida de aprenderem. Apesar de algumas condicionantes, tais como a aplicação tardia e a alteração de comportamento das turmas, os resultados obtidos, junto dos alunos, foram bastante satisfatórios.

A Banda Desenhada e o Cartoon resultaram, de uma certa forma bem, em todos os momentos didáticos. Esta opinião é baseada nas múltiplas observações que fui realizando, ao longo das aulas, nas quais foram aplicados estes recursos. Se tivesse que destacar um momento didático, destacava a aplicação da Banda Desenhada e do Cartoon enquanto recurso sobre um tema. Ao analisar todas as aplicações, percebemos que houve melhores resultados neste momento. Esta questão, se tivesse sido colocada aos alunos, poderia ter conferido um grande contributo para este trabalho, pois nem sempre a opinião do aluno é igual à do professor.

Embora de uma forma geral tenha corrido bem, nem todas as Bandas Desenhadas e os Cartoons aplicados resultaram junto dos alunos. Isso deveu-se, sobretudo, à má escolha dos recursos e às modificações introduzidas. Alguns deles não tiveram o efeito desejado e conduziram a interpretações muito díspares daquilo que se pretendia. Desta forma, o professor tem de ter em atenção à escolha do recurso e verificar se o texto está em consonância com o desenho apresentado. Esta foi uma das limitações.

Uma outra limitação, mas que acaba por ser também uma potencialidade, tem a ver com a reação dos alunos face a estes recursos. É certo que demonstram mais animação durante a análise das Bandas Desenhadas e dos Cartoons, do que provavelmente demonstram com a análise de um gráfico, e isso por um lado é bom. Mas por outro, se for uma euforia em excesso pode provocar distúrbios, que dificultam a aprendizagem, tal como sucedeu em algumas aulas, em que os alunos apresentavam mais interesse em representar as personagens, do que em compreender o conteúdo que estava lá presente.

Em relação ao Cartoon enquanto potenciador do espírito crítico, verificou-se que os alunos das turmas participantes não apresentavam um sentido crítico desenvolvido. Este recurso pode auxiliar neste desenvolvimento, mas é necessário que os alunos tenham-no também um pouco desenvolvido. Num aluno ou noutro, denotou-se na parte final da aplicação algumas ideias com sentido crítico, mas no conjunto, tal não sucedeu. Isso fez-me pensar que seria interessante perceber como é que estes recursos resultariam num 9º ano ou 10º ano. Pela experiência obtida durante o Estágio, pareceu-me que os alunos de 10º ano revelaram um maior sentido crítico do que os alunos do 7º ano. Será que com estes alunos de 10º ano, o Cartoon ajudaria a desenvolver ainda mais o espírito crítico?

Quanto à valorização destes recursos enquanto fonte de informação, verificou-se que os alunos, durante a aplicação, conferiam uma maior credibilidade a um texto do que a uma Banda Desenhada, que continha a mesma informação do texto. Isto poderá estar relacionado com vários fatores. O primeiro tem a ver com a pouca utilização destes recursos, durante o processo de ensino-aprendizagem, o que faz com que os alunos não sintam tanta proximidade com eles. O outro fator está relacionado com o modo como olham estes recursos, pois só os veem como uma forma divertida de aprenderem e não há uma valorização enquanto meios para acederem aos conteúdos científicos. É preciso modificar esta perspetiva e demonstrar que estes recursos podem ser importantes para adquirir conhecimento. Se aplicássemos uma Banda Desenhada a uma turma de 10º ano, será que valorizavam este tipo de recurso? Provavelmente não, porque ainda existe uma certa infantilização destes recursos, que convém ser trabalhada.

Um aspeto que não foi abordado neste Relatório, mas que poderá servir para uma investigação futura, tem a ver com a utilização das novas tecnologias, para trabalhar estes recursos. Atualmente existe um conjunto de plataformas que permitem aos alunos construírem as suas próprias Bandas Desenhadas e Cartoons, embora este último seja um pouco mais difícil de se elaborar. Esta ideia poderia ser trabalhada em conjunto por vários professores de uma escola. Por exemplo, a professora de História pode querer que os alunos criem uma Banda Desenhada sobre a Revolução Francesa. Estes poderiam construir o desenho nas aulas de Educação Visual e a professora de História ajudava-os com os textos para colocar nos balões. Isto permitiria existir uma interdisciplinaridade, de que tanto se fala, mas que muitas vezes não é visível, e os alunos, provavelmente, atribuiriam mais significado a isto.

Em suma, a Banda Desenhada e o Cartoon revelaram-se bons recursos para a aprendizagem. Em relação à sua preferência, os alunos demonstraram que preferiam a Banda Desenhada ao Cartoon, embora com uma pequena diferença. Como não obtivemos dados sobre este resultado, só podemos supor que os alunos acabam por se sentir mais familiarizados com a BD e os seus personagens e também porque esta narra uma história e, por isso, acaba por captar mais a atenção. Estes recursos deveriam ser mais aproveitados no contexto de aprendizagem, pois eram uma forma de diversificar os recursos utilizados e também de “alegrar” a aula. A Banda Desenhada e o Cartoon têm finalidades diferentes, mas contribuem positivamente para a aquisição de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

- Angoloti, C. (1990). *Cómic, títeres y teatro de sombras : tres formas plásticas de contar historias*. (1ª ed.). Madrid: Ediciones de la Torre. pp. 29-30.
- Béra, M., Denni, M., Mellot, P. (1998). *Trésors de la Bande Dessinée*. Paris : Éd. de l'Amateur. pp. 7.
- Boléo, J. P. (org.) (2010). A descoberta da Banda Desenhada. In Carvalhais, S., *Quim e Manecas 1915-1918* (pp. 9). Lisboa: Tinta-da-China.
- *Caracterização da Escola Secundária Inês de Castro* in Portal da ESIC [consult. 2015-09-15]. Disponível em: <http://www.esic.pt/#self>.
- Cardoso, A. (2006). *20 Desenhos de António Cardoso*. (2ª ed.). Porto: Editora da Universidade do Porto. pp. 3.
- Coll, C. et all (1992). *Los contenidos en la reforma. Enseñanza y aprendizaje de conceptos, procedimientos, y actitudes*. Santillana. pp. 137-138.
- Costa, F.; Mendonça, L. (2017). *Diálogos 7*. Porto Editora. pp. 65.
- Costa, S. (2017). *Mots-Clés 9*. Porto Editora. pp. 118.
- Coutinho, A. (1978). *Educação visual: banda desenhada: caderno 2: documentação e textos de apoio para os professores do 7º ano de escolaridade*. Lisboa: Min. da Educação. pp. 1-3.
- CPBD (org.) (1978). *A banda desenhada e a sua ação pedagógica*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes. pp. 1-2.
- Dias, A. (2012). A novela gráfica como género literário. Porto: [Edição do Autor]. pp. 7-10.
- Dicionário (2013). Banda Desenhada. In *Dicionário da Língua Portuguesa* (pp. 209). Porto: Porto Editora.
- Dicionário (2013). Cartoon. In *Dicionário da Língua Portuguesa* (pp. 315). Porto: Porto Editora.
- Enciclopédia (1998). Banda Desenhada. In *Dicionário Enciclopédico* (Tomo I, pp. 195). Temas e Debates.

- Esteban, C. (2013). *Criatividade e Humor na Escola: uma via para o desenvolvimento de competências sociais: uma proposta didática para melhorar a criatividade e a motivação dos nossos alunos*. Torres Vedras: [s.n.]. pp. 29-31.
- Dadoun, R. (1974). A Banda Desenhada erotismo ou pornografia?. In *Aleph : revista de banda desenhada* (pp.3). Nº 2. Amadora: [s.n.].
- Gaumer, P. (2004). *Larousse de la BD*. Paris: Larousse. pp. 625-635.
- GICAV (1991). *III Salão Internacional de Banda Desenhada: catálogo*. Viseu: GICAV. pp. 2-11.
- Gomes, J. (2010). *As potencialidades pedagógicas da Banda Desenhada nas aulas de Português de Língua Não Materna*. Dissertação de Mestrado. Porto: [Edição do Autor]. pp. 15-16.
- Gubern, R. (1979). *Literatura da imagem*. Rio de Janeiro: Salvat Editora. pp. 15-57.
- Lameiras, J. M.; Boléo, J. P.; Santos J. R. (1999). *Uma revolução desenhada: o 25 de abril e a BD*. Lisboa: Afrontamento. pp. 89.
- Lent, J. (2011). Cartoons, Banda Desenhada e Humor. In *Humor – 22º Amadora BD, Festival Internacional de Banda Desenhada* (pp. 62-63). Amadora: Câmara Municipal.
- Maciel, O. et. al (2014). Recurso ao inquérito por questionário na avaliação do papel das Tecnologias de Informação Geográfica no ensino de Geografia. In *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, (pp. 156). Nº 6 (dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território.
- Massano, P. (1995). *Como fazer banda desenhada*. Lisboa: PIM-Publicações Ilustradas Multicolor. pp. 10-125.
- Metas Curriculares de História (2013-2014). [Consult. 2015-09-15]. Disponível em:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_hist_3_ciclo.pdf.

- Mota, P., Guilherme, T. (2000). *A linguagem da BD*. (1ª ed.). Amadora: Câmara Municipal. pp. 11.
- Mota, P. (2003). A família serve-se às tiras: Zits e para o que der e vier. In *XIV Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora* (pp.110). Amadora: Câmara Municipal.
- Péon, V. (1981). *História da banda desenhada: origem*. [Lisboa]: FAOJ. pp. 3-7.
- Pessoa C. (1979). A BD portuguesa em busca do seu público. In *Lobo mau: jornal da banda desenhada* (pp. 15). Publicação nº 10. Lisboa: Distrib. Vasp.
- *Projeto Educativo da Escola Secundária Inês de Castro* in Portal da ESIC [consult. 2017-09-15]. Disponível em: http://www.esic.pt/projectos/pee_teip/pee_teip_esic.pdf
- Prodanov, C; Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho académico*. (2ª ed.). Novo Hamburgo: Universidade Feevale. pp. 24.
- Ruy, J. (2007). A Maioridade – Há dezoito anos. In *18º Festival Internacional de Banda Desenhada: catálogo* (pp. 9). Amadora: Câmara Municipal.
- Sá, C. M. (1995). *A banda desenhada: uma linguagem narrativa ao serviço do ensino do português: língua materna*. (Vol. 1). Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Didática apresentada à Universidade de Aveiro. Aveiro: Universidade de Aveiro. pp. 236-248.
- Sá, C. M. (1996). O uso da banda desenhada para o estudo da narrativa na aula de língua materna face aos novos programas. In *Formação de Professores: cadernos didáticos. Línguas I*. (pp. 11-55). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sá, L. (2010). *Dicionário universal da Banda Desenhada: pequeno léxico disléxico*. (1ª ed.). Caldas da Rainha: Pedranocharco. pp. 11-197.
- Santos, H. (2015). *O Cartoon como crítica social – “Cêpa Torta”*. Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, pp. 18.

- Sousa, J. (1977). Problemas didáticos na BD. In *A Prancheta: fanzine livre para divulgação e ensaio da Banda Desenhada* (pp.13). N° 4. Porto: CABD.
- Sousa, O. M. (1998). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*. (Vol. 1). Lisboa: Humorgrafe. pp. 9.
- Sousa, O. (2006). *O Cartoon e o início do século XXI. The Cartoon and the beginning of the 21ST Century*. Amadora: Câmara Municipal. pp. 7.
- Soullier, E. (2000). O caricaturista tal como o encontrei. In *Porto Cartoon: Word Festival: de XX para XXI: a mudança do século/milénio*. Porto: Museu Nacional da Imprensa. pp. 6.
- Vicente, C. (1993). *A banda desenhada, um recurso educativo ao serviço dos pais*. Lisboa: Plux: Fac. Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa. pp. 21.
- Vieira, D. (2012). *A banda desenhada como recurso para estimular a aprendizagem da gramática nas aulas de línguas estrangeiras*. Dissertação de Mestrado. Porto : [Edição do Autor]. pp. 25-27.
- Vives, J. (1991). *Vamos fazer banda desenhada*. (1ª ed.). Lisboa: Texto. pp. 17-44.
- Zink, R. (1997). *Banda Desenhada portuguesa contemporânea*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. pp. 4-26.

Anexos

Anexo 1 – Prancha de Banda Desenhada “Osíris”

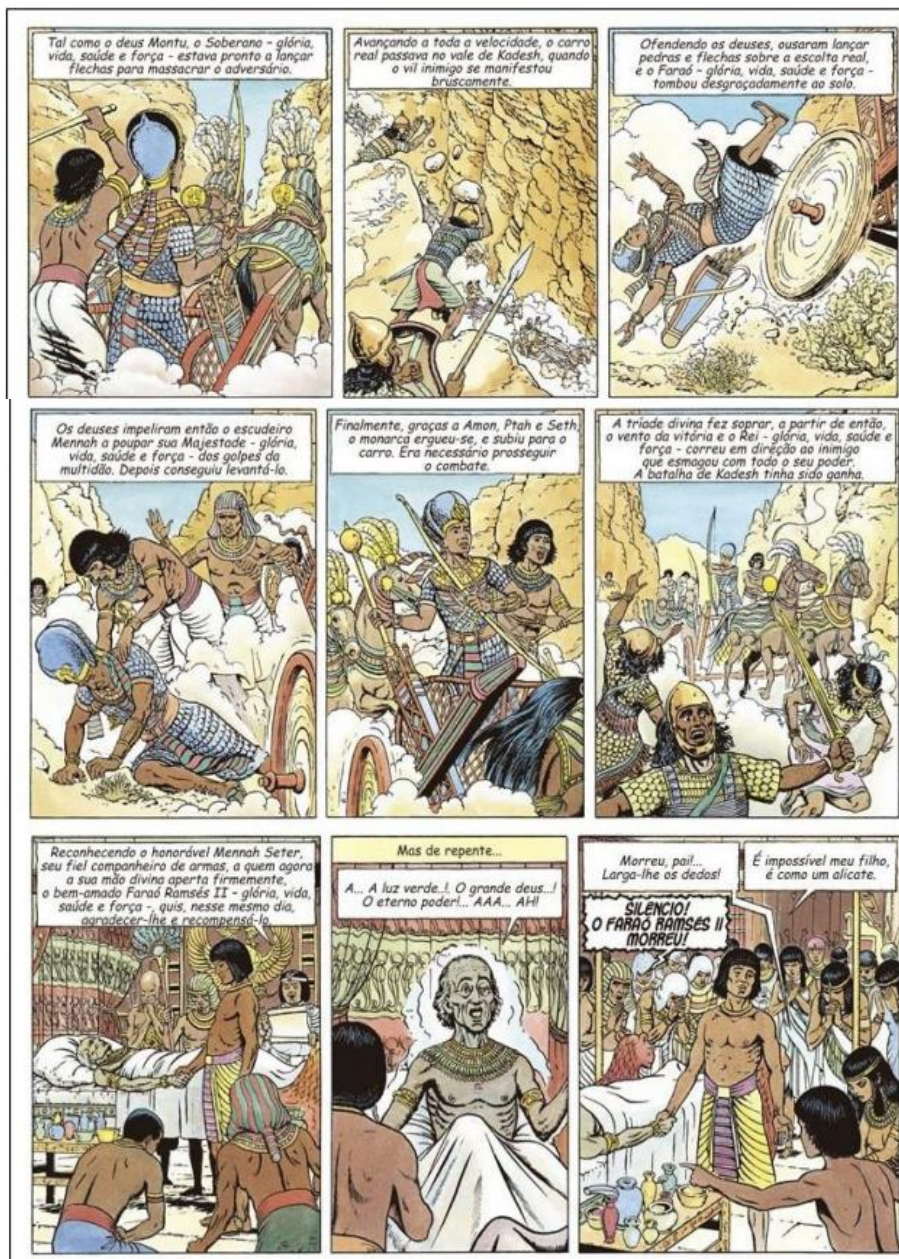


Escola Secundária
Inês de Castro
CARILOBELLO VILA NOVA DE GAIA



Banda Desenhada “Osíris”

1- Lê atentamente o seguinte excerto da Banda Desenhada “Osíris”.



Fonte: Banda Desenhada “Osíris”. [Consult. 2014-02-11]. Disponível em: <http://asleiturasdopedro.blogspot.pt/2013/01/keos-1-osiris.html>

Anexo 2 – Primeiro questionário

U.PORTO Faculdade de Letras Universidade do Porto	<h3>QUESTIONÁRIO</h3> <p>Este questionário realiza-se no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia, da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto e tem como finalidade compreender a importância dos recursos Banda Desenhada e Cartoon, no contexto de aprendizagem.</p> <p>Os dados disponibilizados neste questionário serão recolhidos de forma anónima e analisados para fins académicos.</p> <p>Agradeço, desde já, a tua colaboração!</p> <p>1) Género: Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/></p> <p>2) Já utilizaste Banda Desenha em contexto de aprendizagem? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p>3) Se sim, em que disciplinas? História <input type="checkbox"/> Geografia <input type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Inglês <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/> Qual? _____</p> <p>4) Nas disciplinas que utilizaram a B. D., qual o fim do seu uso? Motivação <input type="checkbox"/> Recurso sobre um tema <input type="checkbox"/> Síntese <input type="checkbox"/> Avaliação <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual? _____</p> <p>5) Costumas ler Banda Desenhada? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p>6) Se sim, com que frequência? Uma vez por mês <input type="checkbox"/> Uma a cinco vezes por mês <input type="checkbox"/> Mais de cinco vezes por mês <input type="checkbox"/></p> <p>(volta a página, por favor)</p>
--	--

7) Já utilizaste Cartoons em contexto de aprendizagem?

Sim ☐

Não ☐

8) Se sim, em que disciplinas?

História ☐

Geografia ☐

Português ☐

Inglês ☐

Outra ☐ Qual? _____

9) Nas disciplinas que utilizaste Cartoons, qual o fim do seu uso?

Motivação ☐

Recurso sobre um tema ☐

Síntese ☐

Avaliação ☐

Outro ☐ Qual? _____

10) Costumas prestar atenção aos Cartoons?

Sim ☐

Não ☐

11) Se sim, em que meios?

Jornais ☐

Revistas ☐

Televisão ☐

Internet ☐

Outro ☐ Qual? _____

12) Consideras a Banda Desenhada e os Cartoons bons recursos para a aprendizagem?

Sim ☐

Não ☐

13) Porquê?

Anexo 3 – Prancha de Banda Desenhada exemplo



Fonte: Banda Desenhada “Snoopy”. [consult. 2016-09-01] Disponível na Internet: <http://halotuga.blogs.sapo.pt/39175.html>

Anexo 4- Cartoon Exemplo



Fonte: Cartoon exemplo. [Consult. 2016-09-03]. Disponível em: <http://bocaferina.blogspot.pt/2012/06/eco-cartoons.html>.

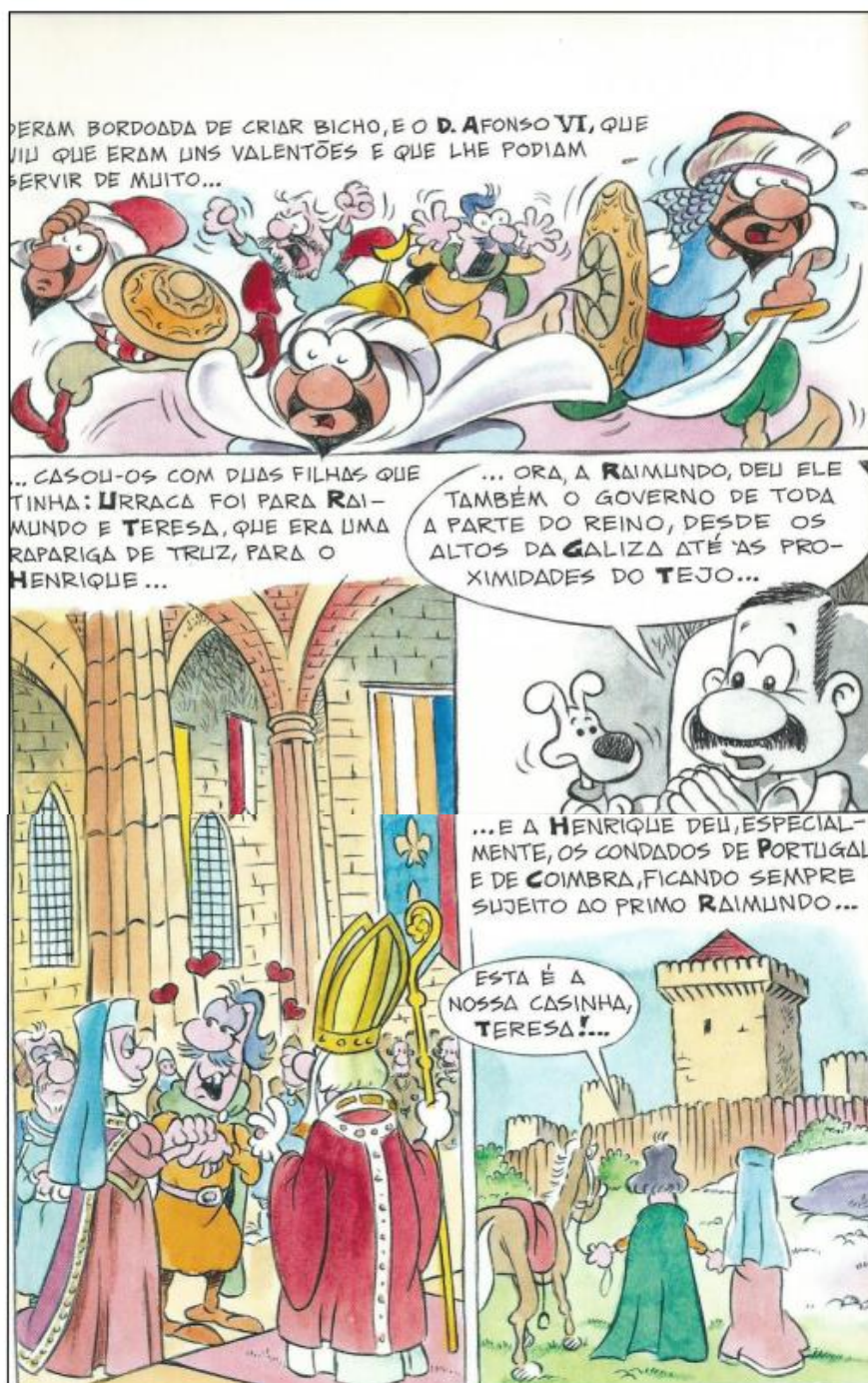
Anexo 5 – Primeira Banda Desenhada como Motivação - História



Escola Secundária
Inês de Castro
FUNDADA EM 1912



Banda Desenhada “A fundação do Condado Portucalense”- Motivação



Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 32.

Anexo 6 – Segunda Banda Desenhada como Motivação - História



Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 57.

Anexo 7 – Terceira Banda Desenhada como Motivação - História



Fonte: Banda Desenhada como motivação “Mafalda”. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://www.b9.com.br/52060/50-anos-de-mafalda/>

Anexo 8- Primeira prancha de Banda Desenhada como recurso sobre o tema - História



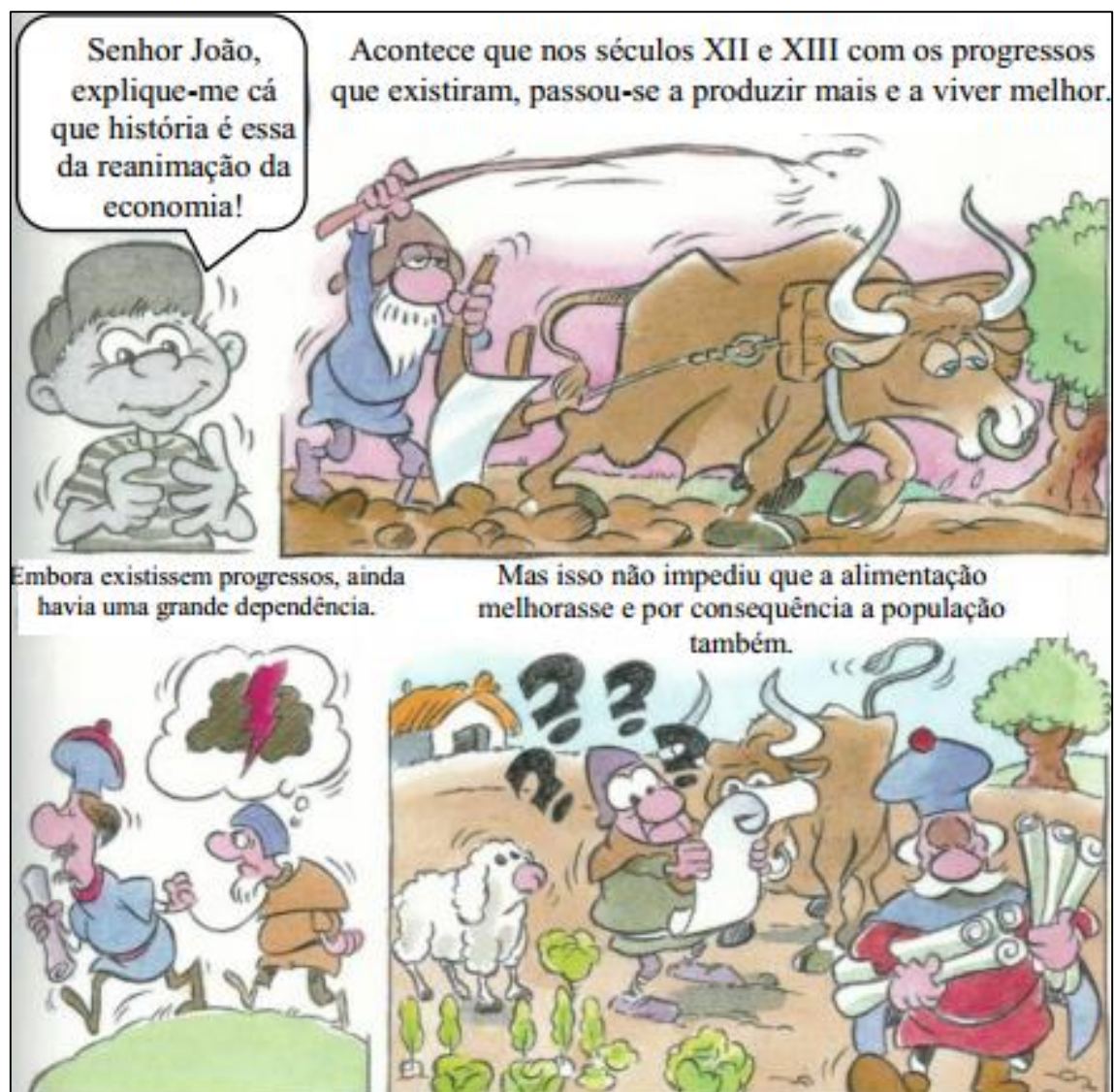
Fonte: Uderzo; Goscinny (1996). *Astérix e os Godos*. pp. 6.

Anexo 9 – Segunda Banda Desenhada como recurso sobre o tema - História



Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 39.

Anexo 10- Terceira Banda Desenhada como recurso sobre o tema - História



Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 61.

Anexo 11 – Primeira Banda Desenhada utilizada como Consolidação – História



Banda Desenhada “Astérix e Obélix- As Invasões Bárbaras”

Nome: _____ Turma: ____ Nº: ____

1- Completa os balões por preencher.



Nota: Tem atenção às páginas 118, 119, 128 e 129 do teu Manual!

Fonte: Uderzo; Goscinny (1996). *Astérix e os Godos*. pp. 43.

Anexo 12 – Segunda Banda Desenhada utilizada como Consolidação - História



Banda Desenhada “Astérix e Obélix- Uma viagem pelo futuro 1”

Nome: _____ Turma: ____ Nº: ____

1- Completa os balões por preencher.

Estamos já depois do século VI, a Floresta dos Carnutes enche-se de druidas... E tudo para fazer uma previsão do futuro...

Todos os carvalhos são invadidos por druidas em busca de inspiração para as suas previsões...

EEEEEEH! ISSO É O MEU DEDO!

O futuro não é bom... Vão ocorrer novas invasões!

Quando? E quem serão os invasores?

Os druidas juntam-se ao jantar desolados com as suas previsões...

As pessoas vão ter de fugir das cidades...

Porquê?

DEPOIS APOIS O GRANDE BANQUETE...

SILÊNCIO MEUS IRMÃOS, SILÊNCIO!

CLANG! CLANG! CLANG!

A economia europeia vai mudar, porque _____

E ENQUANTO OS DRUIDAS PREPARAM AS SUAS POÇÕES MÁGICAS...

Vai haver um clima de _____

SÃO VIGIADOS POR OLHARES COBULGOSOS...

Agora é o momento interessante!

Nota: Tem atenção às páginas 120 e 121 do teu Manual!

Fonte: Uderzo; Goscinny (1996). Astérix e os Godos. pp. 12

Anexo 13 – Terceira Banda Desenhada utilizada como Consolidação - História



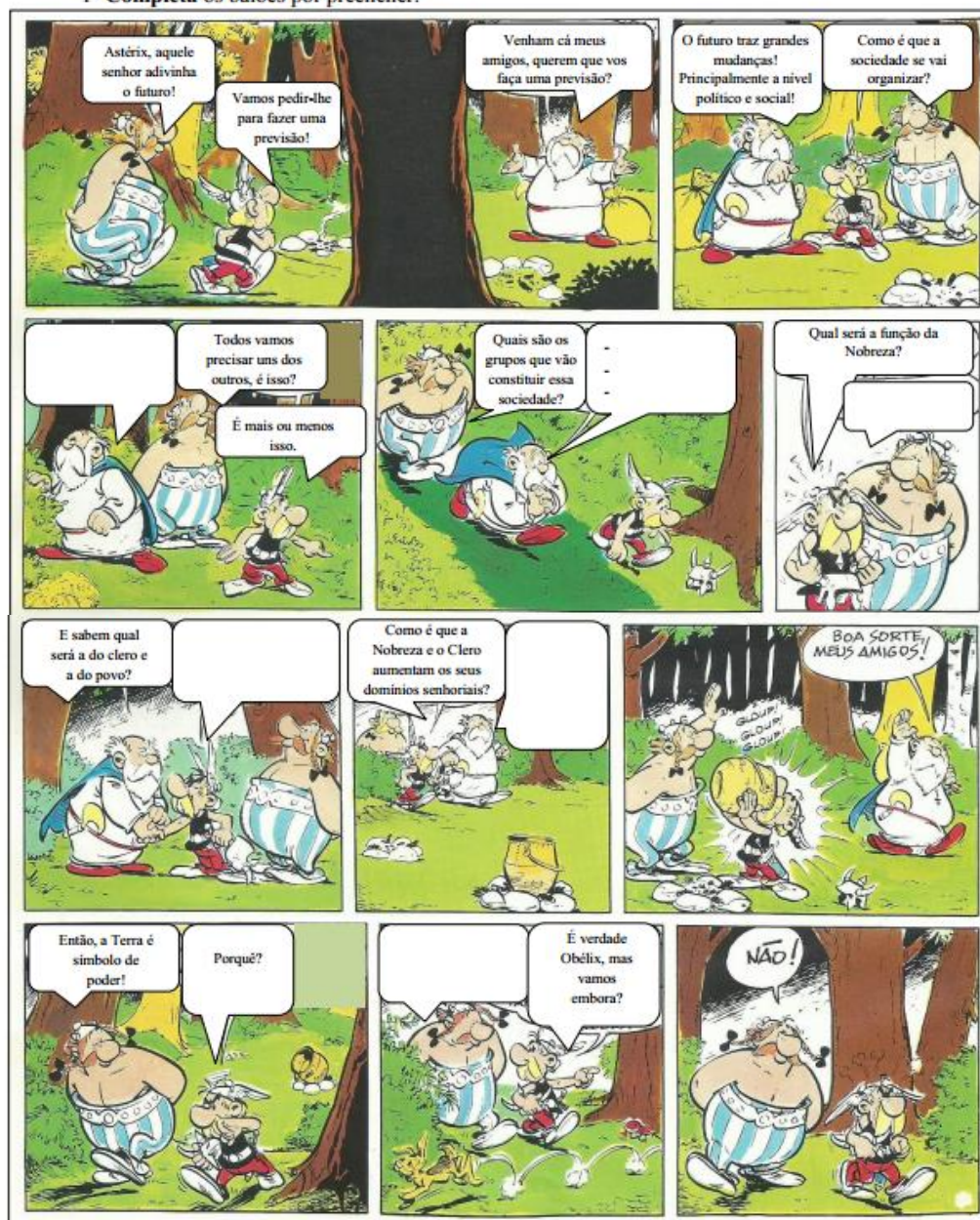
Escola Secundária
Inês de Castro
TAREFAS PELA NOTA DE AVALIAÇÃO



Banda Desenhada “Astérix e Obélix- Uma viagem pelo futuro 2”

Nome: _____ Turma: ____ Nº: ____

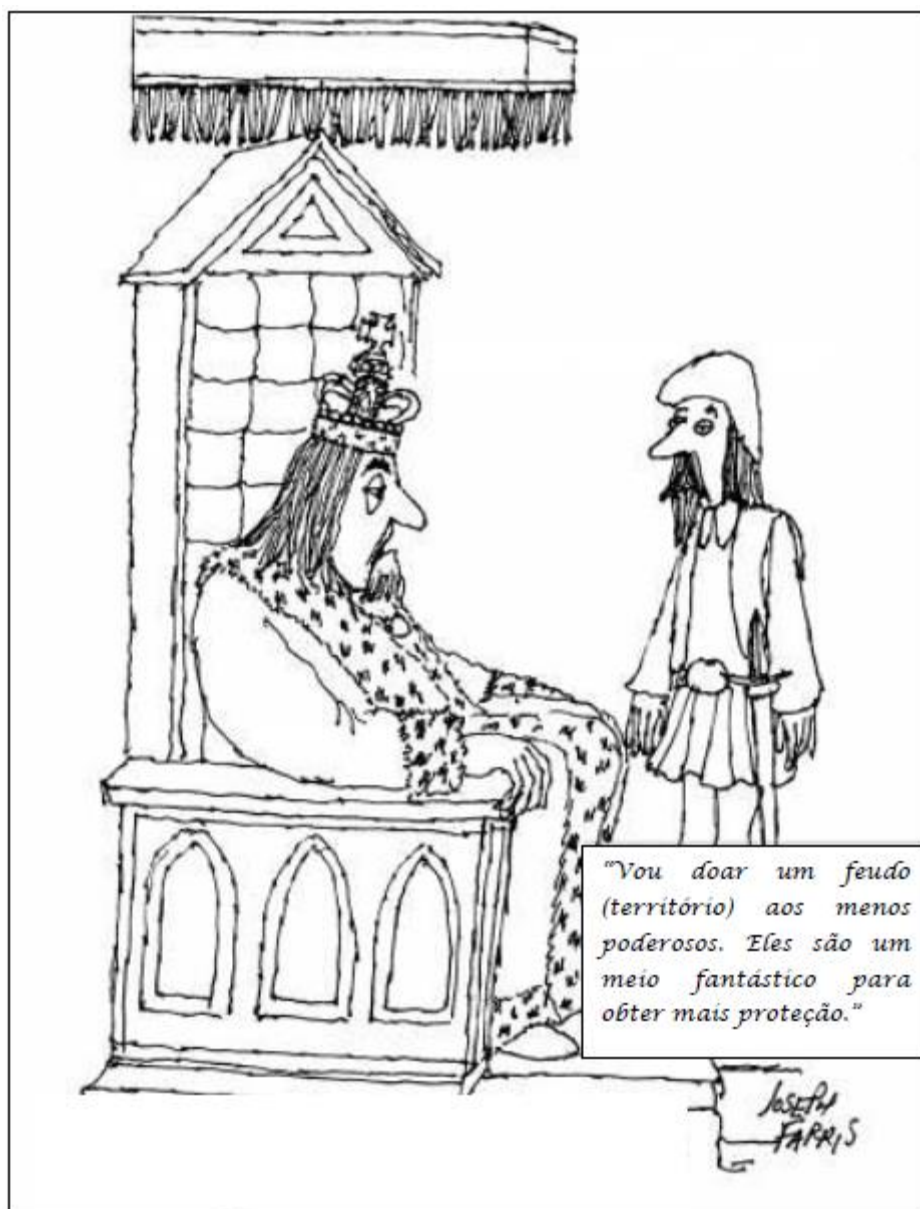
1- Completa os balões por preencher.



Nota: Tem atenção às páginas 122, 123, 124, 125, 126 e 127 do teu Manual!

Fonte: Uderzo; Goscinny (1996). *Astérix e os Godos*. pp. 14.

Anexo 14- Primeiro Cartoon aplicado como Motivação - História



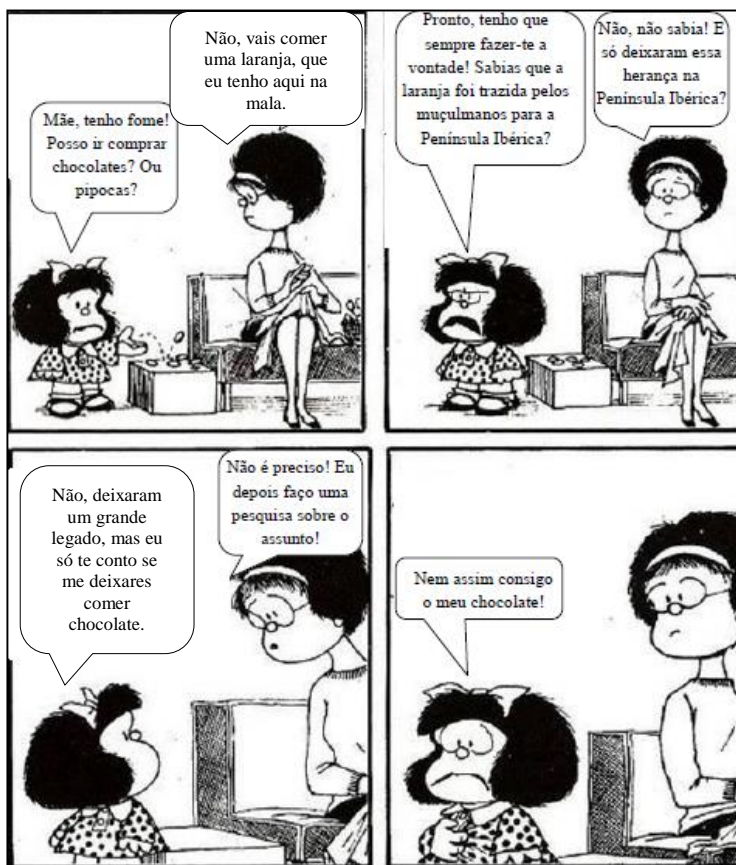
Fonte: Primeiro Cartoon como Motivação. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <https://www.cartoonstock.com/directory/f/feudal.asp>

Anexo 15 – Segundo Cartoon aplicado como Motivação - História



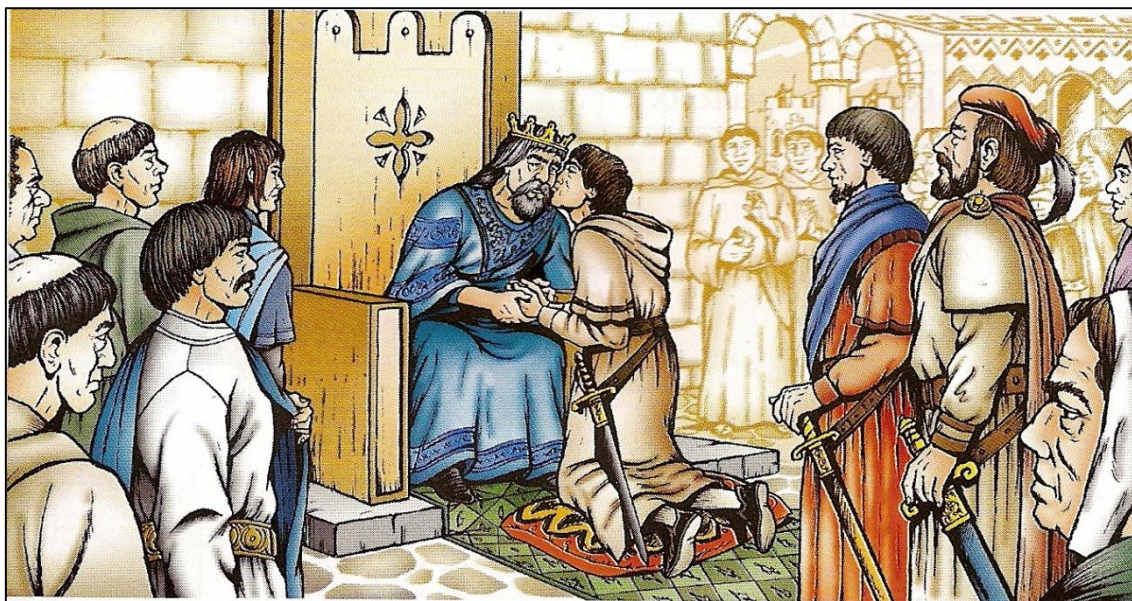
Fonte: Segundo Cartoon como Motivação. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <https://www.theatrum-belli.com/histoire-chronique-culturelle-du-25-novembre/>

Anexo 16 – Banda Desenhada aplicada como Motivação - História



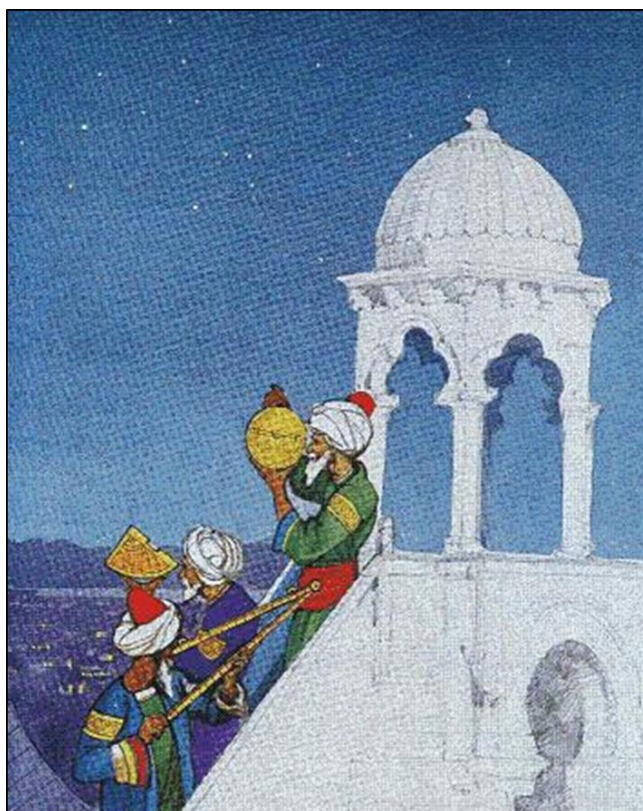
Fonte: Banda Desenhada como Motivação. [Consult. 23-09-2017]. Disponível em: http://nova-acropole.pt/a_mafalda_justica.html

Anexo 17 – Primeiro Cartoon aplicado como recurso sobre o tema - História



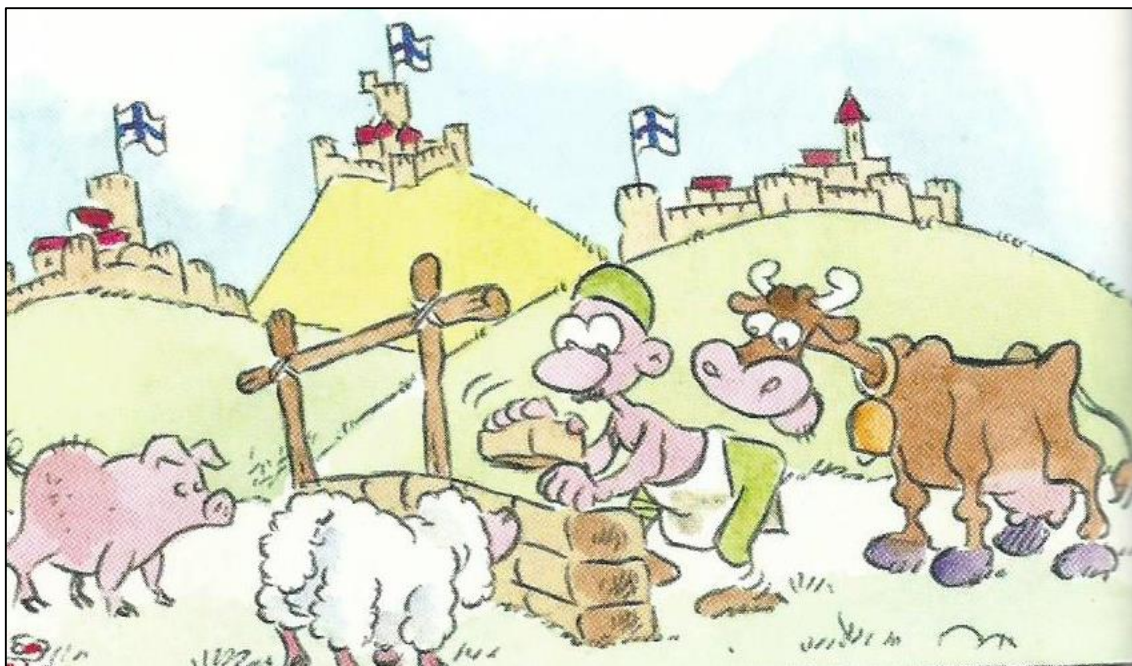
Fonte: Primeiro Cartoon como recurso sobre o tema. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://miseria.com.mx/tag/derechos-humanos/>.

Anexo 18 – Segundo Cartoon aplicado como recurso sobre o tema - História



Fonte: Segundo Cartoon como recurso sobre o tema. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://www.socialhizo.com/historia/edad-media/islam-ciencia-y-literatura>

Anexo 19 – Terceiro Cartoon aplicado como recurso sobre o tema - História



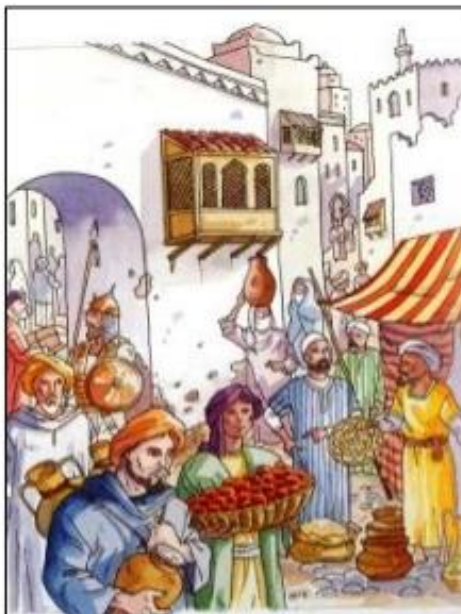
Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 46.

Anexo 20 – Primeiro Cartoon utilizado como Consolidação - História



Exercício de Consolidação

1- **Comenta** o Cartoon apresentado na figura 1, segundo os conteúdos abordados, durante a aula.



A tua resposta deverá conter **4 a 5 linhas** e deverá abordar os aspetos mencionados, durante esta aula (Herança Muçulmana na Península Ibérica). Mas primeiro devers fazer um **comentário** relativo ao Cartoon.

Anexo 21 – Segundo Cartoon utilizado como Consolidação - História



Exercício de Consolidação

1- Observa o cartoon apresentado.



Produz um texto, com o mínimo 7 linhas, onde incluas:

- 1- Uma descrição do acontecimento apresentado no cartoon (elementos envolvidos, situação, vestuário, expressões faciais);
- 2- E um enquadramento dos conteúdos abordados, durante a aula.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Anexo 22- Terceiro Cartoon utilizado como Consolidação - História



Exercício de Consolidação

1- Observa o cartoon apresentado.

Figura 1- “A vida no campo”



(Nota: Entre os séculos XI e XIII, ocorreu um desenvolvimento da economia, devido ao aparecimento de inovações técnicas na área da agricultura)

Produz um texto, com o mínimo 7 linhas, onde incluas:

- 1- Uma descrição do acontecimento apresentado no cartoon (elementos envolvidos, situação, vestuário, expressões faciais);
- 2- E um enquadramento dos conteúdos abordados, durante a aula.

Fonte: Chagas, M. P. (2004). *História alegre de Portugal*. Lisboa: Bertrand. pp. 62.

Anexo 23 – Primeira Banda Desenhada como Motivação -Geografia

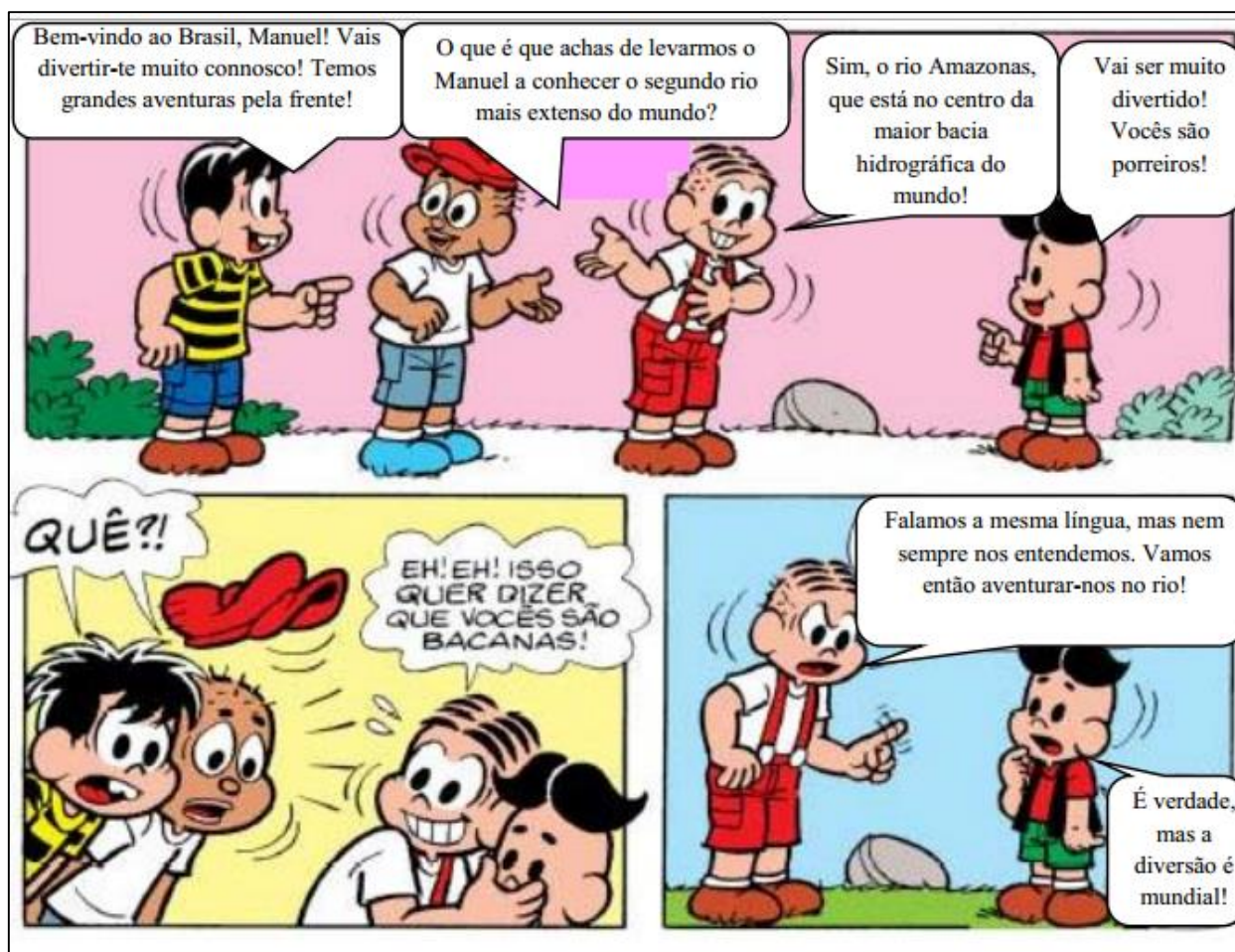


Fonte: Banda Desenhada “A Turma da Mônica”. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://castelodaalegria.blogspot.pt/2015/06/turma-da-monica-chuva.html>

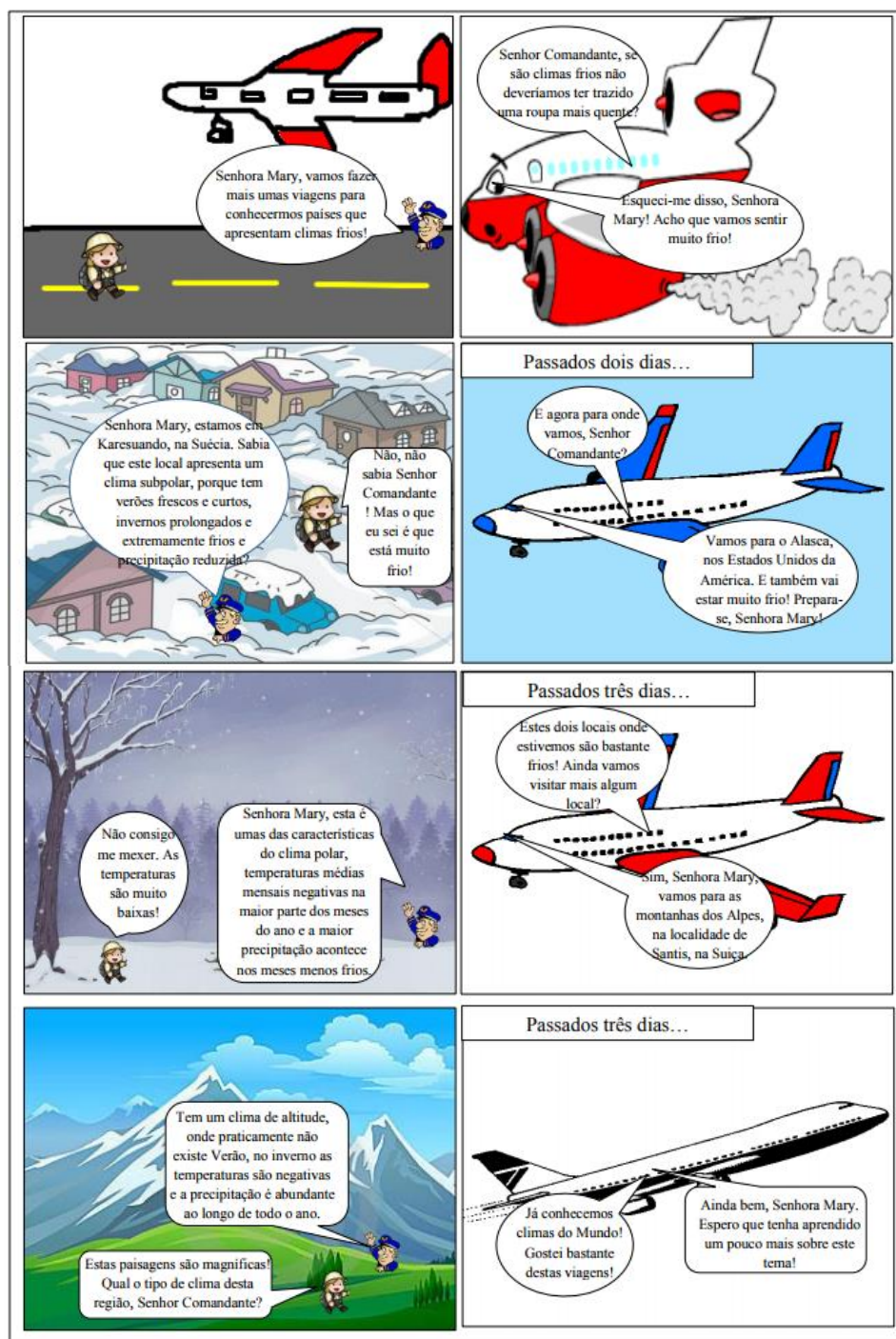
Anexo 24 – Segunda Banda Desenhada como motivação - Geografia



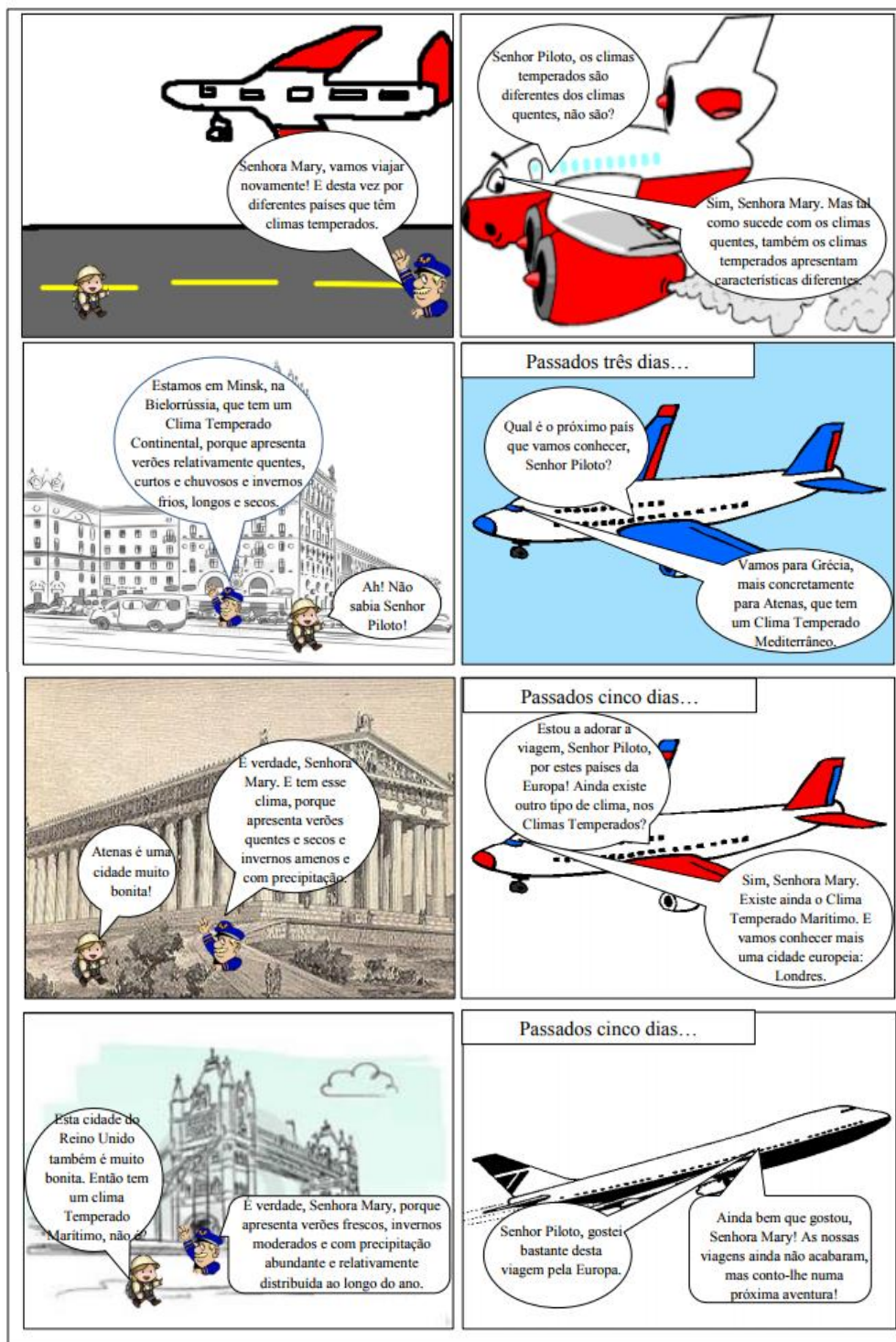
Anexo 25 – Terceira Banda desenhada como motivação - Geografia



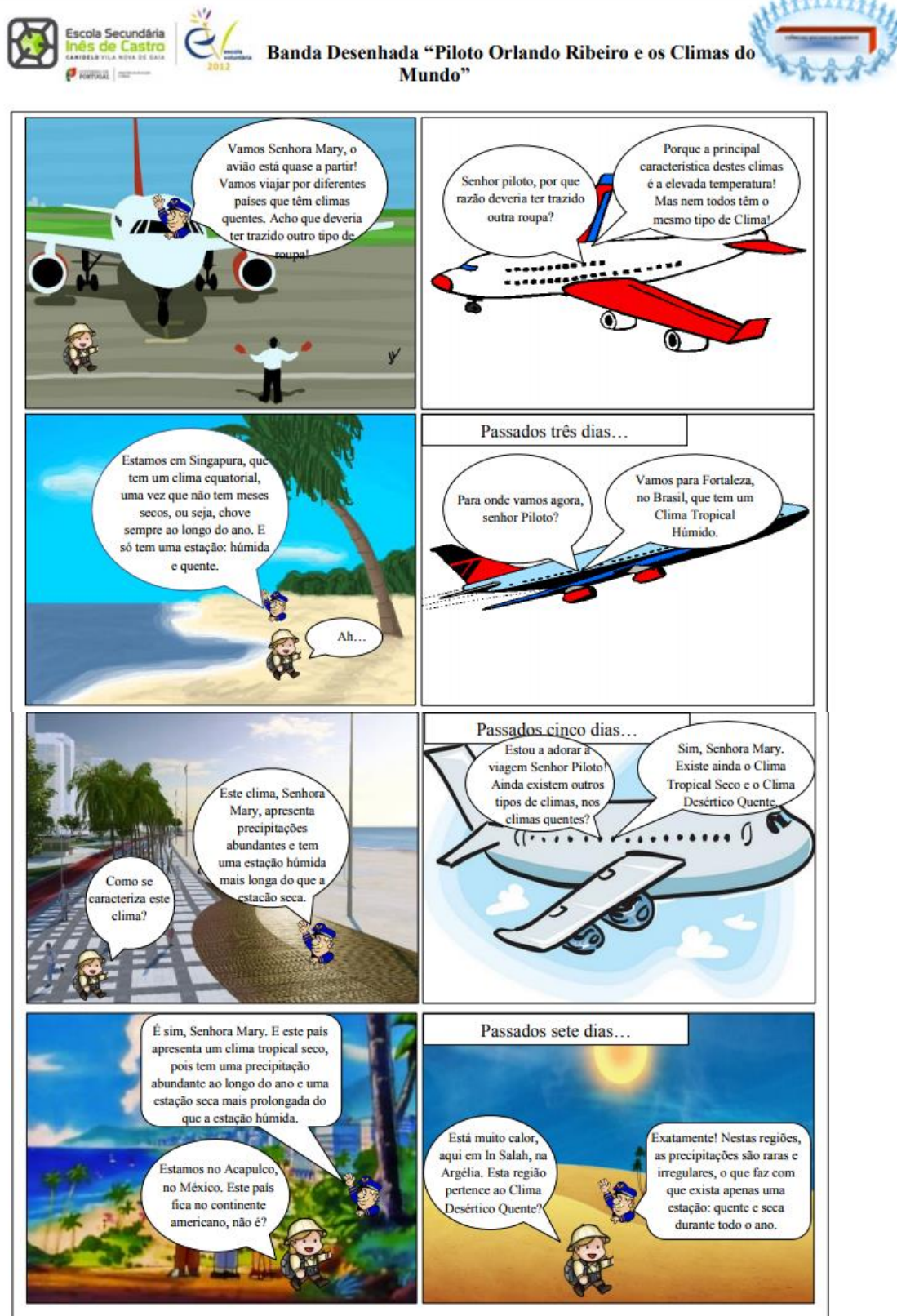
Anexo 26 – BD Climats Frios – Recurso sobre o tema – Geografia



Anexo 27 – BD Climas Temperados – Recurso sobre o tema - Geografia



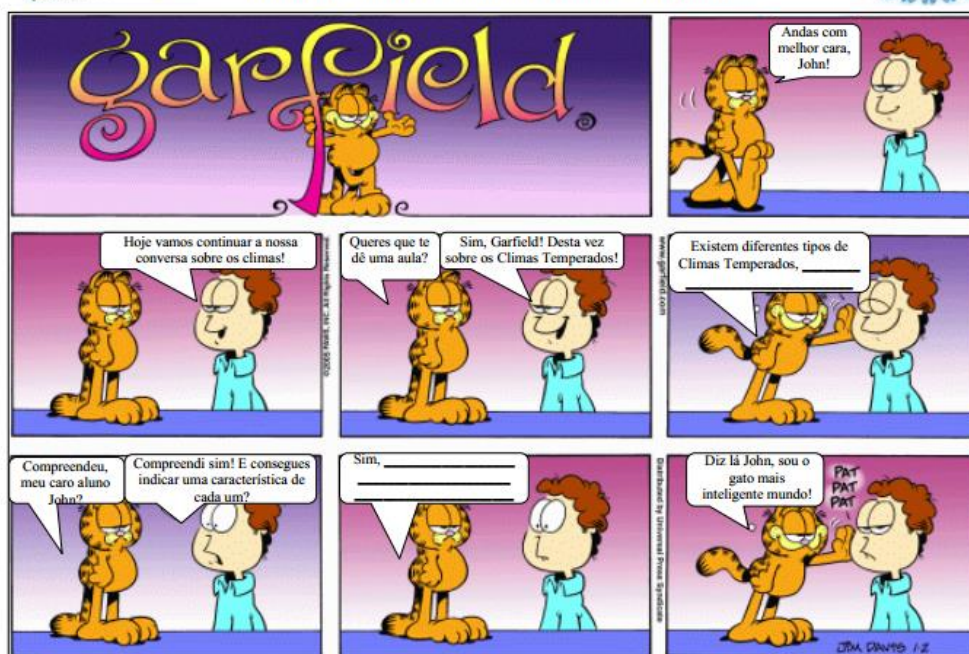
Anexo 28 – BD Climatas Quentes – Recurso sobre o tema – Geografia



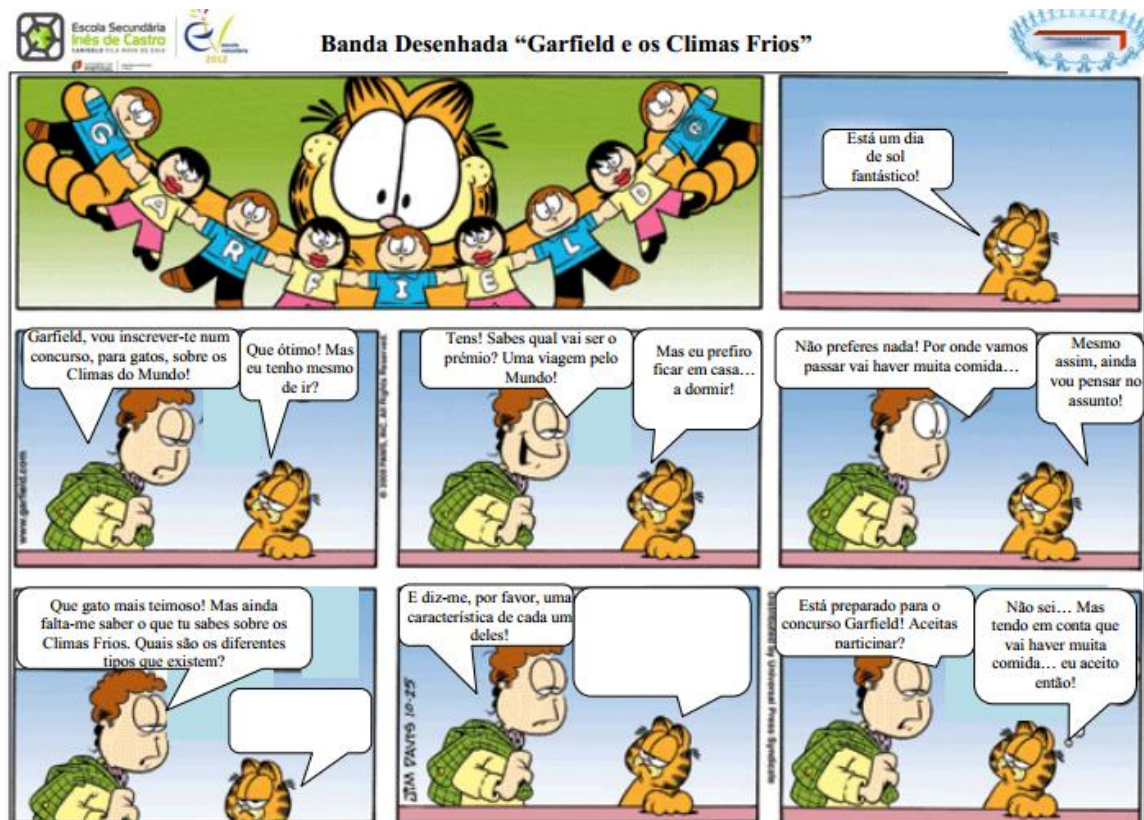
Anexo 29 – Climas Quentes - Consolidação - Geografia



Anexo 30 – Climas Temperados – Consolidação - Geografia



Anexo 31 – Climas Frios – Consolidação - Geografia

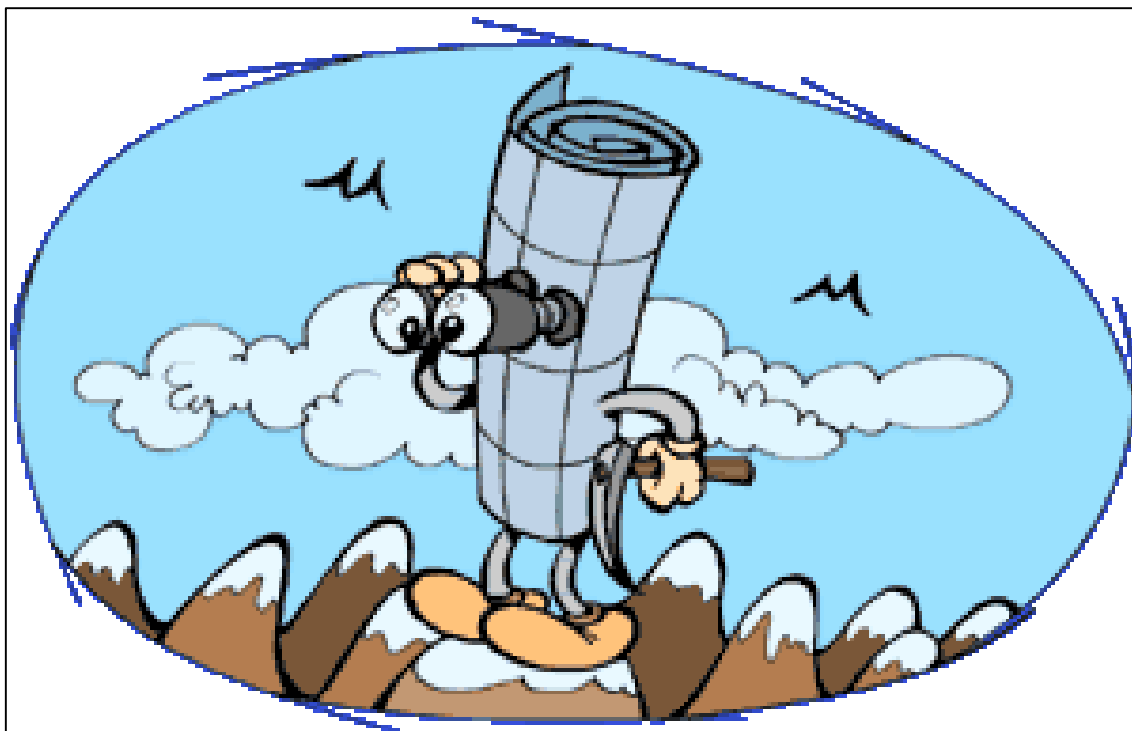


Anexo 32 – Primeiro Cartoon aplicado como Motivação - Geografia



Fonte: Cartoon. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://tenajlepsze.pl/6991>.

Anexo 33- Segundo Cartoon aplicado como Motivação - Geografia



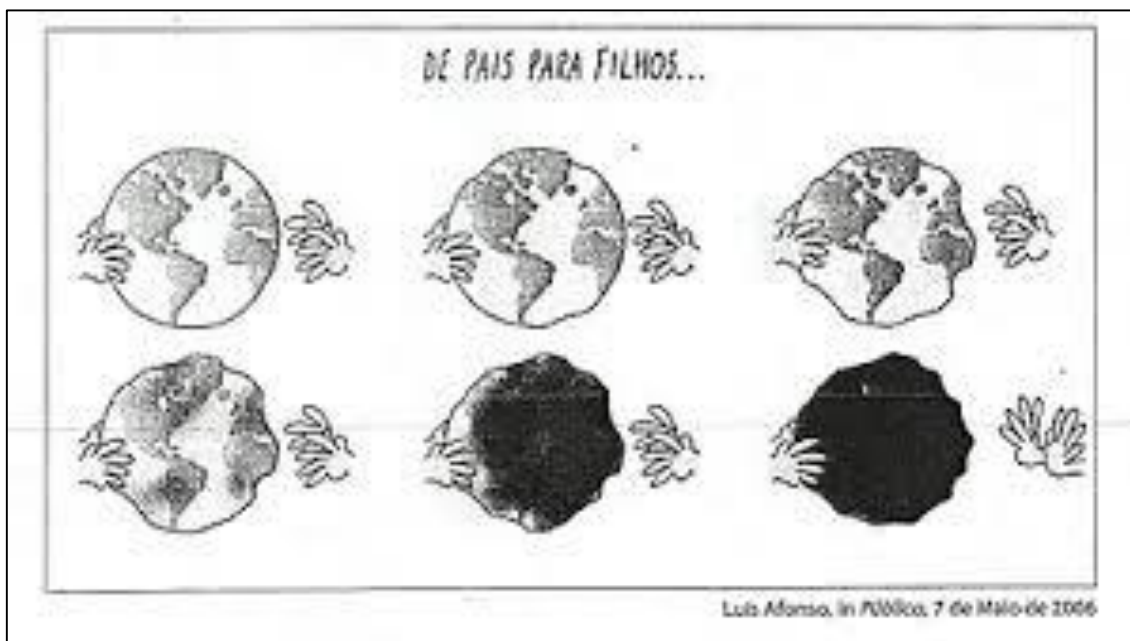
Fonte: Segundo Cartoon. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://blogaodolobao.blogspot.pt/2011/06/mapas-em-alta-resolucao-em-pdf.html>

Anexo 34 – Terceiro Cartoon aplicado como motivação - Geografia



Fonte: Terceiro Cartoon. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <https://www.walldevil.com/adventure-time-landscape-wallpaper-507856/>

Anexo 35 – Primeiro Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema - Geografia

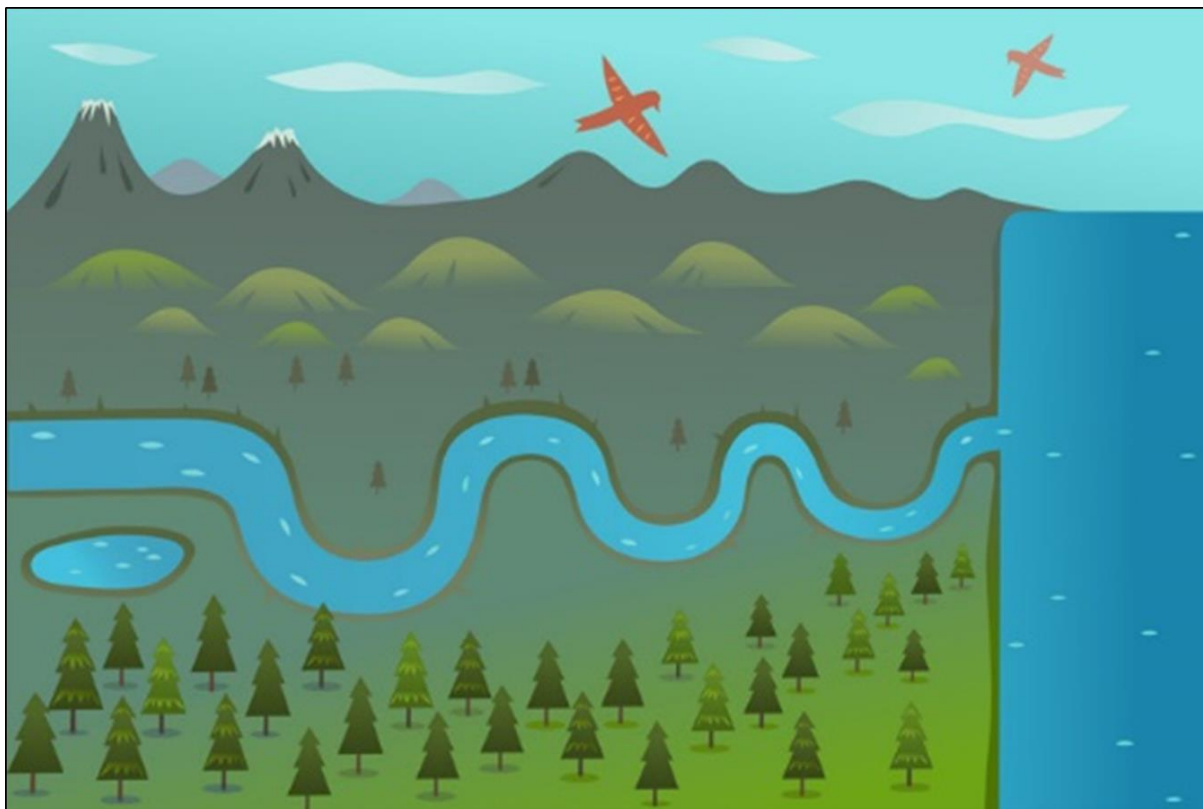


Fonte: Primeiro Cartoon. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em: <http://luciacorreia2010.blogspot.pt/2010/11/cartooncomentario-clc2.html>

Anexo 36 – Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema - Geografia



Anexo 37 – Cartoon aplicado como Recurso sobre o tema - Geografia



Fonte: Terceiro Cartoon. [Consult. 2017-09-23]. Disponível em:
<https://alexmathers.deviantart.com/art/Multi-Sign-40709240>

Anexo 38 – Primeiro Cartoon utilizado como Consolidação – Geografia



Escola Secundária
Inês de Castro
CANIBELO VILA NOVA DE GAIA
PORTUGAL



Exercício

1- Observa o cartoon, da figura 1.



Figura 1- Cartoon

Comenta o cartoon observado, tendo em conta que deves:

1. Descrever o cartoon apresentado na figura 1;
2. Associar o cartoon apresentado aos conteúdos abordados, durante a aula.

A tua resposta deverá ter **no mínimo 5 linhas**.

Anexo 39 – Segundo Cartoon utilizado como Consolidação – Geografia



Escola Secundária
Inês de Castro
CAMIDÉLO VILA NOVA DE GAIA



Exercício

1- Observa o cartoon, da figura 1.

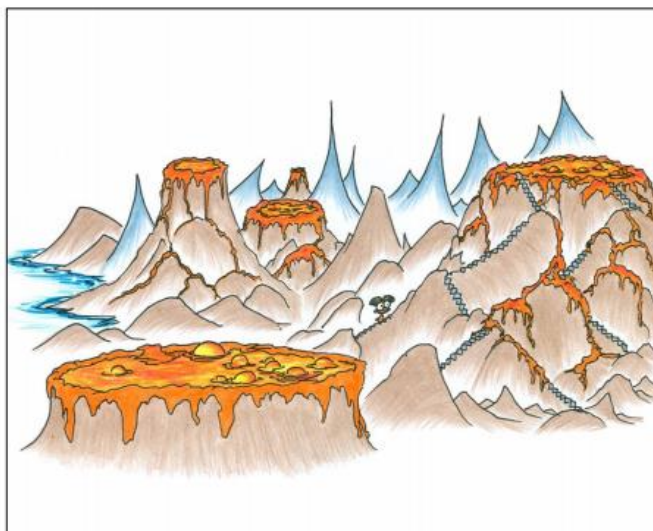


Figura 1- Cartoon

Comenta o cartoon observado, tendo em conta que deves:

1. Descrever o cartoon apresentado na figura 1;
 2. Associar o cartoon apresentado aos conteúdos abordados, durante a aula.
- A tua resposta deverá ter **no mínimo 5 linhas**.

Anexo 40 – Terceiro Cartoon utilizado como Consolidação - Geografia



Escola Secundária
Inês de Castro
CAMIDÉLO VILA NOVA DE GAIA



Escola
Voluntária
2012



PRÉMIO
ESCOLA



Exercício

1- Observa o cartoon, da figura 1.

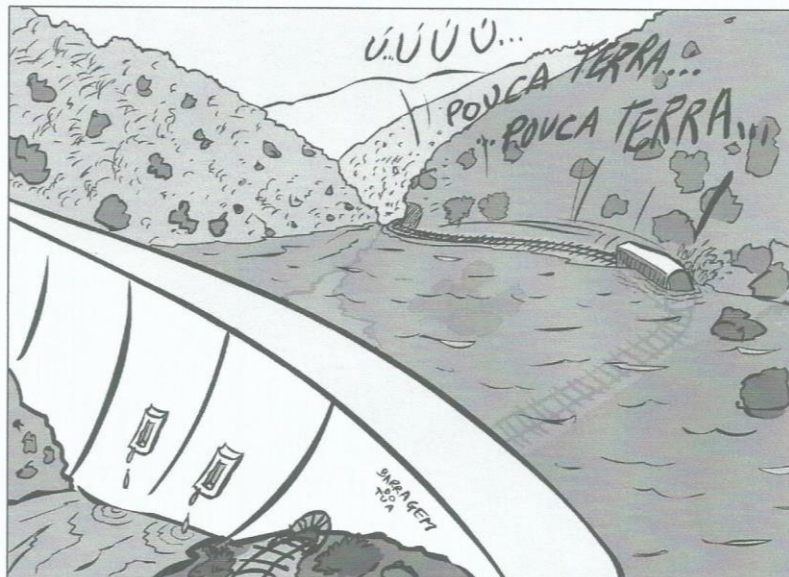


Figura 1- Cartoon

Comenta o cartoon observado, tendo em conta que deves:

1. Descrever o cartoon apresentado na figura 1;
2. Associar o cartoon apresentado aos conteúdos abordados, durante a aula.

A tua resposta deverá ter **no mínimo 7 linhas**.

Anexo 41 – Segundo questionário



Faculdade de Letras
Universidade do Porto

QUESTIONÁRIO

Este questionário realiza-se no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia, da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto e tem como finalidade compreender a importância dos recursos Banda Desenhada e Cartoon, no contexto de aprendizagem.

Os dados disponibilizados neste questionário serão recolhidos de forma anónima e analisados para fins académicos.

Agradeço, desde já, a tua colaboração!

- 1) Género: Masculino ☐
Feminino ☐

- 2) Qual destes recursos possibilitou-te uma melhor aprendizagem?

Banda Desenhada ☐

Cartoon ☐

- 3) Em que disciplina gostaste mais de trabalhar estes recursos?

História ☐

Geografia ☐

Ambas ☐

- 4) Porquê?

- 5) Com a utilização da Banda Desenhada em sala de aula, passaste a ler mais Banda Desenhada?

Sim ☐

Não ☐

- 6) Com a utilização do Cartoon em sala de aula, passaste a prestar mais atenção aos Cartoons, nos diversos meios?

Sim ☐

Não ☐

- 7) Depois da utilização destes recursos em sala de aula, consideras a Banda Desenhada e os Cartoons bons recursos para a aprendizagem?

Sim ☐

Não ☐

- 8) Porquê?
